

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**RODRIGO M. S. PINTO**

**DO PASSEIO PÚBLICO À FERROVIA: O  
FUTEBOL PROLETÁRIO EM FORTALEZA  
(1904 – 1945)**

**Orientador:  
Prof. Dr. Luigi Biondi**

**FORTALEZA  
OUTUBRO DE 2007**

**RODRIGO MÁRCIO SOUZA PINTO**

**DO PASSEIO PÚBLICO À FERROVIA: O FUTEBOL  
PROLETÁRIO EM FORTALEZA (1904 – 1945)**

Dissertação de mestrado  
apresentada ao Departamento de  
História do Centro de  
Humanidades da Universidade  
Federal do Ceará, sob orientação  
do Prof. Doutor Luigi Biondi.

**FORTALEZA  
OUTUBRO DE 2007**

**RODRIGO MÁRCIO SOUZA PINTO**

**DO PASSEIO PÚBLICO À FERROVIA: O FUTEBOL  
PROLETÁRIO EM FORTALEZA (1904 – 1945)**

Dissertação apresentada no programa de pós-graduação *stricto sensu* do Departamento de História, da Universidade Federal do Ceará. Pré-requisito para obtenção do grau de Mestre em História.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luigi Biondi  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Dr. Frederico de Castro Neves  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Dr. Paulo Fontes  
CPDOC – FGV

Para Gabriel,  
Meu amado sobrinho.

## Agradecimentos

Obrigado minha amada mãe. Você esteve ao meu lado em todos os momentos dessa vida acadêmica, da decisão do vestibular até a última linha escrita da dissertação. Você me deu forças e me fez acreditar que é possível ser um professor, um pesquisador, um historiador.

Não posso deixar de dedicar estas páginas àquele que me ajudou bastante nestes dias difíceis, quando comecei a questionar se é possível ir até o fim. Você está presente para ter fé na minha vida, meu pai.

Por mais que nossas escolhas não mais permitam sermos um casal, esta dissertação é fruto, também, do amor que tenho por aquela menina pequena, de olhos grandes e cabelos encaracolados, Raquelzinha, que sempre empenhou sua credibilidade nesse torto homem que fez parte de sua vida. Obrigado por acreditar em mim e me ensinar a ser feliz!

Este trabalho também não existiria sem estas duas pessoas incríveis que a vida me trouxe, Luigi Biondi e Edilene Toledo. O trabalho e o amor desse casal me ensinaram bastante sobre ser um Historiador e um Homem.

Agradeço ao meu primeiro orientador da graduação, Frederico de Castro Neves, por dar rumo à minha pesquisa e pelo olhar investigativo.

Verônica Secreto, que me apresentou à Luigi.

Professor Pádua, que permitiu apresentar meu trabalho da disciplina de História do Brasil IV com o tema futebol (O primeiro momento que falei sobre o tema).

Sempre grato aos professores da graduação e do mestrado que, de várias formas, contribuíram para meu crescimento intelectual.

Por fim, quero agradecer aos meus amigos, tanto do mestrado, quanto da vida cotidiana. Yacê, Eltern, Adriana, Airtton, da linha de pesquisa “trabalho e migrações”, e todos os demais que freqüentaram e debateram sobre as porventuras da vida, no horário do cafezinho. É gostoso lembrar que sempre se farão presentes nas minhas memórias desses “dois” longos últimos anos.

Obrigado, Luana Timbó, Sabrina Lima, Dayse Abreu, Seila Matos, Germano Vale, Alisson Sellaro, Roberto Ramos (Beto), Gustavo Norões, Bruno Angelim (Down), Francisco Farias (Chico), David Haluli, Andrea Spinola, Mônica Saraiva, Gustavo de Castro (Guga), Manuela Mohana e Wiliam Lial.

Minha família que está longe fisicamente, mas sempre perto no coração, Vovó Onecina, Vovó Alaide, Tia Cristina, Tia Leninha, Tia Hermelinda e as outras tias e o tio. Meus primos, Kleber, Ednaldo, Daniele, Lalá e os demais. Na memória fica guardada a lembrança dos meus avôs Otílio e Eliezer.

Meus irmãos que a vida me trouxe, Daniel (Danny Husk), Marquinhos e Samantha (Sam), meus irmãos de coração.

Muito obrigado,

Rodrigo M. S. Pinto

## Resumo

O trabalho do “Passeio Público à Ferrovia” explicita a formação do lazer desportivo em torno da bola pelos trabalhadores da cidade de Fortaleza. Podemos observar como as classes subalternas se apropriaram do esporte junto com as elites. Os lugares onde o esporte floresceu e suas especialidades não possuíam dicotomias tão acentuadas que outrora os memorialistas observaram. É clara a absorção de jogadores oriundos das classes subalternas nos times elitistas. O futebol como lazer social se espalhou entre as diversas camadas sociais.

A dissertação revela os embates sociais vivenciados pelos trabalhadores, durante as mudanças trabalhistas implicadas pelo Estado Novo. Como as elites se relacionavam antes de 1930 com os trabalhadores que jogavam futebol, e como eles percebiam esse esporte praticado por outro grupo social. Percebi posterior a “revolução de 30” as alterações no relacionamento do lazer operário, principalmente pela interferência do Estado.

O texto centraliza o olhar do historiador na trajetória de construção do time do Ferroviário Atlético Clube. Como outros clubes oriundos de trabalhadores, os ferroviários promoveram partidas no intuito de construir um lazer independente. A beneficência dos ferroviários seria uma das primeiras promotoras do futebol associativo. Essa prática instigada pelo presidente da beneficência favoreceu o surgimento do Ferroviário 14 anos depois.

O trabalho culmina com a vitória do Ferroviário Atlético Clube, em 1945, no campeonato cearense. O campeonato era promovido pela liga formada pelos times da elite. Eu chamei esse fato de uma vitória simbólica da classe operária contra a exploração do patronato.

## Abstract

The work of the “Public Stroll to the explicit Railroad” the formation of the porting leisure around the ball for the workers of the Fortaleza city. We can observe as the subordinate classrooms if they had together with appropriated of the sport the elites. The places where the sport blossomed and yours specialty didn't have so accented dichotomies that no long ago the memorialists had observed. The absorption of deriving players of the subordinate classrooms in the elitist teams is clear. The soccer as social leisure if spread between the diverse social classes.

The thesis discloses strikes them social lived deeply for the workers, during the working changes implied by the New State. As the elites if related before 1930 with the workers who played soccer, and as they perceived this sport practiced for another social group. I could realize that after the “revolution of the 30” alterations in the relationship of the laboring leisure, mainly for the interference of the State.

The text centralizes the look of the historian in the trajectory of construction of the teams of the Athletically Railroad worker Club. As others deriving clubs of workers, the railroad workers had promoted left in intention to construct an independent leisure. The beneficence of the railroad workers would be one of the first promoters of the associative soccer. This practical instigated by the president of the beneficence favored the sprouting of the Railroad worker 14 years later.

The work culminates with the victory of the Athletically Railroad worker Club, in 1945, in the pertaining to Ceará state championship. The championship was promoted for the league formed by the teams from the elite. I called this fact a symbolic victory of the laboring classroom against the patronage exploration.



## Sumário

Agradecimentos	6
Resumo	7
Abstract	8
Introdução: Bate-Bola	10
Goal	15
Entre Dribles e Táticas: Da Metodologia e das Fontes	22
Das arquibancadas se observava um jogo de domingo	27
Vai começar o futebol...	35
Capítulo 1: 1º. Quadro – O futebol em Fortaleza	36
1.1. Os primeiros chutes na bola	36
1.2. Das ruas do centro à periferia fortalezense	48
1.3. A formação da ADC uma resposta aos interesses da <i>High-Society</i>	58
1.4. O Futebol no Subúrbio: Olímpico F. Club	67
Capítulo 2: 2º. Quadro – Os Clubes Proletários	74
2.1. Times <i>versus Teams</i>	77
2.2. Valdemar Caracas: uma liderança ambígua	90
2.3. Mata-pastos contra Jurubeba: a formação do Ferroviário A. C.	97
Capítulo 3: Prorrogação: Futebol de Classe, um campo simbólico nos subúrbios	110
3.1. A “Luta” da Classe dentro do <i>ground</i>	113
3.2. O título de 1945: O final e o começo	126
Conclusão: Resenha Desportiva: todos descem as arquibancadas e voltam pra casa...	144
Fontes	149
Bibliografia	152
Anexo	156

## Introdução: Bate-Bola

“O futebol é o reino da liberdade humana exercida ao ar livre”  
(A. Gramsci)<sup>1</sup>

Venho de uma família de boleiros<sup>2</sup>, a maioria, perna-de-pau. Craque da bola mesmo só Cuíca, pentacampeão estadual pernambucano pelo time do Santa Cruz no início dos anos 1970. O ponta-direita é tio do meu pai, mesmo ele sendo três anos mais novo do que seu sobrinho. Uma família numerosa era o produto do modelo de família criado no período varguista (1930 – 1945). A filha mais velha do meu bisavô, o Senhor João Venceslau dos Santos teve meu pai com dezesseis anos, em 1944, enquanto que em 1947 viria a nascer João José Venceslau dos Santos, futuro ídolo do tricolor, ele foi 13º filho da série. “Quanto mais menino melhor”. “O Estado ajuda”, “família pobre é bem quista se for numerosa”, tudo isso significava muito mais mão de obra para as fábricas, assim era a ideologia daqueles anos de crescimento urbano-industrial no Brasil. O Estado buscava uma maior valorização do comércio interno e reformulação do mercado pós-crack de 1929<sup>3</sup>.

Cuíca foi jogar bola nas divisões de base do Santa Cruz Futebol Clube já no início da década de 1960 durante o Governo João Goulart. O Brasil já era bicampeão mundial de Futebol e o esporte estava em franco processo de profissionalização. Sua irmã mais velha já tinha se casado com um comunista que trabalhou na empresa de bonde do Recife na década de 1940. A crise econômica durante o Governo Dutra impulsionou vários trabalhadores para a informalidade. Dutra acreditava que anexando o lastro-ouro ao dólar e não ao próprio ouro, ou libra esterlina, seria mais fácil angariar investimentos para a industrialização

---

<sup>1</sup> Citação in: <http://www.efdeportes.com/efd47/futebol.htm>

<sup>2</sup> Alusão ao filme *Boleiros* de Ugo Giorgetti. Nome que se dá o aficionado por futebol, o enciclopedista popular da bola.

<sup>3</sup> Como é percebido em Dulce PANDOLFI. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

brasileira começada no governo Vargas. O que ocorreu foi o contrário, “dada à escassez de dólares nos países europeus, o que houve foi apenas uma brutal saída de capitais”<sup>4</sup>. A impressão era que o Brasil vivia gastando seus recursos com equipamentos que não o conduziram rumo à industrialização, como foi o caso da empresa Great Western Railway. Assim ressalva o historiador Carlos Fico. A situação de descontentamento com os preços e com o alto custo de vida levou trabalhadores às ruas. O chefe da família conduzia-a na dualidade da reivindicação e da necessidade da ajuda governamental para alimentação e vestuário escolar para as crianças, que em 1963 já eram sete, meu pai e suas seis irmãs. Enquanto meu pai e os seus tios iam vibrar por Cuíca e seus dribles maravilhosos no Estádio do Arruda, Vovô já tinha participado de inúmeros piquetes e greves contra o governo “ditatorial” de Getúlio Vargas e Dutra, bem como no governo “Bossa Nova” de Juscelino Kubstichek. Lembremos que a “Constituição de 1946 incorporou muito da carta corporativista de 1937, como o caráter tutelador da legislação trabalhista e as medidas restritivas de segurança nacional”<sup>5</sup>, em outras palavras, não eliminou os sindicatos corporativistas e manteve a repressão à esquerda atuante. Isso provocou inúmeras prisões para o filho de imigrante português, o Senhor Eliezer Souza Pinto (meu avô comunista), que preso ainda recebeu algumas “bordoadas reveladoras” na hora dos interrogatórios — as seqüências de maus tratos na cabeça podem ter sido a causa do Mal de Parkinson no fim da vida. Quando estourou a “revolução” de 1964, ele não podia mais sair, estava confinado e doente. O máximo de lazer era jogar as velhas partidas de “carteado” realizadas semanalmente na casa do vizinho, amigo de bairro operário (Bairro de Jardim São Paulo em Recife – Pernambuco, fundado em 1945). Diz meu pai que foi pela sua saúde que não o levaram preso como subversivo.

Tentei ilustrar um pouco a partir da experiência da minha família o contexto histórico do surgimento dos times operários dentre os quais podemos

---

<sup>4</sup> Carlos FICO. “O Brasil no contexto da Guerra Fria: democracia, subdesenvolvimento e ideologia do planejamento (1946 – 1964)”. In: MOTA, Carlos Guilherme. Viagem Incompleta. A experiência Brasileira (1500 – 2000): a grande transação. São Paulo: Editora SENAC, 2000. Pág. 172

<sup>5</sup> Idem, *Ibidem*. Pág. 169.

incluir o time do Ferroviário, fundado em 1933 (oficialmente), time-chave para a discussão nessa dissertação de mestrado. Essa história poderia ser a história de qualquer família, em qualquer lugar do Brasil, mas é a história da minha família, o suficiente para mim quando afirmo que esses são os motivos pelo interesse pessoal por esse debate entre a formação do operariado brasileiro e os times de futebol. Nasci escutando histórias de greves e das lutas dos trabalhadores do subúrbio recifense. Dentro de uma conjuntura de reconstrução do Estado Democrático, nasci no ano de 1980. Em 1984, tivemos as passeatas pelas *Diretas Já*. Contudo, foi em 1989 que eu pedia para minha mãe votar em Leonel Brizola; eu estava ludibriado pelo seu discurso pomposo e — se permite os críticos do termo — populista. Meu pai preferia votar em Roberto Freire, líder e reformulador do PCB posterior à abertura política dos anos 80. O certo era que muito novo eu já vivia os embates políticos do pensamento Vargasista e das lutas sociais da esquerda atuante da época. Os anos 30, 40 e 50 estavam muito vivos na minha experiência de vida. A experiência de vida de um sujeito é construída diante de uma conjuntura de fatos sociais que não podem ser reduzidas à sua geração, “a que Hegel chamava o ‘fardo da história’”. Le Goff complementa, “a distinção passado/presente que aqui nos ocupa é a que existe na consciência coletiva, em especial na consciência social histórica”<sup>6</sup>.

Não daria para entender o futebol dentro de mim e minhas escolhas pelo tema sem tentar entender a *trajetória* familiar. Fui incentivado desde muito novo a jogar futebol; o sonho do meu pai era poder jogar bola comigo. Ele o realizou dos 51 até seus 60 anos, nas “peladas” de fim de semana, entre amigos, como um lazer domingueiro. Numa família de boleiros e de quem toma partido, o único assunto aglutinador na mesa do jantar é sempre a bola. Ou quase!

Entretanto, o que levou os jogadores da década de 1930 a jogar futebol?

O trabalho “Do Passeio Público à Ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza (1904 – 1945)” é fruto de uma pesquisa de Mestrado na Pós-Graduação em História da UFC (Universidade Federal do Ceará). Posso dizer que essa

---

<sup>6</sup> Jacques LE GOFF. “História e Memória”. Campinas – SP: Editora Unicamp, 1996. Pág. 204

dissertação é uma continuação dos trabalhos produzidos na graduação em História, quando tentei demonstrar o processo de popularização e cotidianização do futebol na sociedade fortalezense. No final da década de 1920, começam a surgir times suburbanos que não fazem parte do contexto central elitista da cidade de Fortaleza, o que evidencia uma proliferação do futebol nas camadas menos abastadas da sociedade local.

A dissertação que segue tenta reconstruir os primeiros momentos em que a bola de futebol chegou aos trabalhadores, como eles perceberam o novo esporte e como, a partir de então, apropriaram-se e associaram-se em torno de uma prática de lazer que era exclusiva da elite.

Esse lazer proletário começa a surgir baseando-se no contexto do lazer local, o que Carlo Ginzburg explica ser uma circularidade da cultura<sup>7</sup>. É como se quiséssemos descobrir no outro, o “eu”, como tentou explicar Todorov na descoberta da América pelos Europeus (descoberta não no sentido de encontrar, mas de conhecer, aprender, significar): “posso conceber os outros como abstração, como uma instância de configuração psíquica de todo o indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a *mim*. Ou como grupo social concreto ao qual *nós* não pertencemos”<sup>8</sup>. O olhar do outro percebe a distribuição dos “*eleven*”<sup>9</sup> no meio do campo improvisado no terceiro plano do passeio público. São vinte jogadores que podem conduzir uma bola de couro com os pés enquanto notam que ficam dois jogadores especiais, um para cada lado, e a eles é dado o direito de interceptar a bola com a mão, evitando que ela entre no quadrilátero construído para esse fim, o objetivo, o *goal*. Mais uma vez, o descobrir de Todorov nos leva a refletir que: “Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que

---

<sup>7</sup> Para melhor compreender, ler a introdução de: Carlo GINZBURG. “O Queijo e os Vermes”. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>8</sup> Tzevtan TODOROV. “A Conquista da América: A Questão do Outro”. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Pág. 3

<sup>9</sup> Nome que usualmente se utilizava para definir o time de futebol, um *eleven*, do inglês, um “onze”, o que posteriormente passou a ser chamado de uma “onzena”. Como estou me referindo a mais de um time é possível colocar numa forma plural porque o nome não se refere a um numeral, mas sim a um substantivo.

não é si mesmo; eu é um outro”<sup>10</sup>. O outro, o espectador, alheio às regras, observa no intuito de entender, rir com as quedas, sorrir com o sorriso de felicidade com o gol anotado para um dos lados. Admirado pela peleja, toma partido por uma das cores, que é vermelha ou preta, mas também torce e, torcendo, aprende a gostar do jogo que ainda não lhe pertence. O direito de olhar é concedido, pois os jogos são realizados em praças públicas e ninguém pode impedir que os olhares alcancem as distâncias estabelecidas pelas cordas. Elas empatam a passagem daqueles que querem estar mais próximos da peleja. De regras fáceis, o futebol logo é popularizado. As regras são ditas para os amigos que dizem para os seus amigos que fazem questão de dizer para outros amigos e conhecidos... O *foot-ball* já não pertence apenas a *high-society*. É jogado por trabalhadores na sua “construção” em 1904. A partida oficial é um contraste demonstrado sutilmente na fala dos memorialistas. Com a oficialização do Ferroviário em 1933 está claro que o futebol também pertence à classe obreira. Como será esse processo de apropriação, reconstrução de valores e simbologias? O que é o Futebol Operário?

Na década de 1930, nascia o Ferroviário Atlético Clube. Oficializado pelo senhor Valdemar Cabral Caracas<sup>11</sup> em 1933, o Ferroviário se transformou em um dos clubes mais expressivos do Brasil na sua categoria de origem. Sem exagero nenhum, é um dos poucos times oriundos da ferrovia que ainda resiste sem receber grandes influências externas, grandes investimentos de empresas, como é o caso do Paulista, de Jundiaí-SP e do Paraná Futebol Clube, o último é advindo de uma ramificação de clubes que para, não fechar suas portas, se uniram. Na cidade de Fortaleza, ele é um time de bastante carisma, sempre bem quisto pela torcida adversária, que não constrói sentimentos de rivalidade e agressividade contra o Tubarão da Barra<sup>12</sup>. Ele é visto hoje como ícone do time de

---

<sup>10</sup> Tzevtan TODOROV. “A Conquista da América: A Questão do Outro”. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 7

<sup>11</sup> Valdemar Cabral Caracas era escriturário da Rede de Viação Ferroviária e encarregado pela diretoria para entrar em contato com os operários-jogadores de futebol que estavam usando o nome de Ferroviário para partidas amistosas no subúrbio durante os fins de semana e em intervalos da hora de trabalho. O intuito da Companhia era criar um time de futebol “ordeiro”.

<sup>12</sup> Apelido carinhoso posto pela torcida ao time do Ferroviário.

trabalhadores, contudo, fundado em meio ao Estado Vargasista, ele era apenas mais um time de trabalhadores que nasceria naqueles anos.

### **Goal**

Então, o que pretendo analisar está, exatamente, vinculado ao processo de formação dos clubes operários, o que dividi em três objetivos ou, como diria no linguajar futebolístico aporuguesado do inglês, três gols<sup>13</sup>:

Um desses objetivos é compreender como o Futebol se inseriu na organização social do trabalho, ampla e heterogênea, em Fortaleza. De modo geral, as relações de trabalho e os empreendimentos corporativistas são instigados com a “Revolução de 1930”. A estrutura do futebol sofre mudanças significativas no seu processo de formação. “os intelectuais [do Estado Novo] procuram intervir nessas práticas populares de modo a estabelecer cidadãos em nova realidade e ordem social”<sup>14</sup>. As mudanças sociais e urbanas no Brasil tornam-se mais intensas. “Seria mesmo a copa de 1938, no entanto, que marcaria de forma definitiva a aproximação do governo de Getúlio Vargas com o futebol. Por ter concedido à delegação brasileira uma subvenção de 200:000\$000”<sup>15</sup>.

Os clubes arraigados aos valores aristocráticos minaram o crescimento dos times suburbanos e dificultaram sua inserção no campeonato produzido por eles, como tentei demonstrar na minha monografia de conclusão de bacharelado em História. Mostrei que a fundação da ADC (Associação Desportiva Cearense), em 1920, confirmava que, dentro do processo de organização do *foot-ball* local, o esporte tendia a fechar mais ainda o círculo dos seus praticantes. Essa análise ganha confirmação quando observamos que os *sportmen* Raimundo Girão, Alcides Santos e Sílvio Gentil, filhos “ilustres” da cidade, foram os principais

---

<sup>13</sup> Goal em inglês significa objetivo, adaptado para o português remete a conclusão do objetivo buscado em campo, o Gol.

<sup>14</sup> Lauro CAVALCANTI. “Modernistas, Arquitetura e Patrimônio”. In: Dulce PANDOLFI. Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. pág. 181.

<sup>15</sup> Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA. “Foot-ballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000. Pág. 336

encabeçadores do movimento de fundação da Associação que pretendia promover o futebol no estado.

O que se percebe é um futebol elitista e com discriminações contra os setores não abastados da sociedade, afugentando os praticantes desse futebol dos documentos oficiais da ADC, mas não impedindo a organização de jogos nos subúrbios e nos quintais das fábricas — como é o caso do Ferroviário, time mais visado na minha pesquisa. O time da RVC (Rede de Viação Cearense), segundo conta o próprio Valdemar Caracas, “nasceu de jogos na Estação do Urubu, enquanto os funcionários esperavam pelo turno extra”. Essa versão é, em parte, uma construção mitológica, como iremos abordar no segundo capítulo. A dimensão do jogo próximo aos espaços de trabalho, identificado no discurso do senhor Caracas, nos remete a perspectiva sugerida por Eric. J. Hobsbawm de que o futebol participa da formação das experiências da classe, compreendendo a construção das associações agremiativas e dos espaços de sociabilidade do proletário. “O operário se identificava com seu time contra o resto do mundo”<sup>16</sup>. Era o time operário que dimensionava a expressão da classe, pois “o futebol tornou-se o tópico principal da conversa social do bar, uma espécie de língua franca das relações sociais entre os homens, ele tornou-se parte do universo de todos os operários”<sup>17</sup>.

O espaço construído pelos trabalhadores de Fortaleza culmina no surgimento de jogos suburbanos. Eu, particularmente, ainda não me atrevo a afirmar a existência de uma liga suburbana, pois compreendo como Liga a organização de membros em torno de um interesse comum, no caso do futebol, da realização de um campeonato. O que eu encontrei foi a existência de jogos realizados por times não pertencentes à Associação e fora do círculo social elitista da cidade. E alguns jornais passaram, no final da década de 1920 e início da década seguinte, a noticiar, quase que diariamente, os placares e as chamadas

---

<sup>16</sup> Eric J. HOBBSAWM. “O Fazer-se da Classe Operária, 1870 – 1914”. In: IDEM, *Mundos do Trabalho: Novos Estudos Sobre a História Operária*. São Paulo: Paz e Terra, 3ª. Edição, 2000. Pág. 291.

<sup>17</sup> Idem, *Ibidem*, pág. 294.



dos jogos praticados no subúrbio fortalezense. É o caso do jornal “A Razão” com a coluna “Razão Desportiva”. Esse debate nos leva ao segundo objetivo.

Outro ponto que pretendo abordar nesse trabalho é identificar os principais clubes operários da cidade de Fortaleza, quais são os times que são compostos por trabalhadores e, conseqüentemente, construir um mapa urbano de como estavam organizadas essas agremiações, diferenciando os times oriundos do espaço de trabalho elaborados para uma busca do lazer e tática de resistência ao trabalho dentro do seio fabril, dos times de trabalhadores heterogêneos que praticavam o esporte também como lazer nos fins de semana apenas como prática lúdica. Os dois casos favoreceram a interação dos trabalhadores, mas enquanto o primeiro time era formado a partir da fábrica o segundo era realizado como fuga dela. Partindo dessa premissa, conjecturamos sobre as possibilidades de como esses times se inseriram na sociedade local. A hipótese construída nos levou a duas possibilidades que estão correlacionadas com a origem do time.

A primeira possibilidade é da tentativa de inserção dentro do futebol local promovido pela ADC, como parte da sublevação da Classe. Participar da Liga é poder lutar de igual para igual contra a *high-society*, utilizar-se dos seus espaços. Para melhor entender, eu prefiro fazer uma comparação social utilizando o Passeio Público no contexto da *belle époque* e sua segregação social, como cita Sebastião Rogério Ponte, no capítulo “A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle” do livro “Uma Nova História do Ceará”:

[...] o passeio era um lugar para todos [...] mas separadamente. O logradouro possuía três planos; entretanto não havia nenhuma determinação oficial reservando para cada um para as três distintas classes sociais. O fato é que acabou acontecendo “naturalmente”, no dizer do cronista da época. Mais plausível considerar que essa separação se deu por força do segregacionismo social reforçado pela onda modeladora que beneficiava especificamente a área central urbana, espaço onde as elites residiam e detinham primazia.<sup>18</sup>

O que não impediu que o espaço fosse de conflito entre a burguesia local e os populares, como também posteriormente, um conflito pela manutenção

---

<sup>18</sup> Sebastião Rogério PONTE. *A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle*. In: SOUZA, Simone de. *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. Pág. 170 e 171.

da ordem contra a degradação social. O time operário é parte do espaço de trabalho, parte de uma tática de resistência do trabalhador à exploração da produção. Assim, o dito, degradado, feio, também se sentiu no direito de participar e é por isso que “lutou” pela sua inserção nos mesmos espaços dos que detinham os meios. O caso do futebol é tão comum como os demais, também ocorrem conflitos sociais e, simbolicamente, a bola é o objeto de desejo e vislumbre de todos. Os donos da bola não concebiam a idéia de deixar qualquer um tocar no seu desejo material. Nas horas de folga, encontravam os operários uma forma de se sociabilizar e o esporte já praticado nos subúrbios e nos embates entre burguesia e populares, já anunciadas nas entrelinhas das primeiras partidas ocorridas no terceiro plano do Passeio Público<sup>19</sup>, passou a fazer parte corrente da vida operária.

A segunda possibilidade refere-se ao time do fim de semana. Seu surgimento não pode ser isolado em relação aos demais, mesmo ele buscando construir uma realidade à parte. Vale ressaltar como Michel Ralle percebeu a festa militante na Espanha, um paralelo para nosso caso:

As imagens mais comumente evocadas do lazer operário sob a *Restauración* — excursão dominical e familiar, freqüente no *Gênero chico* [Espetáculo Teatral (e gênero teatral) que compreende obras musicais leves, ligeiras.] e *jira* [Banquete ou piquenique festivo, geralmente campestre] militante, prudentes distrações oferecidas pelas Casas Del Pueblo [Casas do Povo] ou os “centros” operários — sugerem evasão ou isolamento e não inserção na comunidade territorial clássica.<sup>20</sup>

O que tentei conjecturar? Se existiu o sonho de crescimento do time para a participação nos grandes campeonatos, provavelmente esse interesse foi ínfimo ou disperso. A priori, porque esse time foi apenas uma construção momentânea que tendeu a deixar de existir no final das partidas. Enxergamos a construção de um lazer domingueiro para os operários.

---

<sup>19</sup> Para melhor perceber os embates sociais em torno da bola nos primeiros anos do século XX em Fortaleza, ver minha monografia: Rodrigo M. S. PINTO. Fortaleza da Pelota: do *Foot-ball high-society* ao Futebol Proletário (1904 – 1934). Fortaleza: Monografia de Bacharelado em História – UFC, 2004. Capítulo 1: Futebol no Passeio Público, Futebol em Fortaleza.

<sup>20</sup> Michel RALLE. “A Festa Militante: o espaço festivo dos operários diante da identidade social (Espanha, 1850 – 1920)”. In: Cláudio BATALHA, Fernando Teixeira da SILVA, Alexandre FORTES (org), *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2004. Pág 75

Gramsci não conseguiu observar que o futebol pudesse dar certo como esporte das massas, em 1919 na Itália, pois o futebol ainda não cabia na espacialidade da vida cotidiana obreira de um país em transição para o capitalismo fabril, o carteadado para ele tinha muito mais significado, pelo seu caráter complexo, o jogador tinha que estar preparado para blefar, lutar, resistir; na Itália do início do século era comum uma jogatina de cartas acabar na “faca”<sup>21</sup>. A elite burguesa conceituava que essa situação não podia ser imaginada durante uma partida de Futebol. Não é a toa que meu avô sempre preferiu o carteadado ao jogo burguês! O esporte oriundo da Inglaterra estava permeado por valores da *gentle*<sup>22</sup>, uma característica burguesa. Gramsci não estava errado em 1919<sup>23</sup>, ele só não conseguiu antever que o capitalismo engrenasse de tal forma que uma década depois o mesmo esporte burguês já estaria disponível ao lazer dos trabalhadores e jogar futebol era muito mais que elaborar uma prática social “civilizada”. Reflexo da objetividade do mundo moderno, o esporte concebe uma prática de elaboração do homem disciplinado. O interessante é que os seus jogadores passaram a utilizar a atividade física para uma dimensão lúdica do final de semana. Isso não quer dizer que o esporte tenha sido apropriado por todos, todavia passava a fazer parte do cotidiano social das demais classes sociais. Era um espaço de lazer que a *priori* estava destinado a aglutinar os pares e desenvolver uma socialização e um descanso para aqueles que passavam a semana dentro de uma longa jornada de trabalho, seja dentro de fábricas ou em outros serviços terciários. Jogar futebol aqui não é visto como um processo competitivo, mesmo que o período marque a solidificação dos campeonatos do futebol profissional, mas se assemelha bastante com a idéia trazida pelos filhos ilustres da cidade de fortaleza no início do século, como é o caso de José

---

<sup>21</sup> Antônio GRAMSCI. “Escritos Políticos (1910 – 1920) v. 1”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

<sup>22</sup> Termo usado na época para referir ao cavalheirismo social, tão qual a tradução para o português. No dicionário Michaelis o significado está como: nobre, digno.

<sup>23</sup> Interessante que no ano em que Gramsci estava escrevendo seus “Escritos Políticos” e dedicava um capítulo dele para o Futebol é o mesmo ano que o Brasil ganharia seu primeiro título internacional.

Silveira<sup>24</sup>, que vivenciava um futebol lúdico e, além disso, com intenção de desenvolver a idéia do culto ao corpo.

A FIFA (*Federation International of Foot-ball Association*), hoje em dia, prega como *fair-play* um jogo limpo, sem trapaças, sem violência e com respeito ao adversário. Mesmo que esse discurso seja contraditório ao esporte de alto nível praticado com intencionalidades determinadas de vitória e conquista de títulos a qualquer custo. O discurso está bastante longe da prática, ele tenta reavivar a memória do esporte construído no início da modernidade.

Podemos dizer que, mesmo sendo o futebol um esporte em franca popularização no meio dos trabalhadores, a forma como ele é praticado não é única, respeita uma diversidade de significados. A maneira como ele é visto pelos trabalhadores é o que busco perceber ao longo desse trabalho, o futebol pode ser visto como um signo de representatividade da classe, como, também, um deturpador da ordem militante dos trabalhadores.

Um último ponto dos objetivos traçados: como compreender a importância do time para os trabalhadores? O mais difícil da pesquisa foi olhar através dos trabalhadores o sentido que eles davam para o time operário, porque temos poucos depoimentos de trabalhadores da época, ou de jogadores dos times. O que vamos ter é o testemunho de José Cândido e Manoelzinho<sup>25</sup>. O primeiro jogou no Ceará Sporting Club, mas não podemos inseri-lo no contexto de jogador-operário. Enquanto o segundo jogou no Ferroviário de 1946 até a década de 1960, definitivamente, um jogador-operário. Manoel recebia como funcionário da Estrada de Ferro, mesmo tendo sido contratado para *a priori* defender o Time da Barra. José Cândido nos revela um pouco da geografia social do esporte durante os finais da década de 1930 e início da seguinte. Manoelzinho nos traz à tona as relações de trabalho dentro do time do Ferroviário, mesmo ele só participando do elenco apenas no período posterior as nossas “balizas”. Entre

---

<sup>24</sup> Descrito pelos memorialistas como o Elo entre o futebol europeu e o nascimento do esporte na cidade de Fortaleza. Seria ele que de volta a viagem de estudos a Europa trazia consigo o livro de regras e uma bola de couro nº. 05

<sup>25</sup> Manoelzinho foi jogador do Ferroviário de 1946 a 1961, ele foi um típico exemplo de jogador-operário, contratado por Valdemar Caracas para jogar o campeonato de 1946 foi inserido dentro da Rede de Viação Cearense com o ofício de soldador. Ofício que aprendeu dentro da Companhia

outros depoimentos, conseguimos chegar a pessoas ligadas ao meio desportivo, como o caso de Alberto Damasceno, atual presidente do América e radialista na década de 1940, como também, Airton Fontenele, escritor e boleiro. Com resolver o impasse de não ter o relato dos jogadores durante o período estudado? Conheci durante a pesquisa, o senhor Valdemar Cabral Caracas, ex-escriturário da Rede de Viação Cearense, e o organizador do FAC (Ferroviário Atlético Clube), eu o descreveria como o Mito-Fundador, semióforo<sup>26</sup> do Ferroviário. O relato do boleiro é visto por mim como um norte para o diálogo das 'pistas deixadas' pelos jogadores do Ferroviário, na formação da classe e da agremiação desportiva, possibilitando a construção do cotidiano dos jogadores-operários. Vale ressaltar que é através do olhar do senhor Caracas que consigo enxergar, inicialmente, quem são os atores sociais que compuseram o Ferroviário no seu processo de formação. Claro que isso não o coloca como um operário-jogador, mas transporta nosso olhar para o olhar de quem os via. É necessário filtrar as palavras e as lembranças do homem de 99 anos que ressalva aqueles dias de ouro e é nessa filtragem que começamos a enxergar Zimba, um dos primeiros ídolos do Ferroviário, ou até mesmo João Bombeiro, um dos jogadores do primeiro título estadual do Tubarão da Barra, em 1945.

É importante refletir a respeito da utilização dos espaços agremiativos, área de lazer oficial da corporação pelos operários. Se esses operários passaram a se identificar com o espaço introduzido de forma que rompe a normatização do espaço fabril para viabilizar um lazer até então transgressor do sentido do trabalho. Outro ponto importante que devemos observar é se eles fizeram apropriações do uso e do sentido que o time de futebol é imposto para eles pela fábrica. As simbologias dos clubes fabris escondem dentro da sua usualidade pertences da luta operária. No caso do Ferroviário, iremos aprofundar posteriormente o sentido da cor rubro-negra com listras brancas no seu uniforme principal. A versão de Valdemar Caracas e a explicação para a escolha geram dúvidas quando ele afirma ter escolhido essas cores por simpatizar pelo São

---

<sup>26</sup> Faço referência à idéia de mito-fundador exposto no trabalho de Marilena Chauí a respeito da fundação do Brasil. In: Marilena CHAUÍ. "Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária". São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

Paulo Futebol Clube, fundado em 1934, mesmo o Ferroviário sendo fundado oficialmente em 1933, um ano antes. Então o que dizer das cores, havia outro padrão de cores para o uniforme ou era esse que sempre seguiu o time da Ferrovia? Devemos lembrar que outros times Ferroviários acabaram escolhendo o mesmo padrão de cor, como é o caso do Ferroviário do Paraná, que hoje é um dos times que constituem o atual Paraná Futebol Clube, como o antigo Ferroviário de Jundiaí que hoje seria o Paulista Futebol Clube; será que a simbologia revestida em uniforme é apenas um detalhe despercebido na construção dos clubes operários?

## **Entre Dribles e Táticas**

### *Da metodologia e das fontes*

Uma das grandes problemáticas enfrentadas desde o início da pesquisa, até mesmo quando eu estava pesquisando para a elaboração da monografia de fim de curso foi encontrar fontes que tratassem explicitamente de futebol. O esporte bretão é tratado com pequena relevância, fato secundário ou terciário para a sociedade local. O que ocorre? Voltemos a Gramsci. O esporte é reflexo de uma sociedade capitalista moderna, bem quisto em rodas sociais de uma sociedade capitalista desenvolvida. Contudo, Fortaleza ainda dá nuances desse desenvolvimento pró-capital liberal, mesmo recebendo os impactos do crescimento da indústria têxtil do algodão, a cidade ainda diminuta é reflexo dos costumes do mundo rural, sendo assim, muito mais propícios aos jogos “rudimentares”.

A escassez de fontes me jogou na busca de uma variação documental e, necessariamente, a um estudo aprofundado do uso de determinadas metodologias, como no caso da fonte oral e visual. A bibliografia primária recaiu por afinidade e disponibilidade, não havendo nenhum juízo de valor a respeito dos autores. Escolhi trabalhar a fonte visual a partir do texto lido de Jeziel de Paula, *1932: Imagens da Revolução* e de Boris Kossoy, *Fotografia & História*, enquanto

que depois de lido o *Massacre de Civitella*, de Alessandro Porteli no livro *Usos e Abusos da História Oral* organizado por Marieta Ferreira e Amado, aproximei-me do diálogo com o método indiciário de Ginzburg, uma conectividade com a História Oral vem à tona. Entendemos que a elaboração do discurso memorialista é uma fonte documental importantíssima na reconstrução das relações sociais vividas pelo personagem, quanto das pessoas que ele observa. A memória é seletiva na essência. Por isso, cabe ao Historiador perceber essas nuances delicadamente expostas pelo interlocutor, que aqui não é mais um escritor, mas passa a ser um entrevistado. Basta lembrar que Menocchio foi inquirido pelo Santo Ofício no final do século XVI, como também, por Ginzburg na década de 1970<sup>27</sup>.

O uso dessas autobiografias “constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos (...) se transmitem à historiografia”<sup>28</sup>. Pois, Giovanni Levi percebe que “nenhum ser humano deixou jamais de ter percepção não apenas de seu corpo”<sup>29</sup>. É nesse momento que o Historiador compreende que as relações do corpo individual com os seus pares são parte da construção da sociedade, em relações antagônicas ou sincrônicas. Raimundo Girão e Barão de Studart estão indiscutivelmente deixando um legado de informações das suas vidas pessoais, como também, sociais. Quero refletir como as relações sociais agem nas relações dos seus pares e conseqüentemente, como a fala e a organização dos grupos detentores dos meios de produção da memória conseguiram negar os demais grupos. Os grupos silenciados, provavelmente, são os formadores dos times suburbanos e operários. Como salientava Valdemar Caracas, “Eu mandava meus olheiros irem ver os jogadores no subúrbio, e depois eu ia dar o aval, dava emprego na RVC e ele ia jogar pelo ferroviário.”<sup>30</sup> Como se formou essas equipes no subúrbio fortalezense?

---

<sup>27</sup> Assunto de que trata o livro de: Carlo GINZBURG, *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>28</sup> Giovanni LEVI. “Usos da Biografia”. In: Marieta de Moraes FERREIRA & Janaína AMADO. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. Pág. 168.

<sup>29</sup> Idem, *Ibidem*. Pág. 170.

<sup>30</sup> Entrevista com Valdemar Caracas a Rodrigo M. S. Pinto, realizada na casa do próprio entrevistado, residente na rua Soriano Albuquerque no Bairro Dionísio Torres, cidade de Fortaleza, CE no dia 17/04/2005.

Vale ressaltar a figura de Frederico Maia<sup>31</sup> como reminiscência de como os cearenses na década de 1950 já observavam sua própria história futebolística. O que pretendo expor com Frederico Maia é tentar resgatar de seus relatos da formação do futebol cearense a inserção do discurso elitista do surgimento do futebol proletário, e perceber até que ponto a elite estava preocupada com essa inserção. Percebemos que o discurso do Senhor Maia é reflexo de uma elite local — embora ele seja um baiano, ele representa os interesses da *high-society* local — intencionada em apenas exaltar sua própria história, que no máximo percebe os demais grupos como parte marginal da sua própria construção. Maia chegou a Fortaleza nos primeiros anos posteriores ao título do Ferroviário no campeonato cearense. A memória estava “fresca”. Qual suas intencionalidades em exaltar “A Verdadeira História do Futebol Cearense”<sup>32</sup>? Alguém estava contando uma história mentirosa? A ascensão dos times proletários na cidade, suas vitórias e títulos motivavam a elite local a ratificar através da história seu devido lugar na formação do futebol cearense em lugar dos times emergentes? Acredito que esse seja a grande problemática que essas fontes revelam.

É necessário deixar claro que meu intuito com a documentação oral não é produzir uma documentação complementar, em relação à escassez de fontes dos grupos sociais subalternos, mas é possível ver resquícios da fala dos ferroviários, dos jogadores, na documentação oral e criminal. Por isso, tento usar o discurso de Valdemar Caracas, Alberto Damasceno e Manoelzinho para tentar construir as relações sociais durante o processo de transformação do futebol semiprofissional e do futebol de classe. Não podemos acreditar que o uso da História Oral passa por uma redução documental, a ponto de vê-la apenas como um complemento da falta de fontes escritas.

A idéia do uso das fotos como fonte partem do pressuposto de que elas servem para o Historiador muito mais do que simples aparato visual. Um documento vastíssimo que possibilita comprovar intencionalidades. Os uniformes dos times operários representam simbologias; assim como a forma de se

---

<sup>31</sup> Frederico Maia era um engenheiro baiano que veio a cidade de Fortaleza a trabalho e, também, escreveu um livro de memórias sobre a história do futebol local.

<sup>32</sup> Frederico MAIA. “A Verdadeira História do Futebol Cearense”. Fortaleza: Edição Própria, 1955



posicionar diante da foto demonstra a disponibilidade dos jogadores diante da prática desportiva. Além do mais, a posse da máquina representa um poder social, pois o custo de tê-la e mantê-la propicia identificar os grupos sociais. A maioria das fotos expõe times elitistas e uma minoria capta os clubes operários. A idéia de usar esse tipo de fonte recai sobre o aspecto de analisar o comportamento dos cidadãos diante da “pelota”. Podemos também afirmar que o manuseio das câmeras fotográficas ainda na cidade de Fortaleza não é da ação popular, podendo estar guardado o direito de ser fotografado para uma pequena parcela da sociedade. Exemplo: o caso da foto do ano de 1939, encontrada no segundo capítulo, provavelmente a primeira foto do time da ferrovia. Então, por que faltam fotos do Ferroviário antes da sua inserção no campeonato cearense, mesmo ele sendo fundado em 1933? Acredito que foi essa a grande problemática a respeito desse tipo específico de fonte que travei, sempre tentando achar novos indícios.

Por último e não menos importante, resolvi falar sobre as fontes escritas: jornais, periódicos, documentação funcional e a Internet. Vale salientar que a ordem de apresentação a seguir não explicita o grau de importância, apenas uma escolha pessoal para facilitar a explicação da metodologia.

Primeiro vamos pensar a respeito do uso do jornal que servirá como parte elucidativa para compreender como o Futebol operário estava interagindo com a sociedade local, anunciando jogos e campeonatos, como também denunciando práticas de deturpação da ordem. O jornal serve no tocante ao uso da fonte como um espaço informativo dos ocorridos na cidade de Fortaleza. É por ele que podemos observar a participação efetiva e a inserção dos times proletários, principalmente o Ferroviário, no campeonato cearense. Como a sociedade reagia diante da participação de times, até então, suburbanos que passavam a dividir o espaço com os detentores do centro social da cidade? O interessante de trabalhar os jornais é compreender sua parcela informativa a respeito do futebol. Se no princípio os redatores põem o resultado das partidas no intuito de ocupar espaços vazios, eles percebem que as tiragens passam a serem mais significativas, fazendo com que as edições tenham uma coluna específica para o esporte. O esporte ganha com isso os especialistas, profissionais pagos

para noticiar sobre os times de futebol e jogos locais. E como esses profissionais estão atuando? É necessário compreender de qual corpo social os jornais em questão fazem parte.

A escolha da periodização para analisar os periódicos é uma busca na intenção de encontrar os primeiros relatos de trabalhadores jogando futebol. e se o Olímpico Futebol Clube surge em 1919 e o Ferroviário Atlético Clube oficialmente em 1933, é possível acreditar que existam relatos de jogos ou distúrbios relacionados com a bola nos anos anteriores, como veremos nas partidas em 1914 e 1904 descrita pelo jornal e pelos memorialistas, respectivamente. O final da periodização fica no ano de 1945. Uma escolha um tanto pessoal, mas cheia de ressonâncias interessantes para o caso estudado, é o ano do título estadual do Ferroviário, ao derrotar o Maguary, conhecido como “Os Príncipes”, time que no ano seguinte some do cenário futebolístico para ficar recluso ao meio de festas sociais. Como a data de balizamento indica o fim do período do Estado Ditatorial de Vargas. Não impossibilita, entretanto, que fuçamos à regra, como é o caso do jornal “O Povo” de 1977, que faz referência à conquista do título de 1945 como o processo de formação do clube operário.

No intuito de produzir um texto que conseguisse interagir entre o vocabulário acadêmico e o vocabulário popular do futebol, tentei inicialmente expor as divisões em capítulos e sub-capítulos de forma que os nomes escolhidos estivessem relacionados com o futebol. Não é meu intuito desrespeitar o viés acadêmico do trabalho, contudo é tentar buscar nas palavras do cotidiano social da pelota uma forma mais adequada para falar daquilo que é um ato comum à sociedade brasileira. Os escritos aqui deixados são de uso acadêmico, de fato, mas não nos impossibilitam de pensá-lo como um todo dentro de uma sociedade heterogênea. Por isso tentei não rebuscar muito nas palavras, pelo menos nos atrativos. O que for de fato necessário não pode ser retirado, pois aqui não temos os recursos editoriais que Ginzburg teve ao compor o “Queijo e os Vermes”, nem muito menos nos cabe colocar as notas de rodapé e de texto no fim do livro, para que o leitor leigo perceba o texto como um romance. A minha intenção na produção da dissertação não chega a tanto, apenas sugere uma leitura com

recursos literários, comuns às produções mais novas. O recurso literário torna-se bem visível no tratamento da documentação oral, quando buscamos criar um discurso direto, bastante influenciado pelas leituras de José Saramago e suas alusões ao mundo capitalista moderno em “A Caverna”<sup>33</sup>.

Para facilitar a leitura das notas de rodapé, para cada abertura de capítulo pode-se observar a contagem das notas com a numeração renovada.

### **Das arquibancadas se observava um jogo de domingo**

Como salientamos no sub-item anterior pretendemos dividir os capítulos em nomes mais propícios ao debate em torno da bola, fazendo referência ao tempo em que os cidadãos já desfrutavam do Campo do Prado, estádio construído pelo governo, com direito a arquibancadas fixas para assistir aos “quadros”; no primeiro quadro jogavam o time principal e no segundo o time “reserva”. A denominação primeiro e segundo quadro manteve-se até a década de 1970, quando o campeonato brasileiro instituído pela ditadura militar e divulgado pelos meios de comunicação de massa inseriu a simbologia de primeiro e segundo tempo de partida. A simbologia do jogo foi assimilada a ponto de a mudança completa dos jogadores do quadro principal pelo secundário se perder para as substituições de dois atletas já praticadas nos jogos profissionais desde a década de 1960. Nesse tempo a ditadura já usava o futebol para “tanger” a sociedade desgostosa, um agrado por uma obediência. Em 1979, o campeonato brasileiro de futebol chegou a ter 98 times inscritos, enquanto que anos antes era melhor deixar de lado os times pobres, pois o campeonato era só para a elite local. Da fundação até a sua inscrição em 1939, o Ferroviário jogou nos campos da várzea da cidade. Vitórias e derrotas computadas pelas memórias daqueles que morreram, que aumentaram um gol para lá ou para cá, o certo é que a documentação oral ficou perdida, pois muitos daqueles que assistiram sumiram da

---

<sup>33</sup> José Saramago. “A Caverna”. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

vida cotidiana do futebol de Fortaleza, entraram para o anonimato ou morreram sem ser homenageados pela sua torcida.

Dividimos os capítulos que ficaram denominados como:

*Capítulo 1: Primeiro Quadro: o futebol em Fortaleza*

Pretendemos mostrar nas primeiras linhas a formação do futebol local, apenas para nos nortear sobre o processo de assimilação do futebol pela sociedade fortalezense. A minha monografia de conclusão de Bacharelado em História é a porta de diálogo com esse primeiro capítulo. Como esse esporte foi apropriado pelos agrupamentos sociais e como eles se utilizaram do futebol. Compreender como decorreu o avanço do esporte na cidade, a circularidade da cultura<sup>34</sup> futebolística entre os abastados e os trabalhadores. Se foram os “filhos ilustres” da cidade que trouxeram o esporte da Europa para a prática no Passeio Público, foram também eles que “sem querer” inseriram o esporte bretão no cotidiano da sociedade local e podemos afirmar que todos os grupos sociais iriam observar a nova prática de lazer e iriam dimensionar dentro da sua realidade o futebol. O que proporcionou a assimilação pelas classes sociais subalternas e uma apropriação da simbologia do jogo.

Com o processo de assimilação e proliferação da prática desportiva fora do seio elitista introdutor, a elite tenta a reorganização de sua prática, fundando a Associação Desportiva Cearense — que iremos abordar como sub-capítulo — com o intuito de preservar a ordem social do esporte. A ADC não nasce com o propósito da proliferação do futebol ou de outros esportes para as camadas subalternas, e sim de restringir a participação e preservar a natureza elitista do *sport*, como pertencente aos *sportmen*, haja vista que a composição dos associados é restrita aos *clubs* fundados e geridos pela *high-society* local.

Há dois outros pontos a serem abordados no capítulo: os jogos praticados no meio da rua, sublevando a ordem tanto social quanto desportiva e propiciando os primeiros embates em torno da bola. Será através das fontes jornalísticas que poderemos observar, por meio das reclamações dos moradores,

---

<sup>34</sup> Carlo GINZBURG. “O Queijo e os Vermes”. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

que a prática desportiva gerava desconforto à elite local. Observam-se principalmente as reclamações existentes nos jornais *O Nordeste* e *Gazeta de Notícias*, representantes da cultura hegemônica. Para finalizar o capítulo, abordaremos o surgimento do esporte nos subúrbios, um mapa sócio-desportivo dos times que não partilhavam dos benefícios da ADC (Associação Desportiva Cearense).

### *Capítulo 2: Segundo Quadro: Clubes Proletários*

O segundo capítulo trata da formação dos clubes operários, do surgimento dessas agremiações e do declínio de um campeonato unicamente elitista para a inserção dos times compostos por operários. O que diríamos também ser uma mudança de linguagem, o profissionalismo do esporte, já no final da década de 1930, introduziria novas expressões, e o sentido do jogo, definitivamente, teria uma nova conotação, não só para os jogadores, mas para torcedores e imprensa.

O segundo capítulo abre espaço para os debates a respeito das questões trabalhistas na década de 1930, de que forma os historiadores da atualidade estão observando os trabalhadores e as lutas classistas no século XX. Como bem observou Mike Savage a “história do trabalho se encontra em crise”<sup>35</sup>. Nenhuma mentira se pendermos para a classe estática estudada até então, para não citar nomes, contudo o dinamismo dos historiadores e suas novas análises trazem descobertas que movimentam a História Social do Trabalho e coloca-nos novos horizontes, confirma Savage:

“Considerando que classe costumava ser a palavra de ordem dos que buscavam uma história do trabalho politicamente engajada, esse não é bem o caso atual, quando toda uma outra agenda política ‘progressista’ — feminismo, desigualdade étnica, questões ecológicas e outros ‘novos movimentos sociais’ — adquiriu maior proeminência”.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> Mike SAVAGE. “Classe e História do Trabalho”. In: BATALHA, Cláudio e SILVA, Fernando Teixeira da & FORTES, Alexandre (org), *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2004. Pág. 26

<sup>36</sup> Idem, *Ibidem*

A História começou a atinar para o entendimento de que os trabalhadores não estavam apenas nos conflitos de tensão — uma das formas básicas como até então se estudava os trabalhadores, pois assim era possível observar a classe —, mas as expressões da classe eram muito mais abrangentes. Propõe Savage: “proponho à história do trabalho refletir mais seriamente sobre ‘espaço’ e ‘lugar’, a fim de lidarmos com a questão geral do ‘contexto’ com mais propriedade”<sup>37</sup>. Por isso, o futebol, dentre outras expressões sociais do cotidiano social, passou a ser visto como objeto de pesquisa para a interpretação da classe trabalhadora.

Na década de 1930 iremos observar a reutilização do esporte bretão pelos trabalhadores. Da formação dos sindicatos e das organizações trabalhistas surgiram variados clubes, como é o caso do *Sem Rival Esporte Clube*, *Graphico Esporte Clube*, *Estrela do Mar*, *Tramsway* e do *Ferroviário*, sendo este o time mais focalizado dentro da pesquisa. Por favor, não pensem que aqui há um trabalho de um torcedor fanático pelo “Tubarão da Barra”. O FAC (Ferroviário Atlético Clube) é o time mais visado de todo debate por ser esse o “último” time representante da classe trabalhadora no Estado do Ceará, e um dos poucos no Brasil, que tem projeção nacional. A imprensa do eixo Rio-São Paulo o conhece como um time operário e assim divulga para o resto do país. Além disso, como o Ferroviário é um dos poucos clubes operários existentes, favorece o encontro de relatos orais e escritos do time, e Valdemar Cabral Caracas, o semióforo da fundação, com seus 99 anos, ainda é vivo, lúcido e com uma memória invejável. Não dá para evitar o diálogo com o ator social, é convidativo aprofundar as entrevistas. Também é relevante o fato que não temos o mesmo acesso às demais figuras tão elucidativas para o encontro de novas fontes, restringindo o número de entrevistados. O trabalho sugere dois subcapítulos como biografias de Valdemar Caracas e Manoelzinho, favorecendo um diálogo interessante entre o discurso do fundador e de um dos jogadores contratados pelo senhor Caracas, Manoelzinho. Eu entrei em contato com um dos jogadores remanescentes da década de 1940 e só encontrei um, Manoelzinho que havia sido contratado após o título de 1945. O

---

<sup>37</sup> Idem, *Ibidem*. Pág 27.

capítulo inicia com um mapa dos times que surgem na cidade de Fortaleza no final da década de 1920 e início da década de 1930, seus surgimentos e sua história, uma caminhada para uma análise dos times de trabalhadores, mesmo que essa história seja mais uma visão do Ferroviário Atlético Clube que dos demais. É importante frisar que não devemos menosprezar a unilateralidade, pois o exemplo ferroviário nos possibilita entender a motivação coletiva, mesmo o “Ferrim” não sendo a resposta para o todo. É certo que ele é um exemplo a ser compreendido.

### *Capítulo 3: Futebol de Classe, um campo simbólico nos subúrbios*

O ponto central desse capítulo é o debate a respeito dos campos simbólicos relativos ao futebol e o trabalhador, às representatividades em torno da bola e seu significado dentro do espaço de trabalho. Não pretendo cair na ingenuidade de acreditar que o representativo é o todo, contudo é importante observar sua interação com a realidade vivida. Para uma melhor compreensão vou fazer um paralelo com um texto de Gilberto Velho. Ele observou num calçadão carioca a facilidade em que os brasileiros transitam pelas províncias de significado sem problemas morais ou constrangimentos<sup>38</sup>. Gilberto Velho insere o conceito de sociedade complexa para o evento de incorporação do Preto Velho e consulta no meio do calçadão carioca, compreendendo que mesmo a entidade partindo de uma experiência afro-brasileira ela transita dentro de uma sociedade católica. O futebol não escapa dessa *complexidade* conferida pelo Antropólogo. Os jogadores ora são trabalhadores dentro da fábrica e “inimigos” dos seus patrões e chefe, mas podem ser companheiros de time — como vou analisar no caso do Olímpico Futebol Clube — e permear certas províncias de significado de forma aceitável, afirmando-se ao lado do patrão ou chefe em determinado momento, e no âmbito do trabalho considerando ele como o inimigo. A “luta de classe” não é tão rígida quanto se configurava. Como se aparentemente os trabalhadores jogando bola com seus patrões estivessem perdendo sua característica primária. Na verdade, podemos identificar um novo processo de organização social dos trabalhadores,

---

<sup>38</sup> Gilberto VELHO. “Projeto e Metamoforse”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000

os porquês do interesse por estar jogando futebol naquele espaço. Novamente Mike Savage nos esclarece que:

“Na sociedade capitalista, a retirada dos meios de subsistência dos trabalhadores significa constrangê-los e acharem estratégias para lidar com a aguda incerteza da vida diária, que deriva do seu estado de impossibilidade de reprodução autônoma e sem o apelo a outras agências. Essa formulação nos permite reconhecer certas pressões estruturais sobre a vida operaria, embora também pontue a urgência de examinarmos a enorme variedade de táticas que os trabalhadores podem escolher para cuidar de seus problemas — da luta contra seus empregadores à formação de cooperativas, à demanda de amparo estatal”<sup>39</sup>

Ao futebol jogado no terreno da fábrica ou no subúrbio em que o trabalhador vive. “Nesse olhar, o trabalho, enquanto emprego, não carece ser visto como o único ou o principal eixo da classe social”<sup>40</sup>

Em palestra de encerramento proferida no Encontro Bienal do GT Mundos do Trabalho – ANPUH, ocorrido em agosto de 2006, o historiador Sidney Chalhoub instigou os ouvintes ao afirmar que seu estudo *Visões da Liberdade* abria espaços para o estudo da escravidão como uma questão do *mundo do trabalho*, já que os escravos vivenciavam as mudanças ocorridas nas relações de trabalho do século XIX e começavam a jogar com os seus *proprietários – patrões* por melhores condições de sobrevivência. Mesmo não havendo uma homogeneidade. Sem aprofundar muita nas continuidades e descontinuidades das relações trabalhistas do mundo escravocrata brasileiro do século XIX até o início do período varguista, a homogeneidade do movimento trabalhista é fictícia. Ela é aparente no que já falamos, momentos de tensão e/ou conflitos, então somos ludibriados e acabamos chamando de classe trabalhadora apenas aquela aglutinação de trabalhadores que lutaram por seus direitos em greves ou negociações. Chalhoub, em *Visões da Liberdade*, quando analisou o processo crime de escravos, percebeu que os escravos tentavam se rebelar contra o negociador de escravos Moreira Veludo. Ele os mantinha em cativeiro esperando

---

<sup>39</sup> Mike SAVAGE, “Classe e História do Trabalho”. In: Cláudio BATALHA, Fernando Teixeira da SILVA, Alexandre FORTES. *Culturas de Classe*. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2004. Pág. 33

<sup>40</sup> Idem, *Ibidem*.



a venda para as fazendas de café no sul do Brasil<sup>41</sup>, o fato ocorrido na Bahia mostra uma complexa rede de articulações e tentativas de resistências dentro do mundo escravocrata. Essa análise abre espaços para repensar as complexidades do “Mundos do trabalho”. Minha intenção é mostrar como a classe operária e seus anseios são heterogêneos.

Cláudio Batalha disse a respeito de uma cultura operária: “Mesmo que não concorde com aqueles que consideram impossível falar de uma cultura operária autônoma em uma sociedade capitalista, admito que os casos que isso ocorreu são raros”<sup>42</sup>. Nesse raciocínio “o que prevaleceu, em contrapartida, foi uma ‘cultura popular’, que não era exclusiva da classe operária”<sup>43</sup>. É o caso do futebol entre os trabalhadores. O esporte em si não era representativo da classe operária, mas fazia parte (ainda faz parte) da “cultura popular” local da qual os trabalhadores faziam parte.

A partir dessa perspectiva resolvi dividir o capítulo em três partes. A primeira diz respeito aos conflitos e seus significados em torno da bola, sobre as brigas que por ventura ocorreram depois de algumas partidas e as suas motivações.

Analiso as mudanças ocorridas no campeonato cearense entre 1938 e 1941, quando teremos a inserção do Ferroviário, mais o Estrela do Mar, na divisão principal em 1938, jogando contra os times elitistas e no ano posterior a entrada do time do Tramway, outro time de trabalhadores. Veremos que times eram esses, compostos por que jogadores. Seriam jogadores-operários ou jogadores profissionais?

Outra mudança significativa é o título em 1941 do Tramway, o primeiro título de um time de cunho operário no Ceará dentro de um campeonato originalmente segregador, elaborado para atender aos interesses da elite local, excluindo as camadas subalternas. Como a imprensa trabalhou esse fato? Havia

---

<sup>41</sup> Sidney CHALOUB, “Visões da Liberdade: História das últimas décadas da escravidão”. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>42</sup> Cláudio BATALHA, “Cultura Associativa no Rio de Janeiro da Primeira República”. In: BATALHA, Cláudio e SILVA, Fernando Teixeira da & FORTES, Alexandre (org), Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2004. Pág. 96

<sup>43</sup> Idem, Ibidem. Pág. 97.

preconceitos contra esses times aos olhos dos jornais, já que esses atendiam aos interesses da elite local?

E, por último, não menos importante, o capítulo se encerra com o desvendar do campeonato de 1945 que deu ao Ferroviário o título Cearense promovido pela Associação Desportiva do Ceará. Eu simbolizei esse fato como a vitória da classe operária sobre a burguesia local. Até que ponto essa simbologia estava coerente com a realidade? Havia uma luta de classe nos gramados fortalezenses? Essas são algumas das perguntas formuladas e trabalhadas nesse final de capítulo. Talvez seja um ponto culminante de todo o trabalho.

Nesse capítulo não posso afirmar que é possível perceber as mentalidades dos operários jogadores de futebol, pois se já é difícil entender a nós mesmos no nosso cotidiano, quanto mais os homens “sem” fala nas décadas de 1930 e 1940. Entretanto, é possível problematizar algumas atitudes deles dentro do contexto vivido, como o lugar onde eles jogavam, contra quem eles jogavam, as cores dos seus uniformes, tudo isso passa a ser possível através da documentação oral, escrita e iconográfica. Deve-se ter um cuidado especial com a fonte oral (não menosprezando o tratamento teórico em relação às outras), pois a fonte oral traduz sentimentos, narrativas vividas, sonhos. Por isso, para mim, é essa parte da dissertação a mais gostosa de se ler. Pois iremos tentar desvendar a partir da narrativa de personagens da época, como a de Valdemar Caracas (o mito-fundador do FAC), Manoelzinho (jogador do Ferroviário de 1946 a 1961), e outros personagens secundários, como João Cândido (jogador campeão cearense de 1941 pelo América) e Alberto Damasceno (Radialista da época). São os primeiros momentos do confronto definitivo entre classe subalterna e classe abastada na formação do futebol profissional cearense.

### Vai começar o futebol...

Todos os dias de 13 horas e 15 minutos eu me posiciono na frente da televisão esperando começar o programa esportivo “Bate-Bola” produzido pela ESPN Brasil, emissão da Televisão Fechada (até na hora de assistirmos um futebol “sem cerimônias” e de forma coerente é preciso pagar um pouco mais caro). É verdade, a bola não é para todos nesse mundo capitalista, nada é para todos, faz-se necessário ter dinheiro para poder acessar os meios menos “viciados” ou burlar as convenções éticas e sociais. As páginas que seguem tentam romper esse olhar unilateral que diz assistir um futebol para todos, com os mesmos direitos à prática e o acesso à bola. Espero abrir as portas para um novo espaço de diálogo, quebrar um pouco do preconceito em torno do tema na academia... Deixemos de delongas, estamos ansiosos para escutar o apito inicial, *“vai começar o futebol, poisé, com muita garra e emoção, é onze de lá, onze de cá... no bate bola do meu coração!”*<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Refrão da música 1x0, Letra: Nelson Ângelo, Música: Pixinguinha. A música foi composta em 1919 como comemoração pelo primeiro título internacional de futebol, a copa sul-americana, conquistado pela seleção brasileira de futebol. Um selecionado marcado ainda por um futebol elitista que tinha como *goalkeeper* Carlos Mendonça, um dos primeiros a abandonar o futebol por perceber uma inserção de novos elementos que para ele tiravam a característica principal do esporte: “jogar por jogar”. A vitória por um a zero na final do campeonato sul-americano marcaria um processo claro de popularização do esporte no país, como uma aceleração na profissionalização do esporte bretão. Música de Abertura do programa Bate-Bola da ESPN Brasil.

## 1º. Capítulo: 1º. Quadro – O futebol em Fortaleza

“Vá alguém estudar a fundo o futebol de Domingos da Guia ou a literatura de Machado de Assis, que encontrará decerto, nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana, até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca. Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é”.

(Gilberto Freyre, 1947)<sup>45</sup>

### 1.1. Os primeiros chutes na bola

Numa época em que o mundo ainda tinha distâncias intransponíveis e a melhor comunicação a longa distância era o telégrafo, chegou ao Brasil via marítima uma nova modalidade de socialização, um esporte “genuinamente” britânico. O futebol chegou de navio a Fortaleza no final do ano de 1903. Um *team* de *foot-ball* advindo da Inglaterra, que pretendia excursionar pelo sul do Brasil, teria introduzido a prática ao gosto dos fortalezenses, tendo sido jogado por *sportsmen* no terceiro plano do Passeio Público. Essa versão é sustentada por Frederico Maia em seu livro “A Verdadeira História do Futebol Cearense”, escrito em 1955.

Outros preferem dar o mérito fundador a um conterrâneo. Entre os estrangeiros e o bairrismo, os memorialistas preferem a segunda versão, que conta: “José Silveira trouxe em 1904, a primeira bola, e isso permitiu que no dia 24 de dezembro daquele tivéssemos a primeira partida de futebol”<sup>46</sup>. Era um jovem rapaz que regressava de férias dos seus estudos europeus e trazia nas malas uma bola de futebol nº 5 e o livro de regras. Estes são dois símbolos

---

<sup>45</sup> Jair de SOUZA et al (orgs). “Futebol-Arte: A cultura e o jeito brasileiro de jogar”. São Paulo: Empresa de Artes, 1998. pp. 100-101

<sup>46</sup> Alberto DAMASCENO. “Futebol Cearense: Um século de História”. Fortaleza, 2002. Pág. 41

representativos para que o esporte pudesse ser praticado entre os pares: a bola como instrumento de elaboração do esporte e o livro de regras que servia de facilitador para a praxe.

As escolhas pelo elo perdido do futebol cearense, que recai na figura de José Silveira, estão ligadas aos memorialistas modernos Alberto Damasceno e Nirez de Azevedo – respectivamente, o presidente do América Futebol Clube de Fortaleza e um colecionador de memórias. O senhor Alberto chegou a ser um dos primeiros jornalistas esportivos do estado do Ceará no final da década de 1940. Já Nirez apenas pôde ler os relatos deixados com o passar do tempo a respeito do *foot-ball* em Fortaleza, reproduzindo “ecos de antigas palavras”<sup>47</sup> deixadas por aqueles que um dia presenciaram os primeiros pontapés.

Para compreender um pouco mais a visão dos memorialistas, vamos passear um pouco pela construção do futebol no Brasil. A história do esporte no país começa com um rapazote que, em regresso dos seus estudos na Europa, traz na bagagem um livro de regras, uma bola de couro, e dois jogos de uniformes. Charles Miller, um ilustre filho da burguesia paulista, tinha como intuito inserir na cultura local um advento do mundo civilizado que tanto o inebriou: o *foot-ball association*<sup>48</sup>. O mundo capitalista do final do século XIX modelava as formas com que os seres humanos se comportavam diante dos seus pares. Diante de uma perspectiva empirista das ciências do final do “longo século”, como advertiu Hobsbawm, em contraponto com o seguinte *breve século XX*, as ciências buscavam exatidão e respostas singulares sobre os seres humanos. O esporte então era apenas a expressão desse mundo que se alargava. O jogo é uma expressão do corpo e de crenças, a exatidão, as certezas. A verdade única e absoluta é representada num só objetivo: *the goal*<sup>49</sup>. Os esportes no Brasil começavam a ganhar espaço na sociedade e simbolizavam um comportamento refinado e alinhado às tendências européias. O iatismo, por exemplo, já possuía

---

<sup>47</sup> Frederico de Castro NEVES. “Para Futuros Historiadores: Teoria e História na Música de Chico Buarque de Holanda”. In: Antônio Germano Magalhães Júnior; José Gerardo Vasconcelos. (Org.). *Linguagens da História*. Fortaleza: imprece, 2003, pág. 68-81

<sup>48</sup> Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA. “Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000

<sup>49</sup> do Inglês, *Goal* significa: Objetivo Alcançado. Logo traduzido dentro do futebol para Gol.

seu lugar de destaque nos centros urbanos brasileiros. Os homens buscavam uma estética perfeita diante do modelo proposto, sendo esta uma das preocupações estampadas na vitrine do mundo moderno, conforme exaltava o periódico cearense “O Jornal” de 16 de outubro de 1916, Ano I, na nota de nome “O Culto á Força”, com o subtítulo “A propósito da Hora Desportista”, em que o autor Antônio Furtado escreve:

“O hellenismo retorna, estende as suas azas, como benções amorosas, sobre a Humanidade, tocando-a, miraculosamente, de vigorosas esperanças.”(sic)

“Só uma cousa existe, real, positiva no Mundo — a Força soberana, onnipotente, tomada a boa parte como sendo a energia, a saúde, o progredimento, a vontade forte, a intelligencia e a bondade, a graça e a belleza — o surto, enfim, incompreensível e alado para uma Chanaan incógnita e misteriosa, embrumada ainda, mas apesar disso — fim inconscientemente collimado por todos os homens, dentre os tacteios e as sombras do Universo.”(sic)

(...)

“É ideal dos Paes o possuírem filhos fortes, sadios, alegres, entusiastas e plenos da sagrada alegria de viver!”(sic)

“A Esculptura tomou a si o encargo amovavel e nobilíssimo de premiar os esforços daquelles que hão procurado realizar em si-mesmos o ideal da belleza humana.”(sic)

“Esse ideal generalizadamente attingido marcara a elevação general da Raça, a minorização progressiva da Dor, isto é, do maior inimigo da especie.”(sic)

“Fujamos do Soffrimento, que é o << immoral >> na concepção evolucionista da Ethica de SPENCER, distanciem-nos delle e nos avizinhemos do Prazer, que se não é a Felicidade integral e absoluta, é, de certo, uma approximação razoavel della dentro das relatividades possíveis da existência.” (sic)<sup>50</sup>

Este discurso enaltece os debates evolucionistas da época e referenda a busca de uma raça pura livre das mazelas humanas. A ação humana é direcionada para engrandecimento do corpo, e este caminha com o intellecto. O homem só poderia — na visão do autor — attingir a intelligência total através do engrandecimento da saúde e da beleza do corpo. É neste momento que o esporte aparece como solução para os entraves da sociedade moderna.

A cidade de Fortaleza já assistia a partidas de boxe e torneios de turfe quando, na década de 1910, o futebol se popularizou, amadureceu e seguiu os trilhos impostos no resto do mundo. Os primeiros times de futebol “surgiram” a

<sup>50</sup> O Jornal, órgão independente, nº 16, Anno I – Outubro de 1916

partir dos interesses dos filhos da elite local que praticavam a peleja nas ruas e calçadas do centro da cidade, onde moravam. Podemos observar que:

“jogava-se *bola* nas ruas 24 de Maio e Barão do Rio Branco, praticado pelos seus moradores. Ressaltam-se os jogos ocorridos em praças, como é o caso das partidas disputadas em frente ao gasômetro, no terceiro plano do Passeio Público. Dos *aficionados* (os memorialistas), encontram-se relatos de que esse período é decadente, devido ao fato de não haver nenhuma formação evidente de clubes”.<sup>51</sup>

Para os memorialistas, o futebol só se realizou na cidade a partir do surgimento dos primeiros times organizados, e nunca com chutes aleatórios. Faço questão de salientar que meu intuito neste capítulo é perceber os primeiros momentos do esporte na cidade, e não construir um mito-fundador. Portanto, não citarei os nomes de times em ordem de fundação, pois remeteria a uma outra problemática que abordarei à frente, a respeito do futebol nascer em Fortaleza no embate entre as classes.

Para que esta estrutura seja formada, faz-se necessário muito mais do que uma bola e “atletas” dispostos a correr atrás dela. A chegada de José Silveira com seu livro de regras e uma bola nº 5 de couro movimentou a primeira partida no dia 24 de dezembro de 1904, segundo Nirez de Azevedo, Alberto Damasceno e Frederico Maia. Provavelmente, Nirez e Alberto utilizaram o relato de Frederico Maia como inspiração e fonte em seus livros e falas.

Frederico tinha chegado a Fortaleza alguns anos antes de lançar seu livro em 1955, no qual cita ao final o uso de jornais e relatos como fontes. Contudo, não nos deixa claro quais foram os jornais utilizados e as pessoas entrevistadas. Ele criou o que Marilena Chauí descreveu como um semióforo:

[ele é] encarregado de simbolizar o invisível espacial e temporal e de celebrar a unidade indivisa dos que compartilham uma crença comum ou um passado comum. Ele é também posse e propriedade daqueles que detêm o poder para produzir e conservar um sistema de crenças ou um sistema de instituições que lhes permite dominar um meio social<sup>52</sup>.

Muitos são os relatos e as memórias que vêm para ratificar a primeira versão escrita que nos chega hoje, como é percebido na fala de Valdemar Caracas. A importância desta partida é sua relação com a constituição do futebol

<sup>51</sup> Rodrigo M. S. PINTO. “Fortaleza da Pelota: do *Foot-ball high-society* ao Futebol Proletário (1904 – 1934)”. Fortaleza: Monografia de Bacharelado em História – UFC, 2004.

<sup>52</sup> Marilena CHAUI. “Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária”. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

local: é a partir desse jogo que a memória dos fortalezenses percebe o futebol dentro da experiência cidadina, significando a prática para o cotidiano da cidade. Esse fato fundamentou a versão oficial do surgimento do futebol cearense.

Descreve Maia em seu livro *A Verdadeira História do Futebol Cearense*<sup>53</sup> que o futebol chegou de navio à cidade de Fortaleza em 1903, quando um grupo de *pebolistas* europeus veio ao Brasil com intenções de divulgação do insurgente esporte, numa temporada internacional. Uma de suas escalas foi na cidade de Fortaleza, antes de chegar ao Sul do Brasil, onde ocorreriam de fato as pelepas. Inebriada pela majestosa comitiva, a pequena cidade dos Estados Unidos do Brasil organizou uma partida no terceiro plano do Passeio Público.

O ano seguinte foi regado a partidas esporádicas, que se realizavam a cada aportar de naus européias que estivessem dispostas a apresentar o esporte bretão, mesmo com jogadores não profissionais. O final de 1904 foi marcado pela primeira partida de *foot-ball* realizada com a participação de fortalezenses. José Silveira, de férias na cidade e de posse da bola e do livro de regras, organizou a primeira partida de futebol no dia 24 de dezembro de 1904<sup>54</sup>. Não encontrei nenhum jornal que mencionasse essa primeira partida. A falta de conservação dos jornais desse período dificulta o processo de pesquisa, podendo ser uma desculpa interessante para os memorialistas. Frederico Maia faz referência a essa partida. Já Nirez de Azevedo e Alberto Damasceno, acredito, apenas reproduzem essa fala, pois não encontrei nenhuma outra fonte em seus livros que provasse empiricamente o fato. Esta é a versão de Nirez:

“Em 1903 o futebol já era uma realidade na Europa. No Brasil o futebol estava apenas engatinhando e em alguns estados ainda nem tinha surgido.

Foi nesse ano que ancorou em Fortaleza um navio inglês, com uma delegação de futebolistas da Europa, para uma temporada no sul do País e na Argentina, onde o futebol já estava bastante avançado”<sup>55</sup>

Mais à frente, ele continua:

---

<sup>53</sup> Frederico MAIA. “A Verdadeira História do Futebol Cearense”. Fortaleza, 1955.

<sup>54</sup> Idem, Ibidem.

<sup>55</sup> Nirez de AZEVEDO. “História do Campeonato Cearense de Futebol” Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. Pág. 15



“Entrou o ano de 1904 e o interesse pelo futebol foi crescendo e se tornando freqüente. Por essa época era grande o número de ingleses residindo em Fortaleza, trabalhando em firmas ou companhias britânicas e foi então que surgiu a idéia da realização de um jogo entre cearenses e britânicos.

A idéia foi crescendo e os organizadores foram preparando o jogo até a chegada do Dr. José Silveira, que veio do Rio de Janeiro e trouxe em sua bagagem uma bola de couro, a primeira do Ceará. Foi realizado então um bate-bola no dia 24 de dezembro daquele ano.”<sup>56</sup>

A história da partida de 1903 se mantém, assim como a excursão européia de futebol ao sul do país e a partida de 24 de dezembro de 1904. Há apenas um adendo sobre José Silveira: ele regressava do Rio de Janeiro, e não da Europa, e não se mencionam férias estudantis. Já Alberto Damasceno ratifica essa versão com algumas diferenças interessantes:

Oficialmente, ou de acordo com os registros, o primeiro jogo de futebol, com respeito às regras, com um árbitro em ação, aconteceu em 1903 aproveitando a passagem de navio inglês por Fortaleza, em direção ao sul brasileiro.<sup>57</sup>

Alberto Damasceno não faz referência aos jogadores serem atletas que iriam se apresentar no sul do Brasil e na Argentina, como consta no relato de Nirez de Azevedo e do primeiro memorialista sobre futebol, Frederico Maia. Sobre José Silveira, Damasceno fala:

“O homem da bola

Tínhamos uma quantidade elevada de jovens cearenses que estavam na Europa, e um deles — José Silveira — estudante na Suíça, trouxe em suas férias, uma bola e o livrinho contendo as regras do futebol, em 1904.

O futuro prof. José Silveira, nasceu em Fortaleza, na antiga Rua da Praia, em 29 de setembro de 1882, filho de José Maria Silveira e de Glória Carneiro Silveira, portugueses.”<sup>58</sup>

Não existem alterações no texto final, e Damasceno segue: “O Dr. José Silveira trouxe em 1904 a primeira bola, e isso permitiu que em 24 de dezembro daquele ano tivéssemos a primeira partida de futebol”<sup>59</sup>. O único contra-senso na versão desses dois memorialistas recentes é de onde teria regressado José Silveira.

<sup>56</sup> Idem, Ibidem.

<sup>57</sup> Alberto Damasceno. “Futebol Cearense: Um Século de História”. Fortaleza: edição própria, 2002. Pág. 38

<sup>58</sup> Idem, Ibidem. Pág 39

<sup>59</sup> Idem, Ibidem. Pág 41.

O grande “problema”, se assim podemos dizer, é identificado na leitura de Frederico Maia, quando descreve a memória do esporte, pois o autor chegou à cidade de Fortaleza somente em 1950. Então, sua visão sobre o ocorrido de 1903 até 1950 está muito ligada à memória de terceiros, tanto que seu livro nos descreve no final o informativo sobre sua pesquisa, a qual está relacionada a relatos de *sportsmen* e jornais. As duas fontes representam reflexos da realidade que vivem aqueles que a produzem, não eximindo a existência do ocorrido, apenas acrescentando dúvidas sobre um detalhe descrito por ele: a existência de uma temporada internacional de uma equipe advinda da Europa. Se nos lembrarmos de Leonardo Pereira, vamos encontrar uma questão interessante para as primeiras partidas internacionais no Brasil:

Uma grande novidade veio agitar o Rio de Janeiro no mês de julho de 1908. A já habitual tranqüilidade do cenário esportivo da cidade, assim com certezas firmadas sobre o futebol pelos *sportsmen* dos diversos clubes, eram quebradas por um acontecimento que começava a desorganizar a lógica cavalheiresca atribuída até então ao esporte bretão por grande parte dos admiradores. Tratava-se da visitada do selecionado argentino ao Brasil, acertada em fins de junho da liga pela Liga Metropolitana<sup>60</sup>.

Quem eram os ingleses que fizeram sua demonstração esportiva em 1903? Quem estava jogando durante o ano de 1904, antes de José Silveira organizar o primeiro jogo oficial entre cidadãos? Provavelmente eram os trabalhadores do Porto de Fortaleza, e/ou marinheiros britânicos oriundos de navios que atracavam na cidade, onde passavam alguns dias antes de seguirem viagem. Durante suas horas de folga praticavam o esporte que em sua pátria já era apropriado pelos trabalhadores. “Desde 1863 até as duas décadas seguintes, o futebol era organizado e disputado pelos rapazes do internato, mas depois enfrentou (...) o afluxo de jogadores originários da classe operária”<sup>61</sup>, afirma Bill Murray. Ele acredita que o profissionalismo foi essencial para o desenvolvimento do esporte dentro das classes operárias, que inicialmente o viam como um “bico” (complemento salarial), já que os clubes pagavam para ter os bons jogadores. As partidas realizadas em cidades industriais foram palco de interessante confronto

---

<sup>60</sup> Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA. “Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000

<sup>61</sup> Bill MURRAY. “Uma História do Futebol”. São Paulo: HEDRA, 2000, pág. 103

entre patrões e empregados, os últimos interrompendo a jornada de trabalho para que uma partida entre dois clubes locais se realizasse durante a semana. “Os operários recusavam-se a voltar ao trabalho depois do almoço, e por mais que os patrões se enfurecessem, não havia nada que pudessem fazer”<sup>62</sup>

Voltemos à Fortaleza. Na véspera do Natal do ano de 1904, “demonstração mais evidente de técnica de nossos *footballers* teve o povo da Capital assistindo dali, daquelas *arquibancadas*, a uma partida entre os de casa e a representação de outro barco aqui aportado”<sup>63</sup>.

Em relação a quantos jogaram a primeira partida, ninguém sabe ao certo se condizia com a quantidade de jogadores predisposta para a realização de uma partida de futebol, ou se as dimensões seguiam as regras estabelecidas pela F.A. (*foot-ball association*). Raimundo Girão cita a presença de Raul Cabral, Prisco Cruz, Marcondes Ferraz, Machado Coelho, José Silveira, todos da “alta sociedade fortalezense”<sup>64</sup>. O futebol abre espaço no seu primeiro *match* reconhecido pelos memorialistas para um confronto social, ingênuo, contudo existente, pois trabalhadores braçais do porto ou mesmo marujos, a maioria do Reino Unido (podemos imaginar a presença de ingleses, irlandeses ou até mesmo escoceses ou uruguaios), “gladiavam-se” contra filhos da elite local. No Brasil é possível perceber que as primeiras partidas não foram tão elitistas quanto se coloca; o caso cearense, portanto, não extrapola a realidade nacional. Com o déficit de jogadores, a maior parte das primeiras partidas conglomerava trabalhadores braçais e funcionários de empresas britânicas instaladas na República. É o caso de quando Charles Muller,

Em 1894, aos vinte anos, (...) terminou seus estudos [na Europa]. Voltou para São Paulo, sua cidade natal, trazendo na sua bagagem duas bolas e um manual de regras do jogo. Junto com um grupo de ingleses da Companhia do Gás, do London Bank e da Estrada de Ferro, ele passou a promover partidas, formar times e fundar clubes, aparecendo como o grande incentivador do futebol na capital paulista<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup> Idem, *Ibidem*. p. 28

<sup>63</sup> Raimundo GIRÃO. “Palestina: uma agulha e as saudades”. Fortaleza: Editora UFC, 1972. pp. 122 – 123.

<sup>64</sup> Idem, *Ibidem*. p. 123

<sup>65</sup> Idem, *Ibidem*. Pág. 22

comprovando de que o esporte, no Brasil, nasceu no interstício do mundo *fidalg* e do mundo do trabalho. Leonardo Pereira já havia levantado essa tese em seu trabalho *Foot-ballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938)*<sup>66</sup>, no qual indaga como a memória sobre as origens do esporte acabou por solidificar a concepção do futebol que “nasce e se desenvolve [exclusivamente] entre a elite” nacional.<sup>67</sup>

Era necessário ensinar ao homem trabalhador como se comportar dentro do espaço fabril, fazendo-se importante vivenciar as regras sociais. Novamente a questão de Thompson fica clara: a consciência surge através de uma experiência social, em que os trabalhadores conglomerados podem se observar e construir sua experiência individual dentro de um seio coletivo. O *sport* então conduziria o homem do trabalho a uma melhor condição na sua disciplinaridade, mas no entanto dava possibilidade à união do proletário.

A experiência aqui é o reflexo das relações da vida cotidiana do proletariado. Este encontra nas práticas de lazer uma forma de se auto-afirmar dentro das lutas da classe. No caso em questão, a luta da classe proletária não precisava ser uma greve, um “seqüestro de máquinas”<sup>68</sup>, ou uma parada na produção. A luta e a identificação da classe se expressariam também nas práticas de lazer dos trabalhadores, observou Hobsbawm a respeito do

“famoso bonezinho chato e com pala, que se tornou uniforme virtual do trabalhador britânico quando no lazer — e que ainda é registrado na história em quadrinhos ‘Andy Capp’ (Zé do Boné), que retrata os valores proletários masculinos tradicionais do nordeste”<sup>69</sup>

Esses valores descritos pelo historiador inglês permitem-me vislumbrar o futebol como parte desse comportamento proletário masculino.

<sup>66</sup> Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA. “Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000

<sup>67</sup> Waldenyr CALDAS. “Aspectos sóciopolíticos do futebol brasileiro”. In: REVISTA USP nº 22. Dossiê Futebol. São Paulo: USP, 1994. Pág. 42

<sup>68</sup> Referência aos quebradores de Máquinas, os Ludditas, ver: Eric J. HOBBSAWM, “Os destruidores de máquinas”. In: Eric J. HOBBSAWM. Os Trabalhadores. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

<sup>69</sup> Eric J. HOBBSAWM. “A formação da cultura da classe operária britânica” in: Eric J. HOBBSAWM. Mundos do Trabalho: novos estudos sobre a história operária. 3ª. edição revista. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 268.

Voltemos ao final do jogo exposto como semióforo: naquele embate entre fortalezenses e ingleses, ocorreu a vitória de dois a zero a favor dos visitantes. Em que condição se deu o jogo? Quem havia jogado melhor? Quem havia feito os gols? Não saberemos dizer ao certo. Provavelmente, apenas José Silveira no seu time tivesse noção do esporte, enquanto seus companheiros tivessem somente recebido lições simplistas do pioneiro, correndo atrás da bola mais do que jogando. Enquanto isso, do outro lado, os ingleses possivelmente tinham mais ampla noção do jogo, mas como passavam um maior tempo no mar ou em terras estrangeiras onde não se jogava bola efetivamente, também não eram nenhum *English Team*. O intuito daquela partida com certeza não era rivalizador — o vencedor não era um dos mais importantes, para J. Silveira e amigos. O que não pôde ser registrado, mas provavelmente ocorreu, foi a felicidade da diversão, o jogar por jogar, além de se fazer parte de um esporte nascido no modelo de civilização européia. Assim, os cidadãos abastados começavam a acreditar que estavam dentro do trem do progresso, em melhores condições do que os outros na cidade que ainda não tinham embarcado naquela novidade, assim como, inocentemente, davam o primeiro pontapé para a proliferação do futebol proletário.

Entre a famosa partida de 1904 até 1914, pouco se falou sobre partidas de futebol. Esse é um período complicado em relação a fontes, já que no setor de microfilmes e na hemeroteca da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, por exemplo, os arquivos referentes a essas duas décadas se encontram em estado de deterioração. Isto impediu uma análise mais aprofundada do período para a elaboração de minha monografia de bacharelado<sup>70</sup>, um problema contornado por fontes visuais (algumas fotos) e pelo relato de memorialistas que viveram na época, como é o caso de Edgar de Alencar, entre outros.

Sobre os espaços da prática esportiva, outrora indagamos: Onde se deve jogar futebol? Em clubes fechados? Nas praças? Em campos de várzea? Ou

---

<sup>70</sup> Na pesquisa que serviu como base para a elaboração de minha monografia de conclusão de bacharelado, busquei compreender a formação do esporte na cidade de Fortaleza até sua popularização. O tema da monografia foi Fortaleza da Pelota: do *foot-ball high-society* ao futebol proletário (1904 – 1934)

no meio da rua, ao relento, chocando-se com os transeuntes? Procurei respostas levando em consideração aspectos de permanência em que vivemos. Na verdade, é impossível responder tal pergunta, qualquer lugar é lugar de se jogar futebol. Entretanto, o jogar *foot-ball* do início do século XX é mais restrito, no sentido do verbo. Jogar é algo que emana regras, fora dessas regras não se joga *foot-ball*. Pode-se dizer que se corre atrás da bola de forma lúdica. Portanto, o futebol está ligado intrinsecamente ao “modelo desportista”. O lugar do jogo é algo tão importante quanto as regras que movimentam os participantes.

Isso sugere que podemos pensar o futebol como um espaço aglutinador e, ao mesmo tempo, criador de embates entre a classe operária e a burguesia. Assim, um processo natural foi o surgimento dos times operários, como o Ferroviário Atlético Clube (FAC). Os jogadores do Ferroviário, no princípio, preferiram jogar contra times socialmente iguais ou parecidos, o que nos dificulta muito a coleta de fontes, pois a fala do excluído só tende a aparecer em momentos de crise, boletins de ocorrência, páginas policiais, como é o caso de “Zé Galego<sup>71</sup>”. A inserção do time FAC na liga estadual (promovida pela ADC – assunto que trataremos posteriormente com maior detalhe) passou a ser inevitável. Mesmo que eu acredite que o poder e suas lutas estejam muitas vezes correntes em micro-espacos, não poderia negar que o Ferroviário precisava disputar sua posição dentro da sociedade, e essa disputa é entre seu grupo social e a burguesia da cidade de Fortaleza no macro-espaco (se considerarmos a cidade como um macro-espaco de conflito entre a elite e o proletário).

Se “não tinha greve”, como afirmou Valdemar Caracas<sup>72</sup>, os espacos de luta proibidos pelo Estado tomavam novas extensões. Assim, a utilização do Futebol é uma nova dimensão que podemos observar para entender a luta operária no final da década de 1930 e início da década de 1940 no estado do Ceará. Por mais que cronologicamente seja tardio em relação à Inglaterra, o processo de utilização do futebol como aglutinador da classe e contextualizador da

---

<sup>71</sup> Personagem que aparece na introdução de: Sidney CHALHOUN, *Trabalho, Lar e Botequim*. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2001. O autor do livro analisa as relações sociais vividas pelos trabalhadores fora do espaco de trabalho. O lazer faz parte da associação e agremiação da classe. Esse lazer pode ser entendido como bebedeiras, jogos ou jogatinas, piqueniques, entre outros.

<sup>72</sup> Entrevista com Valdemar Caracas 01.04.2005

luta de classe, não foge da perspectiva sugerida por Hobsbawm<sup>73</sup>. Como exemplo, não podemos pensar que o Ferroviário é o marco inicial desse embate - apenas fica clara a existência dele, pois quando nos remetemos aos primeiros chutes na cidade de Fortaleza, lemos no *O Unitário* do dia 17 de maio de 1914 que a elite de Fortaleza chamava os seus *pares* para assistir a um *match*:

“Match de Foot-Ball

Está marcado para hoje, Domingo, às 16 horas um importante “match de foot-ball” no *ground* do P. Público, estando organizado os dois “teams” combatentes, com elementos possantes e dos melhores “players” da capital.

Sem duvida teremos no nosso logradouro público nesta tarde bastante concorrido, pois temos notado nesses últimos tempos, muito Interesse e entusiasmo entre a selecta assistência apreciadora deste “sport”, nos sucessivos *matches*:

Eis a disposição das duas élebens:

Do Fortaleza Sporting Club:

Oscar, Loureiro (cap.), João Gentil, Clovis, Zéramundo, Alberico, Riquet, Jayme, W. Barroso, Humberto, W. Olsen.

Do English Team:

Durval, Speedy, Hams, Manly, Obasseis, Bolívar (cap.), Caron, Baurfelã, Methews, Mackenne.<sup>74</sup> (sic)

Ao observar a composição do dito *English Team*, é possível acreditar que nele não existiam só ingleses da marinha mercante, sendo a equipe composta por possíveis hispano-americanos e brasileiros locais, e o capitão do time anglo-saxão, o homem de nome Bolívar. Imaginações à parte, a escalação do jogo realizado em 1914 prova que a inserção dos trabalhadores e sua aprendizagem com a bola advêm do início da formação do futebol local. Como já afirmei, é o Ferroviário Atlético Clube que torna emblemática essa ação. Voltemos a esse primeiro momento.

Como vimos até agora, o *foot-ball high-society* em Fortaleza nasce junto com o esporte popular. Diante da necessidade de divulgar a pelota entre os conterrâneos e da falta de jogadores na cidade, a elite local, detentora dos meios (e aqui leia-se: o livro de regras), aceitou até um determinado momento a

<sup>73</sup> Eric HOBBSAWM. “A Formação da cultura da classe operária britânica”. In: Eric HOBBSAWM. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. 3ª. edição revista. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

<sup>74</sup> *O Unitário*, Ano XII, nº 1699, 17.05.1914.

interação com outras classes. Por mais questionável que seja, a fala de Edgar Alencar tende a provar isso:

“Foi em 1913 que, menino, travei conhecimento, por acaso, com o então chamado esporte bretão. E empoleirado na arquibancada natural e excepcional da Avenida Caio Prado, vi aquele bando de homens correndo atrás de uma bola de couro. Devia ser treino. Não havia uniformes e eu mesmo, sem ter a quem perguntar, não entendi bem o jogo. De quando em vez me parecia confuso”.

“A legítima pelada não despertava maior interesse, mas garoto pobre, sem recursos para outros divertimentos, gostei do tal jogo e fiquei freguês”<sup>75</sup>

Ele, ainda jovem e vindo de uma classe subalterna, adequou-se ao esporte e posteriormente passou a fazer parte da peleja. Outro detalhe que nos revela é que, anteriormente a 1914, jogava-se futebol, só que isso não ocorria nos moldes impostos pelo esporte bretão. Um jogo, meio a esmo, entre garotos, sem uniformes, sem organização, sem *regras*. Edgar de Alencar preferiu nomear aquela partida de um mero treino. O memorialista não podia fugir à concepção que construiu sobre o futebol e acabou reproduzindo a idéia de um esporte preso a parâmetros solidificados às regras instituídas em “fim de 1863, em Londres, (...), e o jogo regulamentado foi chamado de *association football*”.<sup>76</sup>

## 1.2. Das ruas do centro à periferia de Fortaleza

As crianças foram um dos grupos que mais incentivaram inconscientemente a popularização do esporte. Jogando no meio da rua, quebrando vidraças, provocando o olhar dos adultos para o que estava ocorrendo naquele espaço; ora quebrando a paz linear da “civilização”, ora inebriando os transeuntes.

Era possível observar o futebol dentro de escolas a partir de 1906, mais claramente no Liceu e no Castelo a partir de 1910. Fora dos colégios, observava-

<sup>75</sup> Edgar de ALENCAR. *Fortaleza de Ontem e Anteontem*. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1972. Pág. 58 – 59

<sup>76</sup> Bill MURRAY. “Uma História do Futebol”. São Paulo: HEDRA, 2000. Pág 19



se que jogavam *bola* os moradores das ruas 24 de Maio e Barão do Rio Branco<sup>77</sup>. Ressaltam-se os jogos ocorridos em praças, como é o caso das partidas disputadas em frente ao gasômetro, no terceiro plano do Passeio Público.

O esporte nos seus primeiros momentos se desenvolveu em três campos distintos, mas interligados por seus praticantes, como podemos perceber. Raimundo Girão, Valdemar Caracas e outros moravam na Rua 24 de Maio e proximidades. Na época, era uma rua residencial, com garotos que no fim de tarde se divertiam chutando as primeiras bolas, as quais muitas vezes eram “confeccionadas de meia”, como cita o senhor Caracas<sup>78</sup>. Os mesmos introduziram o futebol dentro das escolas, nos recreios, sendo a bola mais uma vez palco de conflito entre a ordem e os costumes. Fora dos muros escolares, as crianças protagonizavam confraternizações lúdicas movidas a muito barulho, como percebi no jornal A Gazeta de Notícias do dia 11 de agosto de 1927:

“Durante o dia de domingo, e geralmente às tardes, reúnem-se imnumeros meninos desocupados e iniciam o seu inacabável football. (...) A match acompanha commumente os palavrórios dos mal educados jogadores.”

“O barulho, as palavras indecentes e o fevor tanto dos praticantes como dos espectadores são concebidos como inconvenientes: assobios, gritos e palavras obscenas (das maiores) somos obrigados a ouvir.”<sup>79</sup>

O jornal na sua primeira edição já enfatiza como o esporte está numa linha tênue entre o aceitável e o proibido. O problema foi apresentado com tanta gravidade para a população que na primeira edição é possível ver uma grande nota destinada a reclamar daquele problema. O ponto chave dessa relação de conflito são os garotos: são eles que se deleitam no esporte, na novidade, e que transformam o espaço aos custos das reclamações e das punições da sociedade (representada pelo jornal) e da família. Assim afirma Valdemar Caracas: “meu pai

<sup>77</sup> Frederico MAIA. “A Verdadeira História do Futebol Cearense”. Fortaleza: Edição do autor, 1955.

<sup>78</sup> Entrevista com Valdemar Caracas a Rodrigo M. S. Pinto, realizada na casa do próprio entrevistado, residente na rua Soriano Albuquerque no Bairro Dionísio Torres, cidade de Fortaleza, CE no dia 17/04/2005

<sup>79</sup> Gazeta de notícias, Ano I, nº 01, Fortaleza, CE. 11.08.1927

não me deixava jogar bola. (...) Foi só depois que ele morreu que eu pude sair no fim de tarde para jogar com os garotos da 24 [de maio]”<sup>80</sup>.

O caminhar pacato pelas ruas é transgredido por crianças famintas de diversão, e a bola é o alimento para aquela juventude. As reclamações, opiniões e discussões a respeito do esporte surgiram de acordo com a construção da sua prática no meio social. A Gazeta de Notícias prova que durante duas décadas (alguns dirão que nos seus tempos de infância era da mesma forma, ou que dura até hoje) as reclamações em torno da bola eram pulsantes: “Aos domingos então a canalhice redobra porque esses moleques entendem de transformar o local [a rua, a calçada] em campo de *foot-bal* (sic) impedindo quase o trânsito de quem passa<sup>81</sup>”. E não precisava ser bola de couro, número 5, importada direto da Europa ou trazida do sul da República, “a gente jogava com bola de meia<sup>82</sup>” dizia Valdemar. A bola de meia é feita de retalhos e meias velhas, costurada a ponta, tomando um formato ovalado e com uma vida útil de baixa duração, já que se joga na rua de pedras, onde o contato com a bola de tecido é um entrave para sua durabilidade. O momento inaugural da “bola” nova era momento eufórico; não é à toa a “assoada doida” descrita na Gazeta de Notícias em 31 de agosto de 1929. As reclamações seguem e o local é também visto como um espaço de transgressão, como descreve o jornal:

“sempre que se oferece oportunidade, reclamamos da policia as necessárias providencias para extinguir esse abuso que prejudica o trânsito regular das vias publicas, lesa a integridade dos edificios e dá uma péssima mostra da educação de nossa gente. (...). A meninada tem ao seu dispor as praças abertas, optimos campos para o seu violento desporto. Mas, elles acham, sem dúvida, melhores as calçadas dos prédios, incomodando os transeuntes”<sup>83</sup>

Os jogos nas calçadas foram motivadores para o surgimento de dois seguimentos paralelos em torno da bola, um mais ligado às classes abastadas e

---

<sup>80</sup> Entrevista com Valdemar Caracas a Rodrigo M. S. Pinto, realizada na casa do próprio entrevistado, residente na rua Soriano Albuquerque no Bairro Dionísio Torres, cidade de Fortaleza, CE no dia 23/04/2005.

<sup>81</sup> Gazeta de notícias, Ano III, nº 385, Fortaleza, CE. 31.08.1929.

<sup>82</sup> Entrevista com Valdemar Caracas a Rodrigo M. S. Pinto, realizada na casa do próprio entrevistado, residente na rua Soriano Albuquerque no Bairro Dionísio Torres, cidade de Fortaleza, CE no dia 23/04/2005.

<sup>83</sup> O Nordeste, ano III, nº 167, Fort-CE. 16.10.1924.

outro, às subalternas. O espaço do espetáculo futebolístico promovido nas ruas da cidade pelas crianças se estenderia à periferia. A forma como era praticado o futebol pelas pessoas da periferia era condenada pelos jornais, enquanto, pelos segmentos abastados e centrais da cidade de Fortaleza, era exaltada. O esporte praticado em clubes fechados e condizentes com a perspectiva da civilização acabou promovendo uma segregação social, devido à não aceitação da promoção esportiva dentro das classes subalternas, empurrando o futebol para dentro de clubes. Estes foram no primeiro momento um espaço de socialização entre pares e segregação no que diz respeito à interação entre os grupos sociais. Os cidadãos que enxergavam o *foot-ball* como evento social estariam mais próximos da *high-society*.

Jogando-se futebol nas ruas, surge um novo segmento de conflitos sociais. São conflitos inflamados pelos cidadãos agredidos pela desestruturação das normas de conduta social. É nesse aspecto interessante, de conflito e admiração para com o *foot-ball*, que Fortaleza irá receber e praticar a novidade. As primeiras décadas do século XX servirão de espaço temporal para que haja uma harmonização do jogo, tornando-o comum à sociedade, algo cotidiano para o fortalezense. Mesmo sendo o cidadão a favor ou contra a prática, ele passará a conviver com uma vida social na qual o futebol se insere e se adapta a ela.

Surgem por volta de 1914/15 as primeiras notas de jornais noticiando partidas de futebol. Quanto às anteriores, até o momento não foi possível recuperar e/ou encontrar referências, nem aqueles que noticiem as primeiras partidas de 1903 e 1904 já citadas. Assim informava o “Diário do Estado” sobre o primeiro jogo do ano de 1915:

Realiza-se amanhã no *ground* do Jockey Club, o primeiro *match* do presente anno.

O *match* será disputado pelas *eleven* do Rio Negro e do Rio Branco, sendo seus *teams* assim organizados: Casemiro (*keeper*), Brazil e Bruno(*backs*). Ademar, Zazá e Brígido (*half-backs*). Bauer, Hiro, Mamede (*fowards*), sendo esse último, *captain* (do Rio Negro) e Aldo (*keeper*) Gaveia, Speedy (*backs*). Célio, Carlito, Gotardo (*half-back*) e Abreu, Pinto, Meton, Olsen, Ninito(*fowards*). Sendo o segundo *captain* (do Rio Branco)

Servirão de *lads-men*: José Elias e Cid Cabral; de juizes de *goal* Cicinato Machado e Tibúrcio Brazil.

Attenta para a grande qualidade de convites que foram distribuídos, é de se esperar grande assistência por parte das exma. famílias fortalezenses.<sup>84</sup>

A grande distância temporal entre o anúncio do jogo entre fortalezenses e um time inglês pode ser compreendida logo no início do noticiário esportivo. Em maio realizar-se-ia a primeira partida oficial de *foot-ball* daquele ano (1915). E no resto do ano? Será que essa seria a única partida de futebol jogada na cidade de Fortaleza em 1915? Será que o futebol estaria reduzido a partidas esporádicas em recintos fechados? Os garotos fortalezenses já provaram que não, então por que não se mencionavam outras partidas? Volto a explicar a visão concebida por Richard Giullianotti sobre o esporte como uma prática determinada por uma série de regras concebidas dentro de uma condição ímpar. O que estivesse fora ao concebido não poderia ser considerado o *foot-ball association*, delimitado pelo encontro dos 13 clubes ingleses em 1863 que gerou as regras do futebol moderno<sup>85</sup>.

É comum, hoje em dia, um caderno especial destinado para Esportes nos jornais impressos, e um período (uma coluna) nos telejornais. Não estou afirmando que as pessoas são “engolidas” pelo futebol. Entretanto, para não viverem ou não perceberem notícias a respeito da prática do esporte, terão que driblar o que se tornou comum - haja vista as exposições midiáticas durante o período de Copa do Mundo de Futebol que vivemos no ano de 2006. É essa proliferação do esporte e seu apelo aos espectadores que instigaram, em boa parte dos desavisados, a prática desportiva de jogar bola ou ter conhecimento da peleja.

O *foot-ball*, introduzido pelos “filhos ilustres” da cidade de Fortaleza, não obteve um caráter social abastado único e acabou convivendo com as classes subalternas durante toda a sua formação. O convívio com o proletariado favoreceu o surgimento dos clubes da classe. Foram esses primeiros momentos da formação do esporte na cidade de Fortaleza e a sua proliferação nos subúrbios que abriram espaços para que os trabalhadores socialmente periféricos pudessem

---

<sup>84</sup> Diário do Estado, Ano I, nº 122, Fortaleza, CE. 08.05.1915.

<sup>85</sup> Eduardo GALEANO. “Futebol ao Sol e à Sombra”. Porto Alegre: L&PM, 2004

se organizar diante de uma prática lúdica e associativa. É nessa “vulgarização” que o *foot-ball* da *high-society* citadina se tornou *Futebol* durante a década de 1920; o esporte se popularizou na periferia da cidade de Fortaleza e passou a ser expressão dos grupos de excluídos sociais.

Como estou revendo esse processo de “vulgarização” do esporte, tento compreender como ele se tornou popular dentro de uma sociedade que não concebia a sua prática e a qual, no momento em que despertou o olhar sobre o objeto em questão (o futebol), primeiramente assimilou-o como uma prática de um determinado grupo em contraposição a outro. É esta contraposição dentro do processo de formação que instiga o pesquisador a compreender esse objeto como um conflito de classe. O que motivou as classes subalternas a desejarem a apropriação do *foot-ball*? O *foot-ball* nasceu na formação educacional da elite inglesa, segundo Bill Murray e Eduardo Galeano. Todavia, no final do século XIX, o futebol já está sendo praticado por empregados no intervalo dos turnos de trabalho, em determinadas proporções, atrapalhando o processo produtivo - um conflito dentro do sistema de produção capitalista. É essa motivação da classe que contém os primeiros momentos de apropriação do esporte pelos trabalhadores. Eles querem se apropriar da diversão da elite local, porque desejam também ocupar os espaços que a eles não foram permitidos ter. O lazer passa, nesse momento, da formação da classe como parte dos fundamentos para associar os trabalhadores.

Enquanto a Associação Desportiva Cearense se solidificava e limitava seus participantes a associados de origem nobilíssima, como é o caso do Fortaleza e do Ceará — esses dois times são os únicos remanescentes atuais das primeiras formações futebolísticas na cidade — além do Guarany e do Bangu, surgiam na periferia da cidade de Fortaleza jogos promovidos pelos moradores da região, como resposta à formação de uma liga que impedia a sua participação. Valdemar Caracas conta em suas memórias: “uma proibição da ADC, não permitindo que seus filiados preliassem, mesmo amistosamente, com equipes não filiadas”<sup>86</sup>. Sugere-se então a idéia de uma exclusão total, ou quase, da periferia

---

<sup>86</sup> Valdemar Cabral CARACAS. “Alguma Memória”. Fortaleza: Edição Própria, 2002, Pág. 16.

nos jogos promovidos pela elite local – uma agressão social. Muito menos discreta era a discrepância entre classes sociais no Passeio Público no início do século XX<sup>87</sup>. Todavia, esta devia ser uma resposta concreta à “invasão” do espaço da elite ao qual as classes subalternas passaram a almejar. É claro que a invasão é uma percepção de uma camada social não contente de ver os espaços públicos sendo tratados como privados e ocupados por uma só parcela da sociedade, quando, na verdade, todos deveriam ter o direito de deles usufruir. Linda Gondim afirma serem práticas patrimonialistas exercidas por aqueles (aristocracia) que detêm o aparelho do Estado desde o Império Brasileiro e extensivo para a República Nacional até hoje.<sup>88</sup>

Por mais que o futebol tenha sido criado e desenvolvido dentro das escolas aristocráticas da Inglaterra do século vitoriano, o esporte veio para a América e foi praticado, inicialmente, por trabalhadores do cais do porto ou de empresas inglesas implementadas na região. Como menciona Bill Murray, demonstrando para nós que a inserção do esporte nas camadas menos favorecidas aconteceu mediante o processo de proliferação no resto do Brasil.:

No fim do século XIX, a economia e o futebol se expandiram nas regiões litorâneas meridionais da América do Sul, principalmente nas grandes cidades situadas no estuário do rio do Prata: Bueno Aires e Montevidéu. Nessa região, os marinheiros e operários britânicos, principalmente das estradas de ferro, jogavam futebol na década de 1860.<sup>89</sup>

Já supracitamos Frederico Maia e sua menção a uma partida realizada no cais do porto por ingleses que aqui passavam. À medida que os times da *high-society* cresciam e participavam da liga local oficial, a periferia da cidade praticava também a pelota, apenas não a documentando como os times da elite da cidade. E como perceber a existência desses times suburbanos? Na própria fala daqueles que jogavam bola na época, Valdemar Caracas é a referência de uma relação muito mais tênue do que longínqua com a periferia de Fortaleza, dizendo que: “sob a capa do Sport Club Mangueira, o Sport Club Maguary exibiu-se em

<sup>87</sup> Sebastião Rogério PONTE. “A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle”. In: SOUZA, Simone de. Uma Nova História do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000

<sup>88</sup> Linda GONDIM. “Os ‘Governos das Mudanças’ (1987 – 1994)” In: SOUZA, Simone de. Uma Nova História do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

<sup>89</sup> Bill MURRAY. “Uma História do Futebol”. São Paulo: HEDRA, 2000. Pág. 55

Parangaba, Maranguape, Messejana, Eusébio”<sup>90</sup>, provando que havia jogos nos arredores da cidade, em localidades nas quais Valdemar Caracas costumava buscar jogadores para o “seu” time, o Ferroviário Atlético Club. Ele chamava esses times de “suburbanos”. Esse relato, em seu livro de memórias, traz-nos à tona um importante detalhe: o esporte praticado no subúrbio não estava tão distanciado do praticado pela elite. Os suburbanos não podiam participar da ADC nem do campeonato elegido como o oficial, havendo uma exclusão social nesse sentido. Entretanto, os jogos da periferia versus o “centro” estavam ocorrendo e o esporte estava sendo viabilizado e popularizado nesses espaços. Salvo o Flamengo, ao qual Nirez de Azevedo chama de Leão do Subúrbio, que se filiou à ADC em 1923 para jogar o campeonato daquele ano, nenhum outro time do subúrbio disputou o campeonato organizado pela elite local até o final da década de 1920.<sup>91</sup>

Para os *sporstmen* era necessário organizar o futebol de acordo com o nível social e a proximidade da idéia de civilização. Quando da já citada partida realizada em 1914, entre “Fortaleza Sporting Club” e “English Team”, a nota do jornal sugeria um jogo entre locais e *sportsmen* advindos da “civilização européia” com a qual os cidadãos buscavam equiparar-se ou se inspirar, mesmo sendo o “English Team” composto por trabalhadores do cais, e alguns não britânicos. Os primeiros anúncios de futebol nos jornais aparecem como celebração social de uma elite local, como se esta estivesse promovendo festas ou encontros sociais, conforme salienta discretamente o já citado Diário do Estado, de 1915, quando informava que seriam servidos para as *ladies* “gelados e longos”. O movimento social foi confirmado como um dos primeiros clubes sociais a aparecer no cenário cearense relacionado ao esporte bretão. O livro de memórias de Raimundo Girão demonstra a relação entre esporte e a sociedade local quando fala sobre a inauguração de um clube na cidade, o *Guarani Athletic Club*, que teve a solenidade de inauguração realizada no Clube dos Diários, “*iniciada às 13hs., contou com a presença das autoridades (...) o Presidente do Estado, dr. João*

---

<sup>90</sup> Valdemar Cabral CARACAS. “Alguma Memória”. Fortaleza: Edição Própria, 2002. Pág. 16

<sup>91</sup> Nirez de AZEVEDO. “História do Campeonato Cearense de Futebol”. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002

*Tomé de Sabóia e Silva e (...) o Arcebispo d. Manuel da Silva Gomes*<sup>92</sup>, além de outros representantes de uma *high-society* preocupada com os costumes e a tradição. A solenidade viria para ratificar os laços de poder que estavam envolvidos no esporte, uma prática bastante elitista. As memórias de Raimundo Girão refletem as preocupações tanto da elite local, como da nacional.

Leonardo Pereira salientou que Marcos Mendonça, o ícone do *sportsman* nacional, tinha dito que o esporte estava em processo de degeneração social<sup>93</sup>. O goleiro da seleção nacional do título sul-americano de 1919 acreditava que o processo de miscigenação da raça e a inserção de pessoas de classes subalternas deturpariam o propósito da *foot-ball association*. É importante lembrar que a concepção de harmonia social ou a estetização da democracia racial só será trabalhada pelo Estado Nacional a partir da década de 1930 com o governo Vargas.

Isso confirma a idéia do processo de transformação do *foot-ball* para o Futebol visto como uma decadência social que aflige a elite brasileira. A negritude era um “problema” tratado pelo Estado na tentativa de expurgá-lo. Os negros eram vistos com maus-olhos pela elite branca nacional. Não agradava a esta elite a popularização do esporte, pois o “condenaria” a um “mal” que eles buscavam apagar de sua realidade. Esta perspectiva impedia os trabalhadores de participar do *hall* social e esportivo. Todavia, a regra era contradita pelo desejo de ganhar, haja vista observarmos a entrada discreta de jogadores do subúrbio para completar ou elevar a qualidade do seu time. E foi diante de uma necessidade de ganhar acima de qualquer suspeita que se permitiu a inserção no esporte de pessoas que não pertenciam ao mesmo patamar social. Posso usar como exemplo o já citado Maguary, que mudava de nome para Mangueira quando ia jogar contra os times do subúrbio, e, ao perceber a qualidade de alguns atletas, passava a assimilar esses jogadores nos times elitistas.

---

<sup>92</sup> Raimundo GIRÃO. “Fortaleza e a Crônica Histórica”. Fortaleza: Editora UFC, 1985. Pág. 125

<sup>93</sup> Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA. “Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.



José Sérgio Leite Lopes percebe no caso da cidade do Rio de Janeiro, a forma de assimilação de jogadores das classes subalternas adentrando os clubes. Um caso citado é o Vasco da Gama,

“O segredo do time do Vasco, (...), era o recrutamento dos melhores jogadores do subúrbio, fossem eles brancos, negros ou mulatos, e sua manutenção num regime de quase-internato, pago pelo clube, onde os atletas estavam disponíveis em tempo integral para o futebol. Essa equipe era sinal da crescente popularização do esporte.”<sup>94</sup>

O diferencial do Vasco para as outras equipes é sua formação ligada a uma colônia de imigrantes portugueses. Não caracterizava assim sua essência ligada à elite carioca. Todavia o poder aquisitivo dos comerciantes portugueses possibilitava o custeio da equipe, pagando “bichos” (gratificação paga aos jogadores devido ao bom resultado na partida) e ajudas de transporte<sup>95</sup>.

Segundo José Sérgio Leite Lopes, o processo de popularização e identificação das massas com os clubes tradicionais foi favorecido pela inserção de negros, mulatos ou brancos pobres, para melhoria técnica dos times de futebol. Essa popularização ocorreu, definitivamente, na década de 1930, “ficou marcada pelo avanço de um processo de democratização no interior do futebol, no que se refere tanto à definição profissional dos jogadores, técnicos e auxiliares quanto à incorporação de um público amplo, de massas”<sup>96</sup>. Acrescenta Lopes,

“Essa identidade entre jogadores e público foi experimentada logo depois do profissionalismo. O fato de o Flamengo contratar jogadores como Fausto, Domingos da Guia e Leônidas da Silva contribui para que esse clube, que antes tinha política amadorística, se fosse tornando o mais popular da cidade”.<sup>97</sup>

Situação parecida ocorre com o Ceará Sporting Club ao assimilar jogadores negros durante a década de 1930, como poderemos observar mais adiante na página 105 dessa dissertação. Essa popularização do Ceará irá fazer com que a classe subalterna identificar-se-á com o clube. Fato que não ocorre

---

<sup>94</sup> José Sérgio Leite LOPES. “Classe, Etnicidade e Cor na Formação do Futebol Brasileiro” in: Cláudio BATALHA & Fernando Teixeira da SILVA & Alexandre FORTES (org), *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2004. pp. 133, 134.

<sup>95</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>96</sup> Idem, *Ibidem*, pp. 144, 145.

<sup>97</sup> Idem, *Ibidem*, p. 144.

com o Fortaleza a priori, mantendo durante a profissionalização do esporte, um caráter amadorístico. José Sergio Leite Lopes observa essa mesma relação no caso do Grêmio Porto-Alegrense e o Internacional<sup>98</sup>.

### **1.3. A formação da ADC: uma resposta aos interesses da *High-Society***

O futebol não foge aos espaços de conflito! A formação dos primeiros clubes na cidade de Fortaleza favoreceu uma elitização do esporte — quando nos referimos ao esporte dentro da prática concebida de regras e interesses sociais — em detrimento ao praticado entre as classes subalternas que disputavam os espaços e os meios sociais com as classes abastadas. O conflito de classe no espaço urbano fortalezense já foi percebido em outros estudos, como o de Sebastião Rogério Ponte, que identificou nas ruas do Passeio Público da cidade de Fortaleza um espaço de choque social entre classes, entre uma elite detentora de privilégios e arraigada de valores moralistas, contra os excluídos por não ter acesso às riquezas de um mundo capitalista em formação ou porque fizeram escolhas social e moralmente não aceitáveis para os padrões da época<sup>99</sup>.

O usufruto do Passeio Público de Fortaleza é remetido pelo historiador Sebastião Rogério Ponte como espaço de conflito social, com direito a divisões sociais em suas ruas. Também pude perceber pela descrição de Edgar de Alencar que o lazer domingueiro consistia em caminhar com seus familiares. Esses passeios aguçaram seu olhar para o esporte. O *foot-ball* era praticado no terceiro plano (plano inclinado e gramado, próximo ao gasoduto) do Passeio Público. Essas relações demonstradas outrora servem para exemplificar que o esporte em sua franca popularização já tomava conta da vida cotidiana dos trabalhadores, e

---

<sup>98</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>99</sup> Sebastião Rogério PONTE. “A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle”. In: Simone de SOUZA. *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

essa distinção entre *team* e time de futebol estava muito mais na fala dos aristocratas de fortaleza.

A sociedade brasileira do início do século XX, e incluímos a sociedade fortalezense, era muito arraigada aos valores morais clericais e enjeitava a população menos favorecida. Esse asco da elite pela classe subalterna foi palco de diversificadas ações que geraram conflitos para manutenção e posse dos espaços, sejam eles: um passeio público ou a construção de um boulevard mediante a destruição de casas populares ou cortiços<sup>100</sup>

O impasse social se reflete nas lutas dos primeiros momentos da formação da classe, quando os operários, indignados pelo mundo excludente, observam no âmbito do trabalho que este não é propício para o seu desenvolvimento social. Passa a ser ponto do debate do proletário o direito a melhores condições de trabalho e de vida. No mesmo momento em que a *high-society* ficou inebriada com o esporte nascente, trabalhadores morriam devido à insalubridade no espaço de trabalho. Participar das práticas desportivas podia ser uma questão de conquista social, lutas pelos espaços onde estavam praticando o futebol, produzindo um tipo de lazer. Como todas as outras conquistas trabalhistas, o lazer fazia parte de suas reivindicações e da concepção do mundo fabril. Outrora disseram as tecelãs de Massachusetts: "As almas, como os corpos, também podem morrer de fome. Queremos pão, mas também queremos rosas"<sup>101</sup>

A disputa entre os clubes da época não tem o vigor e a importância dos dias atuais, salientou Leonardo Pereira, ao ressaltar a complexidade sócio-econômica do futebol do final do século XX. Entretanto, o proletário percebe que os campeonatos são pontos de afirmação dentro do contexto social vigente; vencer também pode ser visto como ser o melhor entre seus pares. A vitória passa

---

<sup>100</sup> Veja sobre a Revolta da Vacina in: José Murilo de CARVALHO. "Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi". São Paulo: Companhia das Letras, 1987. E sobre o processo de higienização na cidade do Rio de Janeiro in: Sidney CHALHOUB. "Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial" São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>101</sup> Lema da luta das mulheres tecelãs em Massachusetts, que no dia 8 de março de 1857 ocuparam em greve uma fábrica e começaram a reivindicar melhores condições de trabalho. A manifestação foi reprimida com total violência. As mulheres foram trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada. Aproximadamente 129 tecelãs morreram carbonizadas.

a ser um ícone da conquista sobre os grupos abastados que outrora o excluiu do processo de formação desportiva. É um conflito propriamente dito, pois existem os campos de batalha, o *green*, onde se dão os embates. Nessas idas e vindas a peleja pode terminar em briga. Nada anormal até entre os aparentes pares, como diz Valdemar Caracas, em jogo “amistoso” do Mangureira (Sport Club Maguary) versus o São Christovam, de Sobral, no final de um tempo meio “quente”:

“Terminei o primeiro tempo e um grupo de torcedores de mim se aproxima, vindo, à frente, um corpulento mulato, de quase dois metros de altura que estendeu a mão direita e falou: ‘seu moço, eu sou São Christovam, da sola dos pés à croa da cabeça, mas deixe lhe dar um aperto de mão porque o sinhô jogou essa merdinha’”<sup>102</sup>

Sugere para nós uma partida com ânimos à “flor da pele”, ao levar em consideração que os jogos eram bastante agitados. As relações entre jogadores de classes subalternas contra os filhos da elite local podiam agitar muito mais que palavras ofensivas, como irei salientar no capítulo 3: Futebol de Classe: “vencer ou morrer”, um campo simbólico nos subúrbios.

Para evitar que o proletariado se sinta parte desse meio futebolístico, a primeira liga é excludente, como todo o contexto desportivo. Basta observar quais são os times que participaram em 1915 do campeonato organizado pela denominada Liga Metropolitana: o Rio Branco, o Maranguape, o Rio Negro e o Stela<sup>103</sup>. Os anos que se seguem irão perpetuar alguns desses times no *hall* social da peleja, como o Rio Branco, que logo mudou de nome para Ceará Sporting Club, ainda em 1915, e o Stela, que irá se tornar o Fortaleza Esporte Clube. E os outros times, aqueles que não pertenciam a esse meio elitista? Fizeram sua liga própria!

A *Liga Cearense de Foot-ball*, assim descrita no jornal “Diário do Estado” de 15 de maio de 1915:

Hontem pelas 13 horas, reuni-se a primeira sessão preparatória para a fundação da “Liga Metropolitana Cearense de Foot-ball”, tendo comparecido a mesma os representantes das diretorias de

<sup>102</sup> Valdemar Cabral CARACAS. “Alguma Memória”. Fortaleza: Edição Própria, 2002. Pág 17.

<sup>103</sup> Sobre esses times e a sua formação, vide minha monografia ou as histórias sobre o esporte local produzidas pelos memorialistas Alberto Damasceno, Nirez de Azevedo ou Frederico Maia.

todos os clubs do Ceará, combinando-se várias medidas no sentido de ampliar o *foot-ball* no Estado do Ceará<sup>104</sup>

O encabeçador do movimento foi Alcides Santos, presidente do então formado Stela. A liga era um movimento associativo implementado pelos próprios clubes em formação, no intuito de aglutinar mais os participantes diante dos seus interesses, mesmo que esses jogadores recebessem na sua associação o Maranguape, um time originado na cidade vizinha à capital. A proposta era expandir entre seus pares o esporte pelo Estado, como consta na nota de fundação acima citada. O histórico social dos participantes do Maranguape era o que os permitia fazer parte dessa organização: como explica Edgar de Alencar, “*os rapazes eram ricos*”<sup>105</sup>. Comprovadamente, mesmo com a distância de um dia de viagem a pé entre as cidades, os jogadores se permitiam socializar mediante seu *status*. Quando comenta a respeito dos irmãos Humberto e Alfredo Ribeiro, fundadores do dito time, Alencar complementa dizendo ser Humberto o melhor centro-avante da época para os *sportsmen*. Segue o Diário do Estado afirmando sobre um dos intuitos da fundação:

entre outras medidas, ficou resolvido que fossem uma comissão ao ilustre senhor coronel Casemiro Montenegro, digno prefeito municipal, afim de que o mesmo auxilie os directores da “Liga” na instalação de um campo próprio para o jogo em uma das praças desta capital<sup>106</sup>

A primeira liga não congregava todos os interesses dos *sportsmen*, haja vista que a proliferação de outros times começava a preocupar os interesses deles, pois os jogadores não eram mais os mesmos, não tinham as preocupações de outrora. Em 1919, com o título sul-americano, o futebol brasileiro já se tornava uma mania nacional, como constatou Leonardo Pereira em artigo da Revista Estudos Históricos, quando ressaltou a visão de Marcos Mendonça a respeito dos participantes do futebol e sua vontade de ganhar<sup>107</sup>. Essa vontade descrita já estava se sobrepondo a idéia do que hoje chamamos de *fair-play* (jogo limpo, ou

<sup>104</sup> Diário do Estado ano I, nº 141 Fortaleza, CE - 15/05/1915

<sup>105</sup> Edgar de ALENCAR. “Fortaleza de Ontem e Anteontem”. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1972. Pág 68.

<sup>106</sup> Diário do Estado ano I, nº 141 Fortaleza, CE - 15/05/1915.

<sup>107</sup> Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA. “Pelos Campos da Nação: um *goal-keeper* nos primeiros anos do futebol brasileiro”. In: Revista Estudos Históricos nº 19: indivíduo, biografia, história. 1997.

jogar por jogar sem os interesses voltados para a vitória). Os times da elite aceitavam jogadores de outras freguesias, outros bairros e/ou classes, também surgiam times de trabalhadores ou relacionados à companhia de trabalhadores, como é o caso, em Fortaleza, do “Olímpico Foot-ball Club, na sua quase totalidade constituído de funcionários da Rede de Viação Cearense (RVC)”<sup>108</sup> foi fundado em 1919. O Olímpico era organizado pelo engenheiro Henrique Couto Fernandes, “diretor daquela Ferrovia e elemento de grande destaque na vida elegante da cidade”<sup>109</sup>. Assim, a proliferação de times no subúrbio da cidade começou a preocupar os *sportsmen* que, muito bem motivados pela popularização do esporte pelo país, seguiram uma tendência que já estava sendo posta: constituir uma federação de esporte que protegesse os interesses dos clubes e promovesse um campeonato local.

Devemos considerar que a idéia de liga se estende pela capacidade dos times em se organizar e promover partidas de uns contra os outros - fato enfatizado, posteriormente, pelos memorialistas de outra maneira. É nesse momento que os detalhes irão denunciar a existência de uma organização futebolística fora do círculo elitista da cidade de Fortaleza. Basta observar o que nos conta Frederico Maia, que “*foram classificados na primeira divisão, o Stela, o Ceará, o Rio Negro e o Maranguape, ficando os demais na segunda divisão*”<sup>110</sup>. Que segunda divisão é essa a que se referia o senhor Frederico Maia? A concepção das divisões recai sobre um processo de maior organização do Futebol. Isso só começaria a ser desenvolvido na década de 1930 com as mudanças desportivas no governo de Getúlio Vargas, o qual apoiou o *scratch* brasileiro a ir à Copa do Mundo de Futebol na França 1938. Diz Bruno Bochilia que “a profissionalização refletia os interesses de muitos trabalhadores que não dispunham de tempo para treinar e que começavam a receber 'salários' e

---

<sup>108</sup> Edgar de ALENCAR. “Fortaleza de Ontem e Anteontem”. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1972. Pág 66.

<sup>109</sup> Idem, Ibidem.

<sup>110</sup> Frederico MAIA. “A Verdadeira História do Futebol Cearense”. Fortaleza: edição própria, 1955. Pág. 26

vantagens para apenas jogar futebol”<sup>111</sup>, confirmando que a relação trabalho/esporte estava bastante abalada, e dirigentes e políticos tentavam criar condições para manutenção de clubes, sócios e torcedores. Assim, podemos pensar que o que Maia nos mostra são outras ligas amadoras de futebol na cidade de Fortaleza, levando-nos à idéia de que a primeira divisão citada era a liga promovida pelos clubes como Ceará e Stela, que representavam a ordem local. Uma outra divisão seria apenas reflexo de divisões sociais promovidas pela própria ADC (como veremos adiante), ou uma liga própria que determinasse os interesses de um grupo social o qual a formou.

Outro detalhe: se somente os quatro clubes já citados formaram a primeira liga e depois a ADC, como Frederico Maia poderia afirmar a existência de uma segunda divisão? Frases confusas que nos deixam grandes frestas para a análise do seu livro escrito em 1955. No momento em que fala a respeito da década de 1910, o senhor Maia transporta as relações já solidificadas pelo futebol pós-Vargas e as insere na construção de suas frases, sem preocupação de analisar continuidades e descontinuidades — preocupação que, logicamente, não lhe caberia *a priori*? Isso traz a tona um detalhe importante para pesquisa: ele fez referência nítida à existência de outros times, “subalternos”, jogando bola nas praças da cidade, disputando o espaço com os times do *status quo*.

A fundação da ADC em 1920 confirma que, dentro do processo de organização do *foot-ball* local, o esporte tendia a fechar mais ainda o círculo dos seus praticantes. A fundação não objetivava apenas uma maior organização do esporte ou a legalização dentro do Estado. Em primeiro lugar, eles não representavam uma força dissidente ou uma classe antagônica — os *sportsmen* expressavam o *status quo*, filhos dos “donos” da cidade — fazendo-nos concluir que a legalidade do esporte não é o motivador da formação da ADC. Ela representava o legal, ao contrário dos outros que vivem às margens dessa sociedade elitista. Se o esporte está em ascensão no Brasil, principalmente nas camadas populares, a existência do Olímpico Foot-ball Club traz à tona uma

---

<sup>111</sup> Bruno Bochilia. “Identidade Nacional e a Copa do Mundo de 1938”. In: <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Ano 11 - N° 102 - Novembro de 2006

preocupação dos “pebolistas” já ressaltada por Leonardo Pereira ao analisar o discurso de Marcos Mendonça: “os campos são tomados por indivíduos pobres (...) até categorias profissionais pouco valorizadas, como os lixeiros, estavam fundando seus próprios clubes futebolísticos”<sup>112</sup>.

Em Fortaleza, não consegui enxergar tanto dessa forma, mas essa expressão futebolística de um time composto por integrantes da ferrovia começa a dar espaço para os primeiros pontapés organizados da classe. Tal hipótese, de um medo da elite quanto à proliferação do futebol nas camadas mais populares e em meio a trabalhadores, ganha confirmação quando, por exemplo, avaliamos os *sportsmen* Raimundo Girão, Alcides Santos e Sílvio Gentil como os principais encabeçadores do movimento de fundação da Associação que pretendia promover o futebol no estado. Os rapazes em questão eram membros das famílias tradicionais da cidade, como é o caso do senhor Sílvio Gentil, da família Gentil, dono das terras que circundavam a região do Campo do Prado. Alcides Santos passeava entre os times da cidade promovendo o Futebol, como já afirmara o Sr. Alberto Damasceno<sup>113</sup>. Quanto a Raimundo Girão, este foi um dos defensores do *Guarany Athletic Club*, em sua formação, como também um grande memorialista da história da cidade de Fortaleza. Eles pretendiam viabilizar um esporte num sentido unívoco pró *elegant*. Essa condição de existência do *foot-ball* já era descrita por Fábio Franzini no seu livro *Corações na ponta da chuteira*<sup>114</sup>, no qual, dentre outros, traça um relevante embate para a formatação da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), criada em junho de 1916. O intuito de se construir uma confederação era ter uma maneira de frear o ímpeto desportista das classes subalternas.

Entre o período de 1920 e 1936, a Associação Desportiva Cearense funcionou sem nenhum estatuto, apenas mediante os interesses daqueles que comandavam a entidade. Torna-se impossível ressaltar coerentemente as normas

---

<sup>112</sup> Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA. “Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. Pág. 34.

<sup>113</sup> Entrevista, com Alberto Damasceno, realizada na casa do mesmo, situada próximo ao Lago Jacarey, no bairro de mesmo nome, na cidade de Fortaleza – CE, em 11/09/2004.

<sup>114</sup> FRANZINI, Fábio. “Corações na Ponta da Chuteira: Capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 – 1938)”. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.



que estão descritas na ata de fundação de 29 de janeiro de 1936, em relação à proposta inicial da década anterior, pois novos valores vão ser incorporados ao novo estatuto, de acordo com interesses políticos e sociais vigentes no período da sua legalização cartorial. Vale ressaltar que seu registro ocorreu no período anterior ao golpe do Estado Novo. Sabe-se que o governo varguista é bastante avançado nas suas leis trabalhistas, permitindo um melhor diálogo entre Estado e proletário. Essa mudança de postura do Estado me permite refletir sobre adulterações na forma de pensar daqueles que comandavam o futebol local. Mesmo que as novas leis buscassem uma inserção do proletário no meio em questão, elas demonstravam ser ainda bastante elitistas, mantendo uma hierarquização social, comum para um Estado repressor, que vivenciou inúmeros estados de sítio naquele ano de 1936 (foi renovado por três vezes o estado de sítio) e que era preocupado em expurgar tudo que contivesse ideais comunistas, como igualdade social e divisão de riquezas<sup>115</sup>. É o que podemos constatar ao ler adiante os artigos da ADC.

Ao referir-se à participação dos demais clubes da cidade na ADC, informa o Artigo 3º “quando nos subúrbios dessa capital, ou em municípios do interior desse Estado, houver dois ou mais clubes, devem os mesmos, para efeito de filiação, organizar, previamente, uma ‘Liga Desportiva’”<sup>116</sup>. Entretanto, o artigo seguinte informa que esses não poderiam participar do que eles chamavam de Divisão A, apenas de uma divisão B ou C que seria viabilizada de acordo com o pagamento do ingresso na entidade, conforme o Artigo 5º:

“Para que uma entidade desportiva possa se filiar-se (sic) a ADC é necessário: (...) provar haver pago jóia de filiação, na importância de 50\$000 quando se tratar de clubes classificados na divisão A, e de 25\$000 para incluídos na divisão B e C.”<sup>117</sup>

A ata de fundação da ADC, como podemos observar, por mais que tenha sido feita anos posteriores à sua fundação social, ainda carrega consigo preceitos das imposições sociais. Qual o significado das classificações? O time pode se filiar, todavia ele já estaria classificado antes da filiação, como se

---

<sup>115</sup> Thomas SKIDMORE. “Brasil – De Getulio a Castelo (1930-1964)”. São Paulo: Paz e Terra, 2003

<sup>116</sup> Certidão do livro de registro de pessoa jurídica 3º. Ofício de notas. Livro 2, folha 66 a 67.

<sup>117</sup> Ibidem.

subentende no artigo acima. Seria uma classificação social, e não técnica como temos hoje em dia.

Boa ressalva para explicitar minhas dúvidas a respeito dessa regra que permite a inserção de times na divisão B e C da liga é a de Caracas, quando menciona a existência de um time de futebol formado a partir de uma mesma agremiação apenas para burlar uma obrigação posta pela ADC:

“E porque Mangueira, em vez de Maguary? Simplesmente para respeitar uma proibição da ADC, não permitindo que seus filiados preliassem, mesmo amistosamente, com equipes não afiliadas. Àquela época nenhuma agremiação sediada no interior [como no subúrbio] tinha filiação com a ADC. (...) nos idos de 1928”<sup>118</sup>

É fato determinante para nos mostrar que a divisão estava clara pelas próprias diretrizes da ADC a idéia de impedir os outros times de jogarem na sua liga abalizada pela CBD. Mais uma vez a idéia de divisão recai em divisões sociais, e não técnicas. O caso insufla a idéia de existirem times ligados à ADC, que representam a elite local (pessoas abastadas), e outros times, que representam populares de diversos setores.

A ata de fundação de 1936 é apenas um referendo que tem o intuito de dividir socialmente as classes envolvidas no “esporte bretão”, tentando colocar cada um no seu devido lugar escolhido por aqueles que controlam o futebol. Insinuava impedir uma generalização que ocorria desde a década de 1910 e que foi exposta anteriormente por Leonardo Pereira ao analisar a fala do *goal-keeper* Marcos Mendonça. Era um engano por parte da elite nacional e local, que achava ser possível criar divisões sociais tão rígidas e perfeitas. Fato esse em parte tentado e que não foi possível banir durante a Primeira República, também em outros setores? Uma vontade de esconder as pessoas, que eles (a elite) consideravam indesejadas.

---

<sup>118</sup> Valdemar Cabral CARACAS. “Alguma Memória”. Fortaleza: Edição Própria, 2002. Pág 16.

#### 1.4. O Futebol no Subúrbio: Olímpico Futebol Clube

Em 1921, no campeonato local, são recebidos como novos adeptos o América *Foot-Ball Club* e o Botafogo *Foot-ball Club*, estes formados por atletas do Colégio Militar<sup>119</sup>. Esse fato nos acrescenta a idéia de uma popularização do esporte. Todavia, reduzia-se a uma prática elitista de um futebol jogado em colégios de alunos de famílias abastadas. Começava o futebol a se inserir no cotidiano escolar da cidade de Fortaleza, como comprovado no texto de memórias de Frederico Maia, *A verdadeira história do Futebol cearense*, no qual o autor cita a prática desportiva como sendo reclusa nas escolas, o Colégio Castelo e o Liceu<sup>120</sup>, em detrimento à viabilização do esporte praticado por pessoas advindas dos níveis sociais menos abastados.

Na minha monografia “Fortaleza da Pelota: do *Foot-ball high-society* ao Futebol Proletário (1904 – 1934)” ressaltai que o futebol nasceu a partir de uma classe abastada e foi apropriado aos poucos, até sua inteira popularização no início da década de 1930, por pessoas de classes subalternas, quando trabalhadores deram um novo significado ao jogo. Hoje, depois de rever fontes e eliminar preconceitos constituídos por trabalhos de referência anteriores, acredito que essa idéia seja um equívoco, uma vez que, mesmo que o discurso tradicional afirme o papel dos semióforos, ele é contraditório. Vale lembrar o que Marilena Chauí disse:

O semióforo era a comunicação com o invisível, um signo vindo do passado e dos céus, carregando uma significação com conseqüências presentes e futuras para os homens. Com esse sentido, um semióforo é um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim pela sua força simbólica<sup>121</sup>.

---

<sup>119</sup> Nirez de AZEVEDO. “História do Campeonato Cearense de Futebol”. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002.

<sup>120</sup> Frederico MAIA. “A Verdadeira História do Futebol Cearense”. Fortaleza: edição própria, 1955. Pág 26.

<sup>121</sup> Marilena CHAUI. “Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária”. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. Pág. 12.

Comprova a idéia de que a veracidade do discurso tradicional só se sustenta pela necessidade de afirmar algo do interesse particular em nome do interesse público. Confirma Chauí: “ele [semióforo] é posse e propriedade daqueles que detêm o poder para produzir e conservar um sistema de crenças ou um sistema de instituições que lhe permite dominar um meio social”<sup>122</sup>. A contradição dessa simbologia de nascimento do esporte bretão no território brasileiro é percebida nas primeiras partidas e confirmada ao longo das duas primeiras décadas do século XX. Leonardo Pereira foi o primeiro a afirmar que esse esporte se solidificou com histórias do tipo: filhos da elite nacional voltando dos estudos curriculares no exterior trouxeram um esporte novo para o Brasil. Mas esses casos “não bastam, porém, para explicar a história do jogo em seus primeiros anos no Brasil”<sup>123</sup>, porque não foram apenas garotos da alta classe social que efetivaram o esporte no Brasil.

Em Fortaleza, o primeiro jogo noticiado, já citado, também seguiu o padrão nacional para seu mito-fundador. O semióforo aponta para um garoto de alta-classe que seria o promotor e divulgador do esporte, como já vimos. E os trabalhadores? Por que não se falou neles? Por que eles foram colocados apenas como figurantes nessa primeira cena da história do esporte nacional?

A República era uma república oligárquica. O Estado não via as classes subalternas com bons olhos; suas ações eram, na imensa maioria, contra os pobres e a favor dos ricos. Os pobres e/ou negros eram vistos como um, dito, mal que deveria ser expurgado da sociedade brasileira. O discurso oficial, obviamente, não favoreceu a compreensão dessa parcela significativa da população e acabou por silenciá-la. Esse motivo já bastaria para entender o sumiço desses homens que também fizeram a História dos primeiros momentos do futebol na cidade de Fortaleza. Como escutar os silenciados? É necessário buscar nas entrelinhas dos documentos a participação de pessoas de classes subalternas durante as primeiras partidas de futebol, de preferência aqueles que representavam um grupo de trabalhadores. O exercício proposto é revisar e

---

<sup>122</sup> Idem, *Ibidem*. Pág 13

<sup>123</sup> Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA. “Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. Pág 22.

dialogar com as fontes em vários ângulos de possibilidades - uma fonte pode nos contar várias histórias diferentes.

Para compreender a formação do mito da primeira partida, temos que considerar que ela é uma incógnita. Contudo, ela abre espaço para um variado debate a respeito de como contar a história inaugural do futebol cearense. Para Frederico Maia, a primeira partida ocorreu no final de 1903, e foi jogada por um grupo de pebolistas de um navio inglês que estava em excursão para o sul do país. Já comprovei que seria improvável essa partida ter sido realizada por jogadores “profissionais”<sup>124</sup>.

Para Alberto Damasceno e Nirez de Azevedo, a primeira partida foi em 1904, uma peleja de José Silveira e amigos contra os trabalhadores do cais do porto, intitulados de Ingleses. Dez anos passados, em 1914, o discurso continuava o mesmo, como consta em uma nota de jornal Unitário (vide página 58), mostrando o *English Team* formado por jogadores de nomes ingleses e latinos, trabalhadores da região do porto. A grande pergunta para esses fatos é: quem estava jogando futebol em Fortaleza? O futebol em Fortaleza, assim como em outros lugares do Brasil, nasceu na dualidade entre um esporte elitista e o praticado por trabalhadores num lazer domingueiro, no final de um dia de trabalho ou, como veremos adiante, no intervalo do fim da jornada diurna e à espera do início do expediente noturno.

As experiências nos primórdios do futebol cearense apontam para uma dualidade constante: o esporte elitista se sobrepondo sobre o praticado nas camadas sociais menos abastadas.

No final da década de 1910, os times da elite já estavam com suas formações definidas, exceto alguns rachas, como foi o caso do Fortaleza, que se desfez em 1929 para surgir no ano seguinte como Orion, que teve vida curta, voltando a ser posteriormente Fortaleza.

Essa definição por parte dos times elitistas solidificou mais ainda o poder da ADC como associação organizadora e que regulamentava os jogos e os times locais, como pudemos perceber anteriormente em seu estatuto. O caráter

---

<sup>124</sup> Cf. item 1.1 na página 26 dessa dissertação.

amador da associação permanecia; não havia intenções claras de profissionalização do esporte, e a manutenção do *status quo* desportivo era visto com bons olhos. Basta lembrar que havia hierarquizações de classe na formação das divisões estabelecidas para o campeonato.

Quero acrescentar uma opinião circunstancial: acredito que os times classificados de série B e C, pela ata de 1936, não se filiaram à ADC *a priori*. Primeiro pela quantia estabelecida ser muito alta (25\$000), se comparada, por exemplo, à filiação de sócios do Botafogo do Rio de Janeiro, que em “4 de julho de 1905 (...) [teve um] aumento na mensalidade para 5\$000 e da jóia de ingresso para 10\$000”<sup>125</sup>. Assim descreve Leonardo Pereira ao demonstrar que as restrições para o ingresso dos associados eram uma forma de criar empecilhos sociais no ingresso de novos sócios. Uma comparação interessante, partindo do pressuposto do Botafogo ser um time do Distrito Federal. A quantia de 10\$000 como jóia e 5\$000 como mensalidade era vista como uma dificuldade para os menos abastados adentrarem os clubes. Mesmo a soma sendo individual, pagar 25\$000 para se filiar à Associação aparentava ser uma tarefa difícil. Outro ponto de comparação: em 1929 a Guarda Cívica abriu em Fortaleza uma enfermaria, e os gastos de alimentação por leito diariamente eram orçados por volta de 1\$500, segundo ressaltava o Presidente de Estado na sua mensagem lida à Assembléia Legislativa na segunda sessão ordinária da décima legislatura<sup>126</sup>. Tentei expor possibilidades de comparação de preços para mostrar que a filiação estava amarrada a uma quantia *a priori* acima das possibilidades dos trabalhadores.

Além disso, mesmo se fosse possível organizar uma arrecadação financeira para a associação desses clubes subalternos, seria quisto por eles estar associados à ADC naquele momento?

Então ressalto: a filiação era vista apenas como uma afirmação entre seus pares, haja vista que o título não premiava com nenhuma quantia

---

<sup>125</sup> Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA. “Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. Pág. 34.

<sup>126</sup> Mensagem apresentada pelo Presidente de Estado do Ceará (José Carlos de Mato Peixoto) à Assembléia Legislativa e lida na abertura da 2ª sessão ordinária da décima legislatura. 1º de julho de 1930. Pág. 19. In: <http://www.crl.edu/content/brazil/cea.htm>

circunstancial, mas dava apenas *status* social, naquele momento. O futebol ainda deveria ser considerado um jogo *fidalgo*<sup>127</sup>.

O surgimento do Olímpico Futebol Clube em 1919 traz à tona uma ambigüidade na formação dos clubes de futebol no final da década de 1910 e início da década de 1920. Além disso, revela-nos a possibilidade da fundação de outros times de empresas, um contraponto aos times elitistas que serviam como rodas sociais da alta sociedade. Tais times eram considerados um agregador, um meio de ser visto pelas famílias tradicionais como um espaço de afirmação dos *pares*, confirmando um mundo civilizado. Nesse caso, o futebol passava a ser tido como um “corredor” para atingir as “salas” das rodas sociais. Tenho certeza de que *O Cortesão*<sup>128</sup> não era o livro mais lido naquela alvorada de século XX, todavia não posso deixar de acreditar que os seus valores estavam permeados na sociedade aristocrática de Fortaleza.

Couto Fernandes provavelmente vislumbrou a possibilidade de inserção na sociedade fortalezense através do futebol. Se o *foot-ball* é uma prática de sociabilidade, desfrutes e cortesias, faz-se acreditar que, ao fomentar o surgimento do Olímpico, ele tenha pensado *a priori* em uma maneira de se promover socialmente e se inserir na elite local. Lembrem-se de que Couto Fernandes não faz parte das rodas sociais dos primeiros times de futebol e não é citado por Raimundo Girão, Edgar de Alencar (a não ser na formação do Olímpico), nem por Barão de Studart. Hoje Couto Fernandes tem um lugar de destaque na memória da Ferrovia, na fomentação do METROFOR (Metrô de Fortaleza), uma das suas estações principais será lavrada com o nome do engenheiro. Todavia, o meu intuito é de refletir um outro ponto da fundação do time da Estrada de Ferro. A hipótese que levanto é a de que o Olímpico tenha sido a primeira experiência futebolística dos funcionários da ferrovia. Impulsionada pelo engenheiro organizador do desporto, uma parcela dos funcionários teve contato com a bola e disseminou a prática lúdica nos anos posteriores entre os

---

<sup>127</sup> Idem, *Ibidem*. Alusão ao primeiro capítulo da obra

<sup>128</sup> Publicada no ano de 1528, obra de Baldassare Castiglione intitulada “*O Cortesão*” ganhou fama, tornando-se um manual da sociedade na época, e hoje chega a nós com o status do mais importante tratado do período. Foi re-visitada e analisada por Peter BURKE, “As Fortunas d’O Cortesão”. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

empregados. Se havia jogo de bola antes do Olímpico, isso não é percebido até então pelas fontes colhidas: jornais e as atas da beneficência. Entretanto, não descarto a possibilidade de a beneficência estar a par do que estava ocorrendo, mesmo que eu não tenha encontrado registro em suas atas de reuniões.

Essa “primeira” hora do futebol operário é interessante no tocante ao contato entre o patronato, personalizado pelo engenheiro, e os trabalhadores, as classes subalternas. Observo um entrelaçado dentro da organização social do trabalho, idealizando uma classe bastante heterogênea, como posso deduzir na fala de Edgar de Alencar ao descrever um jogador e sua relação com a elite local que freqüentava lugares da moda e falava a respeito do *sport fidalgo*. Escreveu Edgar de Alencar: “um dos jogadores do Olímpico era Aurélio da Rocha Mota, muito visado pela torcida adversa, e pelas rodinhas da praça do Ferreira, talvez pelo jogo brusco e desordenado e pelo seu jeitão particular”<sup>129</sup>. Edgar de Alencar minimiza alguns preconceitos em torno de Aurélio, muito provavelmente um jogador de origem humilde que trabalhava na companhia de ferro e era visto pelos *sportsmen* com um jogador à parte dentro daquela realidade futebolística. O time da RVC não teve vida longa naqueles últimos minutos da década de 1910 entre a elite local. Mas os primeiros chutes estavam lançados para a consolidação do futebol entre a classe ferroviária durante a década seguinte e o início dos anos 30. Parecia ser muito mais um esforço de um engenheiro que queria participar ativamente da “vida elegante” da cidade de Fortaleza e se sociabilizar com os *sportsmen* do que um homem do esporte de verdade. Essa foi a impressão que Edgar de Alencar nos deixa em seus escritos. Suponho que é a partir do Olímpico que a estrutura futebolística começou a ser implantada na Estrada de Ferro. Sua empreitada não foi marcada nos anos posteriores por questões não tão certas, não encontrei nenhuma nota de jornal ou traço de memória a respeito do Olímpico, mas vejamos alguns detalhes que podem sugerir boas respostas. Primeiro, surge a ADC e suas regras de associação que desfavoreceram a prática do futebol por equipes não abastadas, privilegiando um campeonato local bastante

---

<sup>129</sup> Edgar de ALENCAR. *Fortaleza de Ontem e Anteontem*. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1972. Pág. 66



elitista e ratificando os interesses já deturpados em centros mais estruturados, no tocante à bola, como é o caso do Rio de Janeiro e São Paulo (a fala de Marcos Mendonça está sempre ecoando). E, segundo, a falta de interesse da empresa em financiar o esporte entre a classe operária. Essa intencionalidade (nesse primeiro período analisado – 1904 a 1930) não é percebida na cidade de Fortaleza ainda, ao contrário do Rio de Janeiro, como é exemplo o Bangu. Essa ação de intervenção da empresa no lazer operário, no caso, o futebol, só será percebida na década posterior, durante o governo Vargas, considerando que Getúlio irá solidificar o esporte no âmbito do trabalho.

## 2º. Capítulo: 2º. Quadro – Os Clubes Proletários

"Logo que nos sentimos mais traquejados, e que o número de praticantes do jogo havia crescido, convoquei a turma para o primeiro cotejo regulamentar. The Gas Work Team, que era integrado por empregados da companhia, contra The São Paulo Railway Team, formado por funcionários desta ferrovia. Foi em 14 de abril de 1895. Ao chegar no capinzal, a primeira tarefa que realizamos foi enxotar os bois da Cia. Viação Paulista, que tosamos a relva pacificamente."

(Charles Miller)<sup>130</sup>

Os times de trabalhadores surgem na cidade de Fortaleza, como vimos, mediante a tentativa de encontrar no futebol uma prática que abstraísse o mundo do trabalho e desse aos trabalhadores um espaço de convivência e lazer.

O capítulo que segue dá conta de explicitar as relações que fomentaram os clubes operários na cidade de Fortaleza: seus primeiros contatos e times organizados e seus intuitos como times de trabalhadores. O futebol desde sua inserção estava sendo praticado pelas classes subalternas, pelo proletário. Então, meu foco foi perceber como esse futebol praticado por trabalhadores foi transformado em prática organizada e formalizada de lazer e convívio da classe.

O trabalhador não é simplesmente aquele ser humano que entra no recinto de produção e passa horas ali, a fio, produzindo um determinado subproduto que servirá como anteparo do objeto final, do qual ele, provavelmente, não observará o todo, ou não se perceberá dentro do todo. Ele não é um sujeito mecanizado que aperta parafusos como se fosse o pobre operário de Chaplin<sup>131</sup>. O trabalhador é um ser humano composto de necessidades sociais como qualquer outro sujeito social. Necessita de remuneração devida para que seja possível garantir sua condição humana: o direito a alimentação, saúde, educação própria e familiar, moradia, e tempo e dinheiro que possam também ser investidos em lazer.

---

<sup>130</sup> Jair de SOUZA et al (orgs). "Futebol-Arte: A cultura e o jeito brasileiro de jogar". São Paulo: Empresa de Artes, 1998. p. 34.

<sup>131</sup> Alusão ao filme de Charles Chaplin *Tempos Modernos*, EUA, 1936.

Os trabalhadores tentavam encontrar subsídios que amenizassem o sofrer do mundo do trabalho e a pobreza causada pela baixa remuneração recebida depois de longas jornadas de trabalho. A miséria impedia o lazer comercializado.

“Um sem-número de atividades domésticas e suburbanas — de pouco ou nenhum custo (‘arrastar a cadeira até a calçada’, brincadeiras de rua, conversar, visitar o mercado, seja para comprar alimento barato, seja para diversão gratuita, jogatina ao ar livre, futebol, caminhar no parque, as *Whit Walks*, excursões escolares dominicais, rodinhas de esquina e desfile de macacos) — são, assim, apresentadas em sua estabilidade e sedução entre 1850 e 1930”.<sup>132</sup>

Gramsci diria que o futebol é representação de “uma sociedade individualista”, com uma difusão menor de valores do capitalismo industrial.<sup>133</sup> Segundo ele, a sociedade italiana do início do século XX é mais suscetível ao jogo de baralho: “os italianos (...) preferem o espaço fechado de um botequim; ao movimento, a imobilidade”<sup>134</sup>.

Ao lermos *Trabalho, Lar e Botequim*, de Sidney Chaloub, percebemos na sua introdução três formas comuns de lazer: o boteco, lugar onde se bebe cachaça; as relações amorosas, que, no caso lido, é revelação de discórdia; e, finalmente, a jogatina de baralho. Podemos ler em Chaloub:

“Por volta de meio-dia, Zé Galego e outros estivadores companheiros seus já se encontravam sentados numa catraia (...), distraíndo-se num jogo a dinheiro. (...) O grupo dirigiu-se depois [de terminado a jogatina por causa de desafeto] para o Botequim do Cardozo (...). No entanto, o clima continua tenso depois daquele jogo acidentado. Zé Galego e Antônio Paschoal embrenharam-se numa discussão acalorada na porta do boteco. Cerca de uma hora da tarde, estava tudo terminado. Dispararam-se diversos tiros de revólver, e Zé Galego jazia agonizado no chão”<sup>135</sup>.

<sup>132</sup> Neville KIRK, *Cultura: “Costume, Comercialização e Classe”*. In: Cláudio BATALHA & Fernando Teixeira da SILVA & Alexandre FORTES (org), *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2004. p. 61.

<sup>133</sup> Antônio GRAMSCI. “Escritos Políticos. Volume 1 (1910 – 1920)”. Edição Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 210.

<sup>134</sup> Idem, *Ibidem*. p. 209.

<sup>135</sup> Idem, *Ibidem*. p. 24.

Uma disputa pelo amor de uma mulata, assim estampavam os jornais da época. O fato ocorrido era dimensionado como “um acontecimento repentino, violento e desencadeado por motivo fútil”<sup>136</sup>, resultado de um amor não resolvido.

Para o historiador Fernando Teixeira da Silva, o mundo do trabalho constrói uma ritualização que tem como finalidade demonstrar vigor e força, um aspecto da cultura da classe que perpassa pelo sugerido por Gramsci. Fernando Teixeira da Silva fala que:

“A disputa pela fama de valente, portanto, exigia platéia, torcida, testemunhas que deveriam funcionar como um ‘tribunal da reputação’, ao qual cabia reconhecer quem gozava de respeito, reverência e distinção. A aquisição da honra, que não implica necessariamente noções de virtude e justiça, dependia da visibilidade das ações, da avaliação pública dos ‘feitos’ de um homem.”<sup>137</sup>

A morte de Zé Galego representa um dos contextos da cultura dos trabalhadores, mas não podemos determinar que o mundo operário restringe-se apenas a valentia e lutas sindicais. Gramsci percebe, em 1919, esses mesmos aspectos de violência descritos anteriormente: “o jogo de baralho termina freqüentemente com um cadáver e algumas cabeças quebradas. Jamais se ouviu dizer que uma partida de futebol tivesse terminado assim”<sup>138</sup>.

O pensador italiano não conseguiu entrever, pelo menos no caso italiano, que o esporte fazia parte de uma dessas esferas sociais nas quais se inserem os trabalhadores, como E.J. Hobsbawm tem ressaltado no seu clássico escrito sobre a formação da classe operária inglesa<sup>139</sup>. Mesmo sendo esse do esporte elitista o discurso dominante da sociedade capitalista sobre a prática esportiva no início do século XX, não ocorria tal qual se esperava ou estampava,

---

<sup>136</sup> Idem, *Ibidem*. p. 36.

<sup>137</sup> Fernando Teixeira da SILVA. “Valentia e cultura do trabalho na estiva de Santos” In: Cláudio BATALHA & Fernando Teixeira da SILVA & Alexandre FORTES (org), *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2004. p. 211.

<sup>138</sup> Antônio GRAMSCI. “Escritos Políticos. Volume 1 (1910 – 1920)”. Edição Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 210.

<sup>139</sup> Eric HOBBSBAWM. “A Formação da cultura de classe operária britânica” In. Eric HOBBSBAWM. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. 3ª. edição revista. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

embora boa parte dos trabalhadores da Itália e do Brasil estivessem mais inclinados para o jogo de baralho do que para o futebol.

Para compreendermos melhor como se moldou esse maniqueísmo, as próximas páginas desta dissertação explicarão a relação entre o esporte elitista e o praticado pelo proletariado. Eles não estavam tão distantes entre si.

Depois veremos como se deu a formação do emblemático time do Ferroviário, interrogando e questionando a visão do semióforo, Valdemar Caracas, e de Manoelzinho (ex-jogador e funcionário da RVC). O olhar de Manoelzinho possibilitará refletir sobre como o senhor Caracas era visto pelos jogadores anos depois da fundação do time de futebol da companhia de viação e sobre sua relação com a classe operária. Por fim, o capítulo se encerra com uma problematização a respeito da fundação do time dos operários da estrada de ferro.

## **2.1. Time *versus* Team**

O discurso faz parte das relações de classe. Dentro da sociedade, o discurso reflete, até um determinado ponto, tipos de exclusão. De fato, a fala (compreensão da fala) faz parte de um jogo complexo nas relações sociais. São gírias, palavras usadas por um determinado grupo que facilitam a paridade e excluem sujeitos anômalos à comunidade. A fala, o discurso em si, não é determinante para a formação da classe ou dos sujeitos, todavia é uma forma de assinalar as comunidades, como também a classe operária.

No primeiro momento do esporte, um dos vieses utilizados para determinar o controle sobre o futebol era a linguagem e o livro de regras. Os jornais estampavam palavras em inglês comuns à prática do esporte bretão; assim associava-se a idéia do uso da linguagem à praxe. Caso quisesse o indivíduo usufruir o esporte, ele também deveria ter conhecimento das suas linguagens. A fala seria um dos primeiros percalços transpostos pelo aventureiro. Assim como a fala, o controle das regras era fundamental para a inserção dos *sportsmen* no

meio desportivo. Não é à toa que, ao descrever a gênese do futebol no Brasil, vários autores citam a presença do livro de regras. Em São Paulo, Charles Muller; no Rio de Janeiro, Alberto Cox; e no nosso caso estudado, em Fortaleza, José Silveira. Todos eles inseriram o futebol na sociedade porque detinham o livro das regras do *foot-ball association*.

Esses dois primeiros parágrafos enunciam preocupações existenciais nos momentos iniciais do futebol. Era como se, para se jogar futebol, fosse indispensável *a priori* ter conhecimento das regras — as crianças e adolescentes de hoje em dia diriam que isso não é necessário, como também vimos na página 40 desta dissertação.

Aqueles que se postavam como analfabetos dentro desse conjunto de regras sociais estavam excluídos. Entretanto, não se pode acreditar que o domínio simplificado desse discurso possibilite ao indivíduo o convívio com os *sportsmen*. Seria exagero dizer que o domínio da linguagem determinava a participação dos sujeitos nos grupos, pois o que decidia esse pertencimento passava mais por uma questão social.

Estou sugerindo que a idéia da fala faz parte de um quesito da classe na qual os trabalhadores utilizam dialetos, gírias próprias para se classificar, restringir e denominar o convívio e as relações sociais. A nascente burguesia fortalezense, detentora dos aparelhos sociais, fazia o mesmo.

Os jornais matutinos servem como exemplos para se perceber o uso da fala. Há duas razões para tanto: primeiro, porque o jornal representa os interesses do seu grupo; segundo, pelo fato de tal publicação ser um discurso. Então devemos entender que o jornal é a visão e a fala representativas de uma determinada classe. Entretanto, não é o discurso que constrói essa classe. Os donos dos meios de produção é que interferem e produzem esse discurso.

Os jornais costumavam exaltar os feitos sociais dos seus jogadores, quem eles eram, a qual família eles pertenciam e, principalmente, sua formação acadêmica profissional. Uma forma de classificar os *sportsmen*.

Todavia, o comum naquela época era o aspirante à high-society sair da sua cidade natal e ir cursar o ensino superior em outro estado ou ir para a Europa.

Quando a viagem acontecia, era digno de nota nos jornais da cidade, como no caso do jogador do Peñarol. Ilustrava a capa do Jornal “O Povo” em letras garrafais, em 19 de maio de 1941:

“NOTÁVEL PERDA PARA O FUTEBOL CEARENSE  
ZESERGIO EMBARCARA HOJE PARA RECIFE

Notável perda para o futebol cearense será sem dúvida a partida de José Sergio Ribeiro Filho com destino a Recife, onde vai estudar Odontologia.

Crack de vários recursos, possuidor de uma técnica impecável, Zésério deixará sensível lacuna no ‘association’ local, que tinha no mesmo um dos seus elementos mais disciplinados e distintos.

Sua partida dar-se-á talvez ainda hoje, pelo ‘Comandante Ripper’ (...)

Consta que Zésério, na capital pernambucana, jogará pelo Sport a convite de Gambetá.”<sup>140</sup>

Podemos observar alguns detalhes interessantes a partir dessa notícia. A opção de José Sérgio de ir estudar em Recife e não no então formado curso de odontologia da cidade de Fortaleza poderia indicar insegurança pela mais recente faculdade da cidade, como também busca de um curso de melhor *status* social. Uma hipótese interessante, mas a escolha de Zesergio ultrapassa essa problemática. Sua preferência por um curso longe de casa revela a condição financeira de sua família de poder manter seus estudos e estadia fora da cidade. Era um caminho costumeiro para os filhos da elite e Zesergio apenas estava mantendo um trajeto de vida comum aos seus pares. Se atrelarmos sua participação esportiva ao Peñarol, do bairro do Alagadiço (atual Bezerra de Menezes), podemos concluir que a idéia descrita por Valdemar Caracas em entrevista: “tinha dois times lá, o Maguary e o Peñarol. Num bairro de Fortaleza em 1920 e tanto, tinha dois times de futebol e bons, Maguary e Peñarol, pra você ver como era...”<sup>141</sup> é de que naquele bairro havia dois times elitistas. O primeiro descrito por Caracas teve seus jogadores apelidados de “Os Príncipes” pelos citadinos e estampados nos jornais, como vemos na ilustração 1, a seguir. O

<sup>140</sup> O Povo, Ano XIV, nº 4695, 19.05.1941.

<sup>141</sup> Entrevista com Valdemar Caracas a Rodrigo M. S. Pinto, realizada na casa do próprio entrevistado, residente na rua Soriano Albuquerque no Bairro Dionísio Torres, cidade de Fortaleza, CE no dia 17/04/2005

segundo contava com *sportsmen* do “calibre” de Zésergio, exaltado pelo jornal O Povo, demonstrando o requinte social daqueles dois times de futebol.



ilustração 1

Os jornais eram um espaço de diálogo interessante na sociedade, refletindo o comportamento citadino nos aspectos da fala e dos códigos de postura. A distinção entre “time” e “*team*” descrita no cabeçalho do subcapítulo está bem exposta nas leituras de jornais. Foquei minha pesquisa no acervo da hemeroteca e microfilmagem da biblioteca Menezes Pimentel nos jornais “O Povo” (1928 – 1945) e “A Razão” (1929 – 1937), tentando identificar o surgimento dos times de bairro e como esses jornais estavam noticiando as partidas suburbanas. Os jornais da época concentravam a maior parte do seu tempo exaltando os times da elite; poucas linhas eram destinadas aos times que fugiam a esse círculo social do futebol. Para mim, é o jornal “O Povo” que melhor testemunha o esporte praticado entre a elite local, sempre noticiando os feitos dos times do Fortaleza, Maguary, Peñarol, América, Ceará, entre outros times que estavam vinculados à ADC.

O jornal “A Razão” trazia uma coluna semanal chamada “A Razão Desportiva”, que noticiava os eventos esportivos do local, fazendo menções aos



acontecimentos corriqueiros e às notícias relacionadas ao mundo esportivo. Através desse jornal, que tinha uma maior abrangência do mundo desportivo da cidade de Fortaleza, consegui identificar outros times de futebol. São exemplos de clubes que jogavam no subúrbio fortalezense: Arsenal, Steno, Pam, Vitória, Social, São Paulo, Messejana, Copacabana, entre outros.

Os jornais lidos me permitiram dissociar o sentido entre *foot-ball* e futebol. Dois termos que qualquer dicionário de inglês/português traduziria como sinônimos, aqui eles pulam aos nossos olhos com intencionalidades diferenciadas. O uso da língua inglesa, incessantemente nos jornais, demonstra uma já citada exclusão de leitores que não dominavam o idioma estrangeiro e não tinham contato com os variados signos da construção do esporte. Uma exclusão que perpassa as diferenças classistas e adentra o próprio mundo burguês. Segundo José Murilo de Carvalho, “oitenta por cento da população do Rio de Janeiro [em 1904, período da Revolta da Vacina] não tinha direito a participação política pelos mecanismos eleitorais”<sup>142</sup>, sugerindo que quase toda essa população fosse pobre e analfabeta, como também, formada por grande número de mulheres. Provavelmente, essa parcela da sociedade não lia jornal no Brasil no início do século até o período varguista e a reforma educacional de Capanema. Então, partindo-se do pressuposto de que boa parte da sociedade brasileira das três primeiras décadas do século XX não lia jornal, a minoria que se interessava em ler não olhava com bons olhos a parte esportiva. Reflexo disso era o fato de que, até a década de 1930, pouco antes do campeonato mundial de futebol ocorrido no Uruguai, o jornal “O Povo” tratava as partidas de futebol como uma notícia mundana, aleatória ao meio de outros informes, muito mais como complemento de página do que como interesse pela peleja esportiva.

É o jornal “A Razão” que me possibilitou a percepção de que os assuntos em torno da bola eram muito mais corriqueiros do que o outro periódico demonstrava. Todavia, a tendência dos dois jornais é de exaltar um futebol ainda bastante elitista e com uma “pronúncia” bastante peculiar. O uso da linguagem era

---

<sup>142</sup> José Murilo de CARVALHO, “Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi”. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 91

uma forma de reverberação de um conjunto de signos dominados apenas por um seleto grupo, os *sportsmen*. Essa prática se prolonga por toda a década de 1930. Em 12 de agosto de 1931, o jornal “O Povo” reverencia a chegada de: “*players* esperados em Recife. Os jogadores de futebol Carvalho Leite, Nipo, Russo, Nei e Tinoco vindos do Rio são esperados amanhã nessa cidade”<sup>143</sup> (sic). Mantendo a usualidade dessa linguagem, em 1937, “A Razão” traz na sua capa a notícia sobre o selecionado brasileiro: “Os *foot-ballers* brasileiros venceram”<sup>144</sup>.

Esse conjunto de signos diferenciava o futebol falado no centro da cidade do que era falado no subúrbio. As mesmas regras que foram ponto culminante para determinar o saber esportivo na formação do esporte no Brasil — tanto que vimos no primeiro capítulo que o que determinava, para os cidadãos e memorialistas da época ou do atual momento, quem jogava *foot-ball* ou não era quem detinha o ‘livro de regras’ — agora eram re-significadas e, em parte, alastradas pelo uso da linguagem, tomando sempre a mesma idéia de posse e controle do esporte, já estudada no primeiro capítulo.

É óbvio que esse controle do esporte pela elite já estava ameaçado pelo franco processo de popularização e profissionalização do esporte que vinha ocorrendo no Brasil — diga-se de passagem que o movimento de profissionalização do futebol estava bastante adiantado no Rio de Janeiro e em São Paulo e começava a se alastrar para o resto dos estados da República.

A respeito da estruturação da “revolução de 1930” e seus desenrolares no contexto internacional, a compreensão é de que os anos 1930 inauguraram um processo de crescimento da economia interna, gerando empregos e novas áreas de atuação profissional. Com isso, posso concluir que a maior preocupação dos trabalhadores não estava no “exército de reserva”<sup>145</sup>, mas receber os benefícios implementados pelo Governo Federal. Como podemos perceber, “o Estado do pós-30 desencadeou uma política social de produção e implementação de leis que

---

<sup>143</sup> O Povo, Ano IV, 12.08.1931

<sup>144</sup> A Razão. 14.01.1937. p. 1

<sup>145</sup> O exército de reserva do mundo do trabalho é, simplesmente, os trabalhadores que estão desempregados e são utilizados hoje em dia como peça de manutenção do espaço de ofício, seja o trabalhador demitido por questões de incapacidade de gerir o lucro exigido pela empresa, ou por tentativas de reivindicações mal vistas pela diretoria da empresa.

regulavam o mercado de trabalho e, com esse novo recurso de poder, conseguiu a adesão das massas trabalhadoras”<sup>146</sup>. Os trabalhadores do pós-30, em parte, viam com bons olhos o governo de Getúlio Vargas.

Como mesmo salientou ambigualmente Valdemar Caracas: “A estrada é ordeira, tem o partido comunista, mas é ordeira”<sup>147</sup>. A estrutura do governo pós-30 consegue adesão inclusive das tendências de esquerda. Dentre as várias tendências de pensamentos, era possível conceber trabalhadores transitando entre elas. Ocorreu claramente esse fato durante as quatro primeiras décadas do século XX<sup>148</sup>.

É durante a década de 1930 que o debate sobre a profissionalização do futebol na cidade de Fortaleza tornar-se-á mais fervoroso. É o período do surgimento dos times de futebol ligados a companhias, empresas ou sociedades de socorro mútuo. Os exemplos que se destacam no futebol cearense são os do Ferroviário, do Tramway e do Sem Rival. Para uma melhor compreensão, vou fazer uma rápida introdução sobre esses três times.

O Ferroviário Atlético Clube foi organizado por trabalhadores da Rede de Viação Cearense em 1933 e adentrou o campeonato organizado pela ADC em 1938. Um dos nossos principais objetos de análise, o time do Ferroviário é bastante significativo para o estudo devido a sua permanência no histórico do futebol nacional. Ainda funciona mantendo, como uma das suas características de time operário, a retirada mensal de uma cota do salário dos ferroviários, como ajuda de custo para o clube. Não vou me adiantar mais a respeito dele, pois os próximos três subcapítulos comentam a formação do Ferroviário. Veremos duas pequenas biografias a respeito do seu mito-fundador, Senhor Valdemar Caracas, e do jogador-operário Manoelzinho. Por último, uma rápida reconstrução a respeito da fundação do Ferroviário.

Já o Tramway foi um time formado pelos funcionários da Ceará Tramway Light Co., companhia que fornecia eletricidade e mantinha linhas de

---

<sup>146</sup> Ângela de Castro GOMES. “A Invenção do Trabalho. 3ª edição – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 178.

<sup>147</sup> Entrevista com Valdemar Caracas 01.04.2005

<sup>148</sup> Não estou restringindo isso a posteriori, apenas ratificando um evento ocorrido no período estudado

bonde e ônibus na capital do Ceará. Sua primeira participação no campeonato cearense de futebol organizado pela ADC foi no ano de 1939, um ano depois do Ferroviário Atlético Clube participar da mesma liga de futebol. Antecipando um pouco nossas páginas, foi o Tramway o primeiro time organizado a partir de operários que ganhou o título de campeão cearense de futebol pela ADC.

O terceiro time significativo é o Sem Rival Futebol Clube, organizado pelos associados da Sociedade Phoenix Caixeiral. A associação mutualista congregava os caixeiros cearenses e ganhava espaço notório na sociedade local. Sua fundação em 1891 tinha como princípio a luta por:

“Educação e Trabalho’. Inauguram a escola de comércio com matrícula inicial para 200 alunos. O grupo, que ganha prestígio na cidade, defende que a instrução é a solução para ‘os males sociais’, como a mendicância e a prostituição. A exigência da educação também tem para os caixeiros relação direta com as reivindicações por redução da jornada de trabalho, fim do trabalho noturno, fechamento das portas aos domingos.”<sup>149</sup>

Como podemos ver na citação acima, a associação dos caixeiros passava por questões vivenciadas pelos trabalhadores urbanos, suas lutas sociais (educação, lazer, redução da jornada de trabalho, melhores salários) por melhores condições de trabalho e vida. Não será à toa a fundação do Sem Rival Futebol Clube diante da perspectiva das reivindicações da associação.

Esses três times nasceram dentro de um embate interessante que o futebol elitista vivenciava: a profissionalização. Se a profissionalização era vista com maus olhos para alguns, para outros era o único viés da manutenção do futebol como esporte de competição. Os times operários passavam por uma transição relativamente parecida com a sofrida pelos outros times. Todavia esse processo de transição anunciava uma nova problemática dentro da formação dos times de classe: receber jogadores da cidade ou de outras praças, apenas com o intuito de jogar pelo time da empresa, tirando do gramado um jogador-operário.

---

<sup>149</sup> NoOlhar, Revista Fortaleza, 21.05.2006. Sítio eletrônico:

<http://adm.noolhar.com/DESENVOLVIMENTO/opovo/especiais/revistafortaleza7/594861.html>

É atestado pelo senhor Valdemar Caracas que o estatuto do FAC exigia que o jogador do time fosse um funcionário do Clube. Manoel me disse: “só depois de 1960 que não precisava, mas em 1946 precisava ser funcionário”<sup>150</sup>.

É na virada da década de 1920 para 1930 que ocorreram as maiores transformações na relação entre governo, patronato e trabalhadores. Podemos afirmar que o Crack da Bolsa de valores de Nova York (1929) foi um catalisador para as transformações trabalhistas no mundo contemporâneo.

No Brasil, a revolução de 1930 é, segundo Angela de Castro Gomes, uma ruptura na estrutura política e social do país<sup>151</sup>.

O Estado Novo irá aproximar os trabalhadores do Estado, criando políticas assistencialistas, como também, e, o mais importante, leis que sedimentavam o “poder” dos trabalhadores dentro do seu espaço de trabalho. Assim, exemplifica Fernando Teixeira da Silva sobre o seu caso estudado dos estivadores da cidade de Santos,

“Getulio Vargas assinalou em 1939 um anteprojeto favorecendo os sindicatos estivadores. Conforme estudo realizado pelo Ministério do Trabalho, informava o anteprojeto, ‘está provado que o serviço de estiva, quando contratado diretamente entre as empresas de navegação e os sindicatos de estivadores, traz reais vantagens, quer para o desenvolvimento da exportação, quer para a própria navegação’”<sup>152</sup>

Os trabalhadores se sentiam entusiasmados por conta dessas “conquistas”. Mesmo as conquistas sendo parte da luta do movimento trabalhista, a interferência do Estado criava um elo entre a luta trabalhista e o personagem Getúlio Vargas.

Já o afastamento entre o governo e o proletário anterior à Vargas é de fácil vislumbre. Sobre as lutas operárias e as ações governistas surge um caso interessante sobre a sedimentação do lazer operário. “Em 1924 um projeto da

---

<sup>150</sup> Entrevista com Manoelzinho 19.02.2006. Jogador do Ferroviário entre 1946 e 1961. São as palavras do ex-funcionário e jogador. Eu não tive acesso ao estatuto de fundação. O Sr Valdemar Caracas não soube informar, nem dirigentes do clube sabem.

<sup>151</sup> Angela de Castro GOMES, “O Redescobrimto do Brasil” texto revisto e condensado in: Angela de Castro GOMES. A Invenção do Trabalho. 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

<sup>152</sup> Fernando Teixeira DA SILVA. “Valentia e Cultura do Trabalho na Estiva de Santos. In: BATALHA, Cláudio e SILVA, Fernando Teixeira da & FORTES, Alexandre (org), Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2004. p. 226.

Comissão de Legislação Social do Congresso Nacional propunha o direito a férias para os empregados no comércio”<sup>153</sup>. Alexandre Fortes decorre a respeito da proposta inovadora que o Estado brasileiro propõe para as relações de trabalho no comércio local. A proposta de férias movimenta tanto o patronato, que pela voz da Associação Comercial de São Paulo, considera a atitude uma ação socialista. Enquanto que o proletariado não fazia menção desse tipo de reivindicação, ou segundo Fortes a respeito de Astrojildo Pereira<sup>154</sup>, “desdenhava das propostas da legislação trabalhista então em discussão e apontava a agitação operária como único fator capaz de assegurar a conquista de direitos efetivos”<sup>155</sup>.

A década de 1920 viu acelerar alguns fatores determinantes para a formação da cultura das classes subalternas, “embora as ambigüidades continuassem presentes. Com a popularização do futebol, diversos atletas negros assumiram papel de destaque nos times menos famosos”<sup>156</sup>, gerando uma relação forte entre torcida e jogadores. O crescimento dos atletas oriundos dos subúrbios e dos bairros operários criava uma identificação maior entre torcida e time de futebol. Mesmo que a *priori* esses atletas tivessem apenas “destaque nos times menos famosos”<sup>157</sup>. Posteriormente, o “futebol transformava-se em jogo majoritariamente praticado por pobres. Domingos da Guia e Leônidas da Silva, jogadores negros que alcançaram enorme admiração, são um exemplo dessa mudança que se aprofunda na década de 1930”<sup>158</sup>. Em 1937, o debate a respeito da profissionalização do esporte toma proporções maiores quando o governo “buscou acelerar a votação da emenda que oficializava os esportes”<sup>159</sup>.

Então, enquanto os times da elite local se preocupavam com a profissionalização do esporte e com a perda dos valores que moldaram o *foot-ball*

---

<sup>153</sup> Alexandre FORTES, “Férias para quê?” In: Revista de História Biblioteca Nacional, ano II, Nº 17, Fevereiro 2007. p. 30.

<sup>154</sup> Fundador do Partido Comunista Brasileiro.

<sup>155</sup> Alexandre FORTES, “Férias para quê?” In: Revista de História Biblioteca Nacional, ano II, Nº 17, Fevereiro 2007. p. 31.

<sup>156</sup> Rachel SOIHET. “O Povo na Rua: manifestações culturais como expressão de cidadania.” In: Jorge FERREIRA & Lucilia de Almeida Neves DELGADO (org.). O Brasil Republicano v. 2. O Tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 295.

<sup>157</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>158</sup> Idem, *Ibidem*, p. 297.

<sup>159</sup> Idem, *Ibidem*, p. 299.

na alvorada do século XX, os trabalhadores igualmente tinham suas preocupações sobre a profissionalização. Os *teams* estavam sendo sugados pela nova tendência do esporte, como também, pela ânsia dos resultados positivos. Ganhar uma partida para a elite era um sentimento que se pareava quanto para um time do subúrbio. A questão passava a não estar somente na “luta de classe” dos times oriundos das classes subalternas vencerem os times elitistas ou vice-versa dentro de campo. A gana por ganhar chegava a perpassar as questões étnicas ou do nível social. A vitória em determinados momentos passou a ser um ato de se sentir bem com ou contra os seus pares, fosse vencendo com eles ou contra eles. Ganhar passava a ser o foco das partidas de futebol. E a dissociação até aquele momento posta trouxe uma maior paridade entre as classes, no sentido da necessidade do esporte. O jogo propriamente dito passava a ficar restrito a um perde-ganha campal, mesmo porque os times já estavam tão heterogêneos no final da década de 1930 e início da década seguinte, que não se podia identificar qual era a sua verdadeira composição.. Exceto os times vinculados a empresas, onde os funcionários eram os que compunham a equipe de futebol, exemplo: o Ferroviário. O conflito começava a sair do campo e subir, definitivamente, a arquibancada.

Até mesmo o Ferroviário, depois da interferência de Valdemar Caracas (segundo ele mesmo: “Eu ia no subúrbio, quando eu via um jogador bom, eu chamava ele, dava um emprego e ele ia pro Ferroviário”<sup>160</sup>), favorecia a mistura dentro do time, de jogadores-operários e jogadores semi-profissionais. Era o caso de Zé dias, goleiro campeão de 1945, sobre o qual disse Caracas: “Eu tinha o goleiro que era o Zé Dias. Fui buscar no subúrbio, ele era goleiro lá no São João do Tauape<sup>161</sup>”. Outro caso de contratação no Ferroviário aconteceu em 1942, quando o time da estrada de ferro “apresentou como destaque Marinho, *half* trazido de Recife”<sup>162</sup>. O time formado nas oficinas do Urubu — como iremos ver no último subcapítulo deste mesmo capítulo — durante a década de 1930, e

---

<sup>160</sup> Entrevista com Valdemar Caracas 04.03.2005.

<sup>161</sup> Idem.

<sup>162</sup> Airton de FARIAS. “Ferroviário: nos trilhos da vitória”. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005. p 35.

principalmente, depois de 1938, quando o Ferroviário Atlético Clube adentrou o campeonato da “1ª divisão” do futebol cearense, perdeu muito do seu “esqueleto” operário. Inicialmente, a introdução dos jogadores vindos de outros times do subúrbio, como mesmo contam Valdemar Caracas e Manoelzinho, não descaracterizou o time de trabalhadores da RVC. O time era formado por funcionários, pois, para se jogar no Ferroviário, era necessário ser funcionário da empresa. Confirma Manoelzinho, sobre essa realidade, que “só depois de muito tempo, por volta de 1960, não precisava mais” ser funcionário da RVC para jogar futebol no clube da empresa. É essa mudança na década de 1960 que reestruturou a concepção do time do Ferroviário.

O elemento de que seus jogadores eram de fato operários da estrada de ferro é parte fundamental na razão de ser do time e na fundação deste time operário de Fortaleza. Essa realidade ocorrida entre 1933 e sua profissionalização total na década de 1960 nos remete à comparação com os conflitos étnico-nacionais ocorridos na Espanha. O futebol serviu como “válvula de escape” para os movimentos separatistas ou autonomistas, contra o poder centralizador de Madri. Os campos de futebol passaram a ser palco de representações das decisões políticas do Estado Espanhol. Impedidos, inicialmente, de demonstrações públicas com suas bandeiras e hinos locais, o povo da Catalunha e de Bilbao transportou seus sentimentos para os principais times locais, o Barcelona e o Athletic de Bilbao. O Atlético de Bilbao, time tradicional do país basco (Bizkaia), não aceitava jogadores de outras regiões, ditos estrangeiros: uma forma de afirmação da identidade basca e de resistência, antes ao franquismo e depois aos planos políticos nacionais a partir de 1975<sup>163</sup>.

No Athletic ainda hoje ainda não são permitidas logomarcas da confecção e patrocínios estampados no uniforme do seu time. Como afirma Simone Bertelegni, o Atlético de Bilbao é o último baluarte<sup>164</sup>, pois ainda cultiva o mito do futebol tradicional. Mesmo que os jogadores do Athletic fossem grandes

---

<sup>163</sup> Cf. Ana Lúcia Gomes MUNIZ. “Os Pactos de Moncloa e a transição política espanhola”. In: Osvaldo COGGIOLA (org.). Espanha e Portugal: O fim das ditaduras. São Paulo: Editora Xamã, 1995. p 183

<sup>164</sup> Simone BERTELEGNi. “L'ultimo baluardo: Il calcio schietto dell'Athletic Bilbao”. Limina Edizioni: Arezzo - Itália, 2006.



astros, ganhando milhares de Euros para jogar, os torcedores não identificam inicialmente essa divisão entre a questão do futebol extremamente profissional e a perspectiva da manutenção das tradições como o seu significado nacionalista. Aqui, o mais importante é ser um jogador nascido na região de Bilbao. Todavia, o clube passou pelo grande dilema de ter que quebrar um dia essa tradição para poder se manter como um clube social e desportivo forte, capaz de alavancar títulos e, conseqüentemente, prêmios pelas conquistas, só assim podendo trazer glória para a Nação basca.

Quando o Ferroviário começou a contratar e a anexar na folha de pagamentos da empresa jogadores do subúrbio, o time não perdeu o reconhecimento estético e identitário inicial. Os jogadores do subúrbio eram trabalhadores na essência, às vezes com maiores dificuldades financeiras que os próprios que já estavam ali. Os funcionários os aceitavam e os viam como complementos motrizes de um bom time de futebol.

O problema, posto por minha comparação, é esse momento de abertura do time da fábrica, quando os jogadores-operários perderam seus espaços para profissionais do esporte que não precisavam dividir seu tempo com a carga de trabalho da Ferrovia, ponto-chave de uma mudança que pretendo estudar posteriormente. Nesse momento, centro meu olhar para essa formação do espaço associativo e agremiativo da classe. Então, ao aceitar definitivamente jogadores profissionais na década de 1960, o sentimento pelo time fabril tendeu a mudar, assim como sofreram os *teams* elitistas ou que sofrerá o time do Athletic de Bilbao futuramente.

## 2.2. Valdemar Caracas: uma liderança ambígua<sup>165</sup>

O Sr. Caracas nasceu em Baturité, em 9 de novembro de 1907, e descreve-se: “sou filho de Francisco Caracas Sobrinho e de Francisca Cabral Caracas, nasci, e tenho muito gosto disso, em Pacoti, uma das cinco cidades localizadas na Serra de Baturité<sup>166</sup>”. A família, em tempos de bonança e costumes, fez a doação da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e está “presente em jazigos localizados na entrada<sup>167</sup> do templo, demonstração de riqueza, status social e obediência religiosa, comum das famílias no século XIX.

Sabe-se que a família Caracas era dona de boa parte das terras da chapada de Baturité, região que foi uma grande produtora de café na virada do século XIX para o XX quando o produto estava em alta no mercado externo. Sua melhor cotação chegou por volta de 102 francos-ouro em 1885, caindo para 33 francos-ouro em 1902. Porém, com a política do Encilhamento e o Convênio de Taubaté, os produtores de “ouro verde” mantiveram altos lucros até, finalmente, o Crack da Bolsa de Valores de Nova Iorque<sup>168</sup>.

A família de Valdemar Caracas desceu a serra e veio morar em Fortaleza em 1912 — um ano de agitação popular — quando “setores liberais da capital, derrubaram o presidente de Estado, Nogueira Accioly, no poder desde 1892 e maior representante do sistema oligárquico e coronelístico do Ceará”<sup>169</sup>.

---

<sup>165</sup> Na 3ª. Jornada de História do Trabalho, apresentei a quarta parte desse capítulo, onde trato da formação do Ferroviário Atlético Clube. Na apresentação da comunicação oral estava na sala como ouvinte o Prof. Dr. Paulo Fontes, professor visitante da Universidade de Princeton e pesquisador do CPDOC-FGV (Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas). Ao tratar da figura de Valdemar Caracas como personagem central da história da fundação e indagar com a platéia a respeito da sua posição de liderança entre os funcionários da RVC, Paulo Fontes me perguntou se eu não poderia considerá-lo como figura ambígua dentro desse sistema de poder. Foi a partir desse encontro que resolvi expor essas linhas, para tentar mostrar quem era Valdemar Cabral Caracas e como ele estava envolvido na formação do Ferroviário Atlético Clube.

<sup>166</sup> Entrevista com Valdemar Caracas 04/03/2005

<sup>167</sup> Diário do Nordeste – sexta-feira 03 de setembro de 1999, Caderno de Suplementos in: <http://diariodonordeste.globo.com/1999/09/03/050046.htm>

<sup>168</sup> Boris Fausto. “História do Brasil”. São Paulo: EDUSP, 2007.

<sup>169</sup> Frederico de Castro NEVES. “A Seca na História do Ceará”. In: Simone de SOUZA. Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 86.

Em 1916, Valdemar Caracas foi estudar no Instituto São Luis, um colégio particular erigido por Menezes Pimentel, figura política que seu pai conhecia em Pacoti. Por isso, seu pai preferiu que ele, em vez de estudar no Liceu do Ceará, fosse para um colégio particular, “pagar uma mensalidade e ficar no Instituto São Luis”<sup>170</sup>.

Provavelmente, foi no espaço escolar que Valdemar Caracas tomou noção do que era o futebol, no contato com outros garotos da sua idade. Aos 9 para 10 anos, estava chutando as primeiras bolas de meia. Comum, como ele mesmo conta: “A gente jogava futebol com a bola de meia, meia de homem, né? Você já tá maior, meia de homem. Enchia aquilo de retalho, coisa e tal, e jogava com a bola. Foi meu primeiro contato, meu e de várias pessoas. A bola de meia.”<sup>171</sup>

Ao lembrar das crianças que perturbavam a ordem da cidade nas décadas de 1910, 1920 e 1930, citamos o trabalho de José Carlos Jacinto Barbosa:

“O sucesso do futebol extrapolou os muros dos campos oficiais, assim como as barreiras da classe. Já não se tratava de um jogo bretão do qual só participavam os membros das elites, mas um passatempo que se incrustava na cultura do povo. Assim é que eram bastante freqüentes grupos de jovens ou de crianças, animadas disputas, em campos improvisados, nas praias, praças, ou até nas calçadas e ruas, todos os dias e a qualquer hora, despertando, pois, a revolta dos *civilizadores*.”<sup>172</sup>

Posso acrescentar que a grande celeuma dos *civilizadores* em torno do *foot-ball* ia além das pessoas que jogavam o novo esporte, mas como elas o faziam. As crianças que estavam jogando a pelota nas praças, ruas e calçadas, como a rua 24 de maio, Rua do Imperador, não reproduziam a ordem, deturpavam-na. Por isso as reclamações nos jornais, observando uma discrepância do processo civilizador. Uma das características claras a respeito da irregularidade da forma é o uso da bola de meia em vez da bola de couro.

---

<sup>170</sup> Entrevista com Valdemar Caracas, 04.03.2005.

<sup>171</sup> Idem

<sup>172</sup> Francisco Carlos Jacinto BARBOSA. “Um novo campo de pelinragem: futebol e transgressão nas ruas de Fortaleza no início do século XX”. In: José Gerardo VASCONCELOS & Antônio Germano MAGALHÃES JÚNIOR(org.). Linguagens da História. Fortaleza: Imprence, 2003. p.146.

O futebol dividia opiniões a respeito das suas benesses, tanto para os trabalhadores politizados que inicialmente o viam como um deturpador do operário-político, como para a *high-society*. Um exemplo citado por Leonardo Pereira sobre esse comportamento titubeante da elite nacional em relação ao esporte está na charge encontrada em *Foot-ballmania*:



173

Para o cartunista Arnaldo, o futebol contribuía para deformidade do corpo e não para uma melhor qualidade de vida. Leonardo Pereira analisa a perspectiva desse cartunista e seus leitores, escrevendo: "Rindo dos discursos formulados por médicos e educadores que defendiam essa febre esportiva, muitos leitores da revista indicavam a resistência que ainda apresentam em relação ao exercício físico"<sup>174</sup>.

Esse falatório a respeito do esporte responde o fato de Francisco Caracas Sobrinho — pai de Valdemar — ter proibido seu filho de jogar futebol no meio da rua. Senhor Valdemar me contou: "Depois que meu pai morreu, eu comecei a ir pro futebol. Enquanto ele era vivo, ele não deixava não"<sup>175</sup>.

<sup>173</sup> Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA. *Foot-ballmania: história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938)*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000. p. 48

<sup>174</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>175</sup> Entrevista com Valdemar Cabral Caracas, 04.03.2005.

Valdemar Caracas jogava futebol de bola de meia com seus amigos da Rua 24 de maio, onde morava, e na Praça Castro Carreira. As crianças povoavam as praças da cidade em busca de espaços para jogar. Diz Alberto Damasceno<sup>176</sup> que: “tracejava as linhas do campo com cordas, em que os amigos seguravam, enquanto os outros jogavam futebol”<sup>177</sup>. Era uma forma de assegurar o espaço da prática desportiva. De fato, as praças foram sendo ocupadas: Marquês de Herval (em frente ao Theatro José de Alencar), Castro Carreira (Praça da Estação), Praça da Lagoinha (próxima ao popularmente conhecido Beco da Poeira), e a Praça Clóvis Beviláqua (de frente para a Faculdade de Direito, e que ficou conhecida para os *sportsmen* como Praça de Pelotas).

Com a morte pai, o senhor Francisco, Valdemar nos fala que sua “mãe foi negociar, pôs uma mercearia, pôs outra, traçado o trajeto, morava lá perto da D. Pedro, a mesma com 24 de maio”<sup>178</sup>. Assim, sem o olhar zeloso do pai, ele conseguiu enganar sua mãe e jogar bola com seus amigos. Nessa hora da entrevista, ele nos fala: “minha mãe, eu enganava a minha mãe, eu dizia que ia lá no Benfica, eu vou pro cinema. No lugar do cinema eu ia pro futebol, que era no Prado”. A frase sai com um tom de humor, um enganar de quem queria ser enganada. Atitude de mãe bondosa que gosta de agradar o filho em fase lúdica. Não via mal nenhum em ver o filho jogando futebol na calçada, ao contrário da opinião de seu marido. Entretanto, ele não estava mais presente para proibir o jovem Valdemar de brincar com as bolas de meia.

Em 1919, com 12 anos de idade, Valdemar já visitava o Campo do Prado para ver os times organizados da cidade jogarem. O campo foi construído no Benfica, em 1914, “já servido o local de linhas de bonde”<sup>179</sup>. Em um:

“amplo terreno pertencente a Família Boris Feres & Cia. Foi comprado, ao preço de oito contos de réis, por A. Santos & Cia., firma comercial de Alcides de Castro Santos, de cuja massa falida o adquiriu Otávio Frota, transferindo-a depois para o Estado do Ceará. Referido terreno em parte está ocupado, atualmente, pelas instalações imóveis

---

<sup>176</sup> Alberto Damasceno foi jornalista e radialista na década de 1950, presidente do América Futebol Clube e escreveu um livro de memórias sobre o Futebol Cearense: Alberto DAMASCENO. “Futebol Cearense: Um século de História (1902 – 2002)”. Fortaleza: Edição Particular, 2002.

<sup>177</sup> Entrevista com Alberto Damasceno, 11.09.2004.

<sup>178</sup> Entrevista com Valdemar Cabral Caracas, 04.03.2005.

<sup>179</sup> Raimundo GIRÃO. Palestina: uma agulha e as saudades. Fortaleza: Editora UFC, 1972. p. 123.

da Escola Industrial Técnica do Ceará [atual, CEFET-CE] e, em parte pelo Estádio Presidente Vargas.”<sup>180</sup>

A fundação do campo de futebol demonstra um grande envolvimento com a formação dos *sportsmen* locais. A necessidade de um espaço próprio para comportar os jogos dos seus times favoreceu para que fosse feita a compra do terreno e construção do *green*. Alcides Santos foi também um dos principais nomes do futebol local, como o principal representante, dito pelos memorialistas, da fundação do Stella, posteriormente, Fortaleza Futebol Clube.

Sobre o inebriar esportivo e a escolha do brasão desportivo predileto de Valdemar Caracas, diz-me o entrevistado: “então eu fui escolher um time pra torcer e escolhi Ceará, escolhi torcedor do Ceará, isso ainda no fim da década de 1910. 1919... 18”. No Campo do Prado, o rapazote vibrava com os gols do time que elegeu para ser seu time de coração. O Ceará Sporting Club não perdia os torneios disputados, segundo Alberto Damasceno, desde 1914. Com um grande período de vitórias e larga popularidade, sua torcida foi alastrada. Não minimiza elogios Edgar de Alencar ao referir-se à sua fundação: “seria em 1914 o ano que assinalaria o surgimento do clube que alcançaria o maior prestígio popular e a maior projeção no futebol da terra: o ‘Ceará Sporting Club’”<sup>181</sup>. O ano da sua escolha pelo Ceará também é o ano da fundação do primeiro time em que participaram trabalhadores da RVC, o Olímpico F. Club.

Curiosidades e coincidências à parte, a década de 1920 é significativa para a formação desportiva do jovem Valdemar Caracas. Ele descreve sua entrada no Maguary dessa forma: “Aos 17 anos de idade, em 1924, comecei a participar de um futebol organizado, associando-me ao Sport Club Maguary, que tinha por lema: ‘mens sana in corpore sano’”<sup>182</sup>.

É importante prestar-se atenção à nota que ele faz sobre sua entrada no Maguary. Este era um time de futebol organizado, relembrando a concepção de *foot-ball association* dos *sportsmen* na primeira hora do esporte em Fortaleza. O futebol jogado nas ruas fazia parte de um campo de pelintragem, como percebeu

---

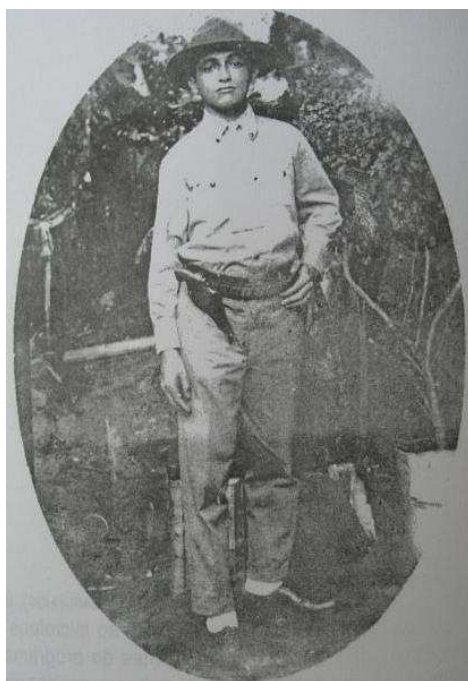
<sup>180</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>181</sup> Edgar de ALENCAR. Fortaleza de Ontem e Anteontem. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1972. pp. 60 e 61

<sup>182</sup> Valdemar CARACAS. “Alguma Memória”. Fortaleza: IMPRECE, 2002. p. 39

Jacinto Barbosa, não podendo ser concebido como um futebol organizado, mas apenas uma brincadeira de criança. Lembro que o senhor Caracas, ao se referir às numerações das bolas (implicando o tamanho e a categoria de quem jogava), deixa claro sua posição diante dos mais velhos. Disse-me a respeito de jogar futebol ainda na adolescência, com seus 13 anos: “A gente já era grandezinho, mas não era bom jogar com a bola no. 5, num é”<sup>183</sup>. Falou com um tom de respeito.

Valdemar Cabral Caracas começou trabalhar cedo: com 13 anos já fazia serviços no comércio local, junto com sua mãe. Aos 19 anos, em 1926, foi trabalhar na Rede de Viação Cearense, na cidade de Missão Velha (foto abaixo).



Já com 25 anos ele era escriturário da Rede. O interessante é a perspectiva de ascensão de carreira dentro da companhia. Assim citaram Valdemar Caracas e Manoelzinho (quando entrou na RVC, em 1946, para ser jogador e funcionário). É nessa função que ele entrou em contato com os jogadores operários da oficina do Urubu.

Como vimos, Valdemar Caracas é representante da aristocracia rural cearense. Vindo do interior, participou da vida social da cidade de Fortaleza e

---

<sup>183</sup> Entrevista com Valdemar Cabral Caracas, 04.03.2005.

adentrou um clube elitista, o Sport Club Maguary. Ele, também, tornou-se um *sportsman*. Fez parte um grupo social bastante distante do mundo dos trabalhadores de Fortaleza. Para aqueles trinta primeiros anos do século XX, sua formação social era bastante discrepante da formação operária. Por méritos da realidade nacional, sua relação com a classe operária deveria ser, de fato, longínqua. Antagônica.

Ângela de Castro Gomes, ao analisar a formação do homem cidadão dentro da “Revolução de 30”, percebe que existe de fato esse afastamento entre as classes subalternas e a elite nacional. Diz a historiadora, ao analisar os valores liberais ditados pela República Velha:

“Se antes de 1930 o que se verificava era a ausência de um contato harmonioso entre povo e elites, o que se verificou já em 1930 e principalmente depois de 1937 foi a articulação e comunicação entre as elites e a massa da população. Era justamente este aspecto que tornava o acontecimento de 30 um fato revolucionário para Azevedo Amaral (...).

A revolução era autêntica, portanto, unia elite e massa e porque propunha voltar-se para o povo em suas mais genuínas e espontâneas manifestações e aspirações. A cultura popular deveria ser recolhida por um Estado inovador, que rompia com o passado político da República Velha. Até 1930 podia-se dizer que: *o governo no Brasil não era para o povo, mas para seus representantes* que jamais se lembraram de *chamar as classes operárias a participar da sorte do país* e que jamais pediram *os esforços dos trabalhadores procurando interessá-los nos problemas vitais da nossa emancipação econômica.*”<sup>184</sup>

Os trabalhadores perceberam que o Estado de Vargas era uma possibilidade de diálogo entre as classes. O medo que eles tinham das elites a respeito das atitudes político-sociais tomadas por elas estava sendo amortizada por um governo dito em prol dos trabalhadores. Estes temiam as atitudes do governo federal, acreditavam serem contra seu bem-estar, devido à política higienista e eugenista. Por isso, é possível acreditar nas palavras de Valdemar Caracas sobre quando ele foi conversar com os trabalhadores a respeito de organizar o time e de oficializar perante a ADC. Ele diz ter sido bem recebido. Perguntei a ele:

— Os operários ficaram felizes por você ter ido organizar o time?

---

<sup>184</sup> Ângela de Castro GOMES. *A Invenção do Trabalhismo*. 3ª. Edição – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 194.



Ele respondeu: “Eu disse, ‘Vou tomar conta do Ferroviário’, e eles, ‘Opa, não acreditamos’. Ora, primeiro de tudo, tratei de pôr o Ferroviário na ADC. O capitão nosso, o capitão Josemir, queria progredir o time e tal.”<sup>185</sup>

Valdemar Caracas era um *sportsman*, embora pudesse não ser o melhor em campo. Na verdade, era um “perna-de-pau”, segundo o próprio, mas bem influente. O *sportsman* mais reconhecido era aquele que mais divulgava o *sport* em geral. Por essas qualidades, estava apto e disposto a incentivar a organização sugerida pela Companhia.

É nesse complexo início de 1930 e dentro da experiência de trabalho na Rede de Viação Cearense que Valdemar Cabral Caracas irá conseguir junto dos jogadores-operários do Ferroviário fundar oficialmente o clube de futebol da empresa. Uma relação um tanto ambígua, mas o expoente escriturário vai ter papel de destaque na liderança do time. Respeitado, vai se tornar jogador também, e mais à frente, treinador do time campeão do Estadual de 1945. A vitória do campeonato é o elo definitivo para a consolidação de uma relação de “liderança”. Ele está com os trabalhadores, e ao mesmo tempo, não é igual aos demais.

Vejamos melhor essa construção no subcapítulo seguinte.

### **2.3. Mata-pastos contra Jurubeba: a formação do F.A.C.**

“Naquele tempo, só se jogava no dia de sábado ou domingo, durante a semana não se jogava”, relata Manoelzinho, e complementa, “em Parnaíba não tinha luz elétrica, se o time quisesse jogar mais contra a gente tinha que esperar uma semana toda quando um time de fora estava fazendo temporada<sup>186</sup>”.

Seu Manoel foi jogador do Ferroviário Atlético Clube de 1946 até o início da década de 1960. Com seu irmão, veio para Fortaleza em 1946, com

---

<sup>185</sup> Entrevista com Valdemar Cabral Caracas, 1.04.2005.

<sup>186</sup> Entrevista com Manoelzinho 19.02.2006. Jogador do Ferroviário entre 1946 e 1961.

apenas 17 anos e 8 meses, trazido pelo diretor do Flamengo da Parnaíba, seu antigo clube. Os irmãos foram contratados por Valdemar Caracas para trabalhar na estrada de ferro e, nas horas vagas, participavam do time de Futebol do Ferroviário. Quando chegou aqui, seu Manoel deve ter se inebriado com o Estádio Municipal (fundado em setembro de 1941), já com luz para jogos noturnos e o único da cidade totalmente gramado.

No início do ano de 2006 o estádio Presidente Vargas recebeu mais uma reforma que foi anunciada pelo jornal local, com algumas novidades promovidas pela prefeitura do Partido dos Trabalhadores:

O Povo, Esportes, Fortaleza-Ce, sábado, 7 de janeiro de 2006. p. 16

#### **Clube irá homenagear a Prefeita**

A prefeita de Fortaleza, Luizianne Lins, deverá ser a principal atração hoje nas cadeiras do estádio Presidente Vargas. Ela vai acompanhar a reabertura do PV após a reforma e também será homenageada pela diretoria do Ferroviário com uma placa comemorativa.

A prefeita Luizianne Lins já teve a oportunidade de manifestar sua simpatia pelo Ferroviário e confirmou a presença no jogo de abertura do Estadual, através do secretário da Executiva Regional IV, Francisco Pinheiro.

Entre as melhorias do estádio se destaca o memorial do Futebol Cearense, que levará o nome do fundador do Ferroviário Atlético Clube, Waldemar Caracas [sic]. Também foram recuperados os setores de cadeiras e arquibancadas, feita a reforma de cabines de rádio e TV, além da ampliação do acesso dos torcedores para as arquibancadas e cadeiras.

Por coincidência, esta será a segunda vez que o time coral faz um jogo festivo no PV. Em 1941, o Ferroviário inaugurou o estádio Presidente Vargas numa partida diante do Tramways de Recife. Hoje, a equipe da Barra do Ceará entrara novamente em campo numa data festiva de reinauguração do estádio.

O Memorial do Futebol Cearense é nomeado em homenagem a Valdemar Caracas, não a Manoelzinho, ou a Zimba, entre outros campeões que passaram pelo clube. Também não fez menção de homenagear nenhum outro que tenha jogado a partida de inauguração em 1941. O que fez a memória da Sociedade Fortalezense ter esquecido seus “heróis” da relva<sup>187</sup>? Por que apenas

---

<sup>187</sup> Como era chamado o campo de futebol.

homenagear o senhor de 99 anos? Logo na gestão municipal do Partido dos Trabalhadores?

O Ferroviário Atlético Clube, oficialmente, nasceu em 1933,

“Quando a direção da Rede de Viação Cearense (RVC) autorizou a execução de serviços extraordinários nas oficinas do Urubu, para a reparação de locomotivas, carros e vagões, durante um expediente noturno, que começava às 18 e terminava às 20 horas. Como o expediente normal expirava às 16:25, os operários mais jovens que residiam longe dali (Barro Vermelho, Soure, Otávio Bonfim, Quilômetro 8, Parangaba, Mondubim) resolveram aproveitar a hora de folga para a prática de futebol.”<sup>188</sup>

Da mesma forma, Valdemar Caracas conta nas suas entrevistas como se o discurso tivesse solidificado a memória do *velho* homem. Seu discurso não reverencia o próprio como participante da peleja, no fim de tarde, como passatempo para o trabalho noturno. Os mencionados são os trabalhadores da Oficina. E como Valdemar Caracas é inserido nesse processo de construção? O início parte da fala dele próprio:

“chegou aos meus ouvidos que os jogadores do ferroviário estavam muito agressivos, tomavam o apito do juiz quando ele marcava contra eles, foi então que eu resolvi chamá-los para organizar o time, botar ordem, coisa que eles não tinham”<sup>189</sup>.

Valdemar não participava dos primeiros bate-bolas entre trabalhadores: ele não tinha sido convidado, muito menos organizou os primeiros chutes, mas estava próximo dos operários que guardavam seu fim de tarde para jogar futebol. O esporte, que crescia no espaço da fábrica como local de contraponto ao trabalho, serviu para aglutinar os trabalhadores. “A transformação mais espetacular foi sem dúvida a do padrão de lazer e de férias da classe operária”<sup>190</sup>. O futebol fez parte dessa mudança nas relações de trabalho; o jogo é o divisor entre o turno normal e o extra. Os operários bem podiam ficar descansando, jogando baralho, como vimos em Antônio Gramsci, relaxando da longa jornada de esforço diário esperando o turno extra. Contudo, a escolha foi realizar partidas de futebol no quintal da fábrica, transformando o lazer rotineiro. O que,

<sup>188</sup> CARACAS, Valdemar, crônica esportiva sobre a fundação do ferroviário – maio/1994. In: <http://www.ferroviario.com.br>

<sup>189</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>190</sup> Eric J. HOBBSAWM. “Mundos do Trabalho: Novos Estudos sobre a História Operária”. 3ª. Edição revista – São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000. p. 289

provavelmente, também alimentava o serviço extra da Estação do Urubu era o esporte praticado naquele horário de folga no interstício entre jornadas de trabalho.

Quem era Valdemar Caracas? Ele sozinho teria fundado o Ferroviário? Já percebemos que não. A sua existência apenas não seria suficiente para compreender o nascimento do Ferroviário Atlético Clube (FAC), o time sobrepõe-se a ele. Mas por que ele é reverenciado como o fundador? Valdemar Caracas é o semióforo do FAC. Lembremos novamente as palavras Marilena Chauí:

“O semióforo era a comunicação com o invisível, um signo vindo do passado e dos céus, carregando uma significação com conseqüências presentes e futuras para os homens. Com esse sentido, um semióforo é um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim pela sua força simbólica”.<sup>191</sup>

Valdemar Caracas é esse elo entre o passado e o presente. Ele é o último remanescente dos dias da fundação oficial do clube.

Como, no tempo da sua fundação, o futebol ainda caminhava num processo de transição entre o sentido das regras e era um espaço de sociabilidade mantido para efetivar a paz entre os “cavalheiros”, era inadmissível considerar como esporte o jogo praticado pelos operários da Ferrovia. Afinal, estes “tiravam o apito da boca do juiz quando ele marcava contra eles”<sup>192</sup>, uma transgressão gravíssima aos olhos dos jovens desportistas burgueses. Segundo os moldes exigidos pela sociedade burguesa, a prática exigia o futebol organizado. Passou-se, então, a considerar o time dos ferroviários como um clube (um Time) de futebol que poderia jogar entre os que figuravam na Associação Desportiva Cearense (ADC), instituição oficial que regulamentava os esportes no estado do Ceará, somente após a sua transformação em Ferroviário, em clube estabelecido, legitimamente fundado. É nesse ponto que a figura do escriturário da Rede de Viação Cearense (RVC) se configura como peça-chave para compreender o time de futebol da ferrovia, pois foi ele que inscreveu os jogadores e, agora, o clube de futebol na ADC.

---

<sup>191</sup> Marilena CHAUÍ. “Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária”. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. p. 12.

<sup>192</sup> Entrevista com Valdemar Caracas 01/04/2005

É normal associar a fundação do Ferroviário à existência de Valdemar Cabral Caracas. O senhor de 99 anos nos conta a história de sua vida e a do Ferroviário como parte de um corpo só. O ser não é individual como um todo, todo ser humano é um ser humano social e, escutando a vida do senhor Valdemar, podemos compor um pouco da construção de um clube operário com o qual nasce um espaço de luta e reflexão da classe operária.

Afirmou o senhor Valdemar que já tinha ouvido muito a respeito dos jogadores da RVC estarem participando de eventos esportivos, no caso, o futebol. Jogavam nos finais de semana bem como nos horários vagos de trabalho nos dias úteis, como vimos anteriormente. O período do Estado Novo solavancou o interesse dos jornais para a prática exímia que ocorria no subúrbio fortalezense. Os jornalistas da década de 1970 preferiram chamar de segunda divisão do campeonato cearense aquela diversão suburbana de fim de semana. Essa referência errada pode provir de algumas mudanças no futebol nacional de décadas posteriores ao descrito. Basta lembrar que o campeonato brasileiro da primeira divisão, seguido das outras divisões, foi inventado em 1971 pela Ditadura Militar como uma resposta rápida e plausível para conferir ao Brasil o direito de ter um campeonato futebolístico, sendo o país naquele ano o atual e único tricampeão mundial de futebol. A euforia causada pelo título já demonstrava o caráter massificador do esporte dentro da sociedade brasileira. Para o jornalista que escreveu no jornal *O Povo* de 1977, foi muito mais fácil denominar do que entender como o futebol estava envolvido numa disputa de espaços e classes nos anos de 1930. Como mesmo afirmou Valdemar Caracas: “Num tinha esse negócio de primeira e segunda divisão, o Ferroviário jogava no subúrbio mesmo”<sup>193</sup> enquanto que os clubes como o Fortaleza, Ceará, Manguary e outros jogavam a liga promovida pela Associação Desportiva do Ceará (ADC).

No campeonato de 1933 — ano da fundação do Ferroviário — participaram, segundo Nirez de Azevedo: “América, Ceará, Fortaleza, Maguary e Sam Christóvam”.<sup>194</sup> Todas as partidas eram realizadas no Campo do Prado.

---

<sup>193</sup> Entrevista com Valdemar Caracas 01/04/2005

<sup>194</sup> Nirez de AZEVEDO. “História do Campeonato Cearense de Futebol”. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. p. 39.

A exemplo dos outros, o Sport Club Maguary era um clube elitista da cidade que restringia a entrada dos seus participantes com o pagamento de uma “jóia”, sistema parecido e identificado como segregador social por Leonardo Pereira:

Ao crescimento do número de sócios (...) uma tentativa de definição mais clara do perfil dos associados. (...) o aumento da mensalidade de 5\$000 e da jóia paga no ingresso para 10\$000, junto com a fixação da idade mínima de 16 anos, explicativa as restrições que ele ia impondo para essa aceitação, reafirmando a marca do refinamento construída para o futebol pelos sócios do Fluminense [do Rio de Janeiro]<sup>195</sup>.

O clube impunha a jóia como divisor social entre associados e não-associados, dificultando o acesso dos seus participantes menos quistos, aqueles que não dispunham de tantos recursos financeiros. Valdemar Caracas salientava que, para entrar no Maguary, o processo era parecido com o descrito por Pereira: ele foi convidado e pagou uma “jóia” como ingresso mais mensalidades.

O domingo do trabalhador, segundo Michel Ralle, é um espaço de encontro da classe, uma “excursão familiar”<sup>196</sup> que tinha, no seu caso da Espanha, como objetivo diante de festividades teatrais ou piqueniques associar os trabalhadores construindo uma identidade operária forte e impenetrável. O Maguary fechou seu departamento de Futebol Amador no final do processo de profissionalização dos clubes de Fortaleza e no apogeu dos clubes operários. Contudo, manteve sua sede social durante algumas décadas. Como diz Valdemar Caracas: “no Maguary só entravam pessoas boas”<sup>197</sup>. As pessoas boas e sociáveis descritas por Caracas nos remetem à sua própria genealogia.

Como vimos nas páginas anteriores, Valdemar Caracas é filho de uma classe de médios proprietários rurais, que se urbanizou e que ainda hoje povoa a cidade de Fortaleza. Ficam claros os motivos pelos quais foi convidado a ingressar no Maguary. Para ilustrar mais as escolhas que diferenciavam o clube da elite e o

---

<sup>195</sup> Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA. “Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 34.

<sup>196</sup> Michel RALLE. “A Festa Militante: o espaço festivo dos operários diante da identidade social (Espanha, 1850 – 1920)”. In: BATALHA, Cláudio e SILVA, Fernando Teixeira da & FORTES, Alexandre (org), Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2004.

<sup>197</sup> Entrevista com Valdemar Caracas 23/04/2005

clube do povo, basta ressaltar os motivos que fizeram o goleiro da seleção brasileira de 1919, vencedora do campeonato sul-americano, em pleno auge de carreira abandonar o esporte:

Na memória de Marcos, estas transformações [a proletarização e profissionalização do futebol] tal como ele conheceu, marcando o “limite do amadorismo puro aqui no Brasil”. A grande popularização do jogo acirrava a disputa entre os diferentes clubes, obrigando-os a abrir lugar para jogadores que não tinham mais o mesmo perfil econômico, social e até racial dos primeiros anos do jogo de bola no Brasil. (...). Lamentando a mudança, Marcos falava com saudades dos seus primeiros tempos de futebol (...): “A gente pagava para jogar. O Clube só entrava com a bola e as instalações. Chuteira, meia, camisa, todo o material, era o atleta que comprava. Eu pagava uma mensalidade de cinco mil réis”<sup>198</sup>.

Por que o exemplo de Marcos Mendonça é tão atrativo para nós? O motivo do abandono dele em plena forma remete a um descontentamento com o processo de proletarização e profissionalização do esporte bretão. O *foot-ball* estava perdendo as características originais que haviam lhe motivado a adentrar as rodas dos *sportsmen*. O Maguary era um clube elitista da cidade de Fortaleza e fechou seu departamento de futebol exatamente no ano que creditamos ser o que demarca o rumo definitivo para a profissionalização do Futebol Cearense. O time mais elitista de Fortaleza e, dito pelos memorialistas, de maior torcida da cidade, o Maguary estava no auge. Tinha perdido o campeonato de 1945 para o Ferroviário, ficando com o 2º lugar; contudo, tinha sido campeão em 1943 e 44, 3º lugar em 1942 e campeão do torneio no início daquele ano, um outro 3º lugar em 1941, vice-campeão em 1937 e 38 e campeão em 1936<sup>199</sup>. No intervalo de dez anos, ele esteve sempre entre os primeiros colocados do campeonato cearense, tinha bons jogadores, tinha dinheiro, vivia uma boa fase, mas, como Marcos Mendonça, preferiu se distanciar do Futebol.

Está claro que existe um divisor social entre determinados clubes de futebol em Fortaleza. Minha indagação, a partir disso, foi identificar e construir o processo de formação dos clubes operários. No caso aprofundado do Ferroviário,

---

<sup>198</sup> Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA. “Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 34.

<sup>199</sup> Alberto DAMASCENO. “Futebol Cearense: Um século de História (1902 – 2002)”. Fortaleza: edição própria, 2002.

considerando a idéia do mito-fundador, ele surgiu a partir dos chutes na Oficina do Urubu, e se já sabíamos que havia outros times suburbanos, então, provavelmente, no tempo de lazer dos trabalhadores da RVC, podemos dizer que a associação dos jogadores estava clara em torno da classe, pois já era possível vislumbrar os ferroviários por eles mesmos.

Isto nos permite conjecturar duas hipóteses: 1. antes do marco fundador, já havia um time organizado pelos próprios funcionários da Rede de Viação que participava de jogos suburbanos; 2. o espaço criado pelos funcionários, no Urubu, não era só um espaço de lazer, mas também destinado para o embate entre eles e outros times.

Essas duas hipóteses nos levam a alguns pontos de reflexão: o mito-fundador demonstra a tentativa de controle da organização sobre os funcionários, não indicando uma construção harmoniosa, por mais que seja ressaltado assim; se eles “tomavam o apito do juiz” devido a alguma marcação contrária e desgostosa deles, será que o escriturário da RVC, o sr. Valdemar Caracas, conseguiu apoio incondicional de todos os jogadores-funcionários para a legalização do, inicialmente, Ferroviário Futebol Clube? É uma probabilidade. O futebol estava em franca popularização. Com a aproximação Estado/Povo, parte da classe trabalhadora passou a ver com bons olhos as mudanças sócio-políticas promovidas pelo governo Vargas, como, por exemplo, promover e legalizar as práticas culturais dos trabalhadores. É lógico que o processo intervencionista permitia uma “liberdade”, sendo esta condicionada. Abrem-se possibilidades, ainda que restritas, segundo a prática do governo de Vargas. Promoviam-se um processo de incorporação e legalização de exigências vindas dos trabalhadores, enquanto que se limitava o direito de expressão e organização. Era um governo autoritário, mesmo sendo visto com bons olhos por grande maioria daqueles que até então eram excluídos da sociedade.

Acredito, então, que a intervenção foi também algo promovido para um melhor controle dos trabalhadores. Basta ressaltar a preocupação do chefe de Valdemar Caracas em controlar a impetuosidade dos seus trabalhadores no campo de futebol. Praticamente o mesmo discurso se repete ao falar das



primeiras horas da fundação do Ferroviário. Numa outra entrevista, Caracas afirma:

“eu fui representando a diretoria, ele disse [o capitão Josemir]: ‘só você tomando conta’, e eu: ‘porque?’ Ele sabia que eu era amante da disciplina, nasci pra ser soldado, mandar e ser mandado. E o capitão, disse: ‘é porque o time tá bom, foi campeão suburbano, mas é danado, não deixa o juiz apitar, não favorece a ele. Tira o apito do juiz e põe outro juiz’”<sup>200</sup>.

Segundo Valdemar, fica claro que a intervenção é de bom grado, por parte da diretoria. O único problema era manter a ordem dos trabalhadores dentro e fora da empresa, o uso do esporte toma esse tom.

Posteriormente, o mito fundador nos deixa escapar mais uma questão da luta de classe. Ele diz:

“No meu escritório eu mandei fazer um banheiro, o único banheiro unitário que tinha era o meu. Tinha os coletivos, que os operários acabavam de trabalhar e iam tomar banho no banheiro coletivo. E eu mandei fazer um pra só mim. Só quem tinha era eu”<sup>201</sup>.

Para quem se considera um líder da classe, a liderança aqui exercida, como já falei, é ambígua. O líder Valdemar não igual aos seus funcionários, na sua formação social, e na sua posição dentro da empresa. São claros os seus privilégios. Enquanto isso, os funcionários da ferrovia deveriam tomar banho e usar o toalete em um outro lugar.

O senhor Valdemar Caracas, provavelmente, não trafegava com tanta rotina no espaço do proletário, preferindo criar até um banheiro para se sentir mais exclusivo. Sua ascensão na empresa é notável: ele podia ter um banheiro particular e já posava com uma secretária.

Voltemos à problemática lançada: o Ferroviário se fez clube onde ficou destinado a jogar futebol, sendo assim, é conclusivo que alguns operários viram aquilo com bom grado, pois jogaram pelo clube da empresa em que trabalhavam.

Ainda trabalhando na perspectiva da oralidade, retirei do livro do memorialista Nirez de Azevedo a operação de composição do campo de futebol para a jogatina no Urubu que é descrita assim: “armaram-se de pás e enxadas e limpam todo o terreno, (...), nivelando-o. O alemão Franz Wirtzbiki entrou com

<sup>200</sup> Entrevista com Valdemar Cabral Caracas. 01.04.2005.

<sup>201</sup> Entrevista com Valdemar Caracas 17/06/2005

seis tubos de caldeiras de locomotiva para a confecção das traves, completando a construção do campo.”<sup>202</sup> O interessante da composição é a presença do alemão na produção das traves, descrevendo um processo operacional mais elaborado.

Fiquei curioso para saber mais sobre esse torneio alemão e perguntei a respeito. Caracas faz questão de demonstrar que sabia até pronunciar corretamente o sobrenome do amigo, “Wirtzbiki”! Disse-me imponente e com gosto, “muito meu amigo, costuma ir tomar café na casa dele no final de tarde”<sup>203</sup>. O funcionário que elaborou as primeiras traves montadas no Urubu para se jogar futebol tinha contato direto com a chefia, o que nos coloca duas possibilidades no relacionamento de Valdemar Caracas com os funcionários. Valdemar tinha acesso à classe, sendo influente entre os trabalhadores em geral ou Franz Wirtzbiki seria o contato entre o patronato e o proletariado do Urubu. A segunda possibilidade é quando Manoelzinho se refere à sua transferência, levando-nos a crer que Valdemar Caracas era um funcionário do alto cargo da empresa, distante dele e dos funcionários. O grande problema a respeito disso é que Manoelzinho chega ao Ferroviário em 1946, e essa é sua impressão coerente para o determinado período. Todavia, um ano antes o mesmo Valdemar era o treinador do time campeão de 1945, e o acesso dele aos jogadores, provavelmente, não era tão distanciado como referenciava Manoelzinho. E como seriam as relações em 1933? Só os jogadores daquele período poderiam afirmar como se deram as relações, pelo olhar deles. No nosso caso, o único relato fica em cargo do “patrão” que tomava café no fim de tarde na casa de seu trabalhador.

A inserção do Ferroviário no ano de 1938 no campeonato cearense é marcada pelo início da profissionalização definitiva do esporte no Ceará, movimento trabalhista que se proliferava no resto do país. O caso cearense não ocorreu de maneira diferente em relação aos outros centros desportivos, apenas com atrasos. Já se observava essa tendência ao profissionalismo no eixo Rio-São Paulo e em outros estados vizinhos, como a Bahia. No ano anterior, o *Palestra Itália* havia sido convidado pelo presidente da ADC, um gaúcho, o capitão Juremir

---

<sup>202</sup> Nirez de AZEVEDO. “História do Campeonato Cearense de Futebol”. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. p. 40.

<sup>203</sup> Entrevista com Valdemar Caracas 17/06/2005

Pires de Castro, “que quando assumiu o poder ele impôs apenas uma coisa, ter poderes totais pra fazer o que quiser. Na época isso tava em moda, porque o presidente Getúlio tinha poderes totais... e ele trouxe o *Palestra Itália pra jogar aqui*<sup>204</sup>”. Também veio o Bahia. A vinda dos dois times, acumulando vitórias estrondosas contra os clubes locais, apressou o processo de profissionalização das equipes fortalezenses, que queriam competir de igual para igual contra os outros times de fora. O movimento profissionalizante permitiu a inserção dos times fabris no campeonato cearense de 1938, como Ferroviário, Tramways e Estrela do Mar, representantes das linhas férreas, da companhia de eletricidade e dos marinheiros do cais do porto, respectivamente. A participação das equipes proletárias marca um embate social em campo e na platéia que assiste aos espetáculos. A cidade elitista de Fortaleza passa a conviver com uma dualidade nos seus espaços de lazer.

O campo do Prado tinha sido doado por Otávio Frota. Uma construção que vem para referendar o poder aristocrático da cidade em torno da bola é a propriedade que ficava vizinha às terras e à chácara da Família Gentil, onde hoje fica o bairro da Gentilândia. Este bairro e o adjacente, o Benfica, eram povoados por chácaras, e seus moradores eram integrantes da elite local.

Ao participar dos campeonatos cearenses de futebol, os times proletários puderam interagir com as formações elitistas, em jogos nos quais se disputava mais a supremacia social simbólica do que uma simples vitória esportiva, ainda que “o desejo de vencer levou alguns clubes burgueses a aceitar operários para jogar em seus times”<sup>205</sup>. Da mesma forma, observa Giulianotti no caso inglês da cidade de Manchester, entre os times do United e do City, dos quais o primeiro representa prevalentemente as classe médias e o segundo a *working-class*<sup>206</sup>, as disputas são emblemáticas e traduzem para o campo, de modo simbólico, as diferenças sociais vivenciadas no cotidiano, reproduzindo as classes antagônicas em disputa.

---

<sup>204</sup> Idem cit. 6

<sup>205</sup> Bill MURRAY. “Uma História do Futebol”. São Paulo: HEDRA, 2000. p. 53.

<sup>206</sup> Richard GIULIANOTTI. “Sociologia do Futebol: Dimensões Históricas e Socioculturais do Esporte das Multidões”. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2002.

Antes da admissão nos campeonatos, participar de jogos no Campo do Prado em Fortaleza era uma afronta ao modelo predisposto, em que times como o Ferroviário estavam destinados a apenas margear a cidade, em campos suburbanos, como na Rússia:

“Em 1912, surgiu a primeira Associação Russa de Futebol, para disciplinar a prática do futebol, para ser membro da FIFA [Federation Internacional de Foot-ball Association] e para unificar as várias associações que surgiam no Império: em São Petesburgo, em Moscou, nos centros industriais de Kiev e Kharkow, (...) e na região mineira de Baixo Don. Mas os times operários não foram incluídos na associação, e eles continuaram a jogar em suas associações “selvagens” ou “proscritas”<sup>207</sup>.

É importante lembrar que o Ferroviário passou de 1933 a 1937 sem poder jogar na liga da ADC. Então, ao pisar no *green*, o espaço de duelo passou a ter outro nome, apenas “campo”. Quadrilátero de todos os vinte e dois jogadores divididos em dois times. Gladiadores definidos em duas táticas simples: defender e atacar, impedir e fazer o *objetivo*<sup>208</sup>, fazer o gol.

O campeonato de 1938, que inaugurava no Ceará o processo de profissionalização dos clubes, teve como vencedor o Ceará, um time elitista da capital; contudo, o time dos estivadores, o Estrela do Mar, chegava em segundo, no seu segundo campeonato disputado. A ascensão dos trabalhadores estava próxima. Vencer contra a burguesia local era conquistar os espaços adversários. O ano seguinte foi a glória dos trabalhadores, pois o campeão de 1939 foi o Tramways. As rosas já podiam ser sonhadas, os trabalhadores estavam próximos de conquistar seus direitos, pois eles agora ocupavam o espaço idealizado pela burguesia, o campo de futebol. O nosso Ferroviário estava próximo do sonho, sendo o vice-campeão. Na lembrança do senhor Valdemar Caracas, destaque para 1945, o ano do primeiro título estadual. A conquista derradeira do time de ferroviários perpassa duas espacialidades: a primeira remete ao sonho do senhor Caracas, que oficializou o time de futebol. Em segundo lugar, o sonho dos trabalhadores de serem reconhecidos no espaço do outro como vencedor e

---

<sup>207</sup> Bill MURRAY. “Uma História do Futebol”. São Paulo: HEDRA, 2000. p. 53.

<sup>208</sup> Tentei criar uma idéia no texto de sobreposição de línguas quando o nome: “objetivo” foi posto, fazendo referencia à palavra em inglês *goal* que não foi utilizada.

poderem assim caminhar como iguais. No cruzamento desses dois espaços, podemos conferir a importância da conquista, pois, quando o time se tornou oficial e incorporou o sonho do escriturário, os operários puderam disputar o campeonato confeccionado pela burguesia. Eles venceram o sonho burguês e construíram um novo significado para o esporte. O caso do Ferroviário não é único, apenas é exemplar, já que o ocorrido no dia 17 de fevereiro de 1946, quando se encerrava o retorno do campeonato de 1945<sup>209</sup>, não pode ser encarado como o primeiro, o desbravador, pois o campeonato de cinco anos antes já provara isso. Entretanto, utilizar o caso do Ferroviário é emblemático para se entender o processo de fundamentação de um tipo de lazer da classe operária em Fortaleza.

Para concluir este capítulo vale lembrar que, dos times que nasceram da ferrovia, o Ferroviário do Ceará é um dos mais expressivos e um dos poucos que ainda sobrevivem lutando, sem muitas glórias, mas ainda com uma torcida figurante nos estádios.

O olhar do velho homem de 98 anos de idade ainda nos permite caminhar num passado longínquo para um garoto de 26. O passado revelador cheio de vaís e voltas creditam os sentimentos de um homem e constrói uma rica documentação oral. Cabe ao historiador ser cauteloso com suas intencionalidades e nos permitir deslumbrar um mundo intocável, por mais que na maioria das vezes ele seja um dos poucos elos com o cotidiano dos trabalhadores ferroviários desse período estudado.

---

<sup>209</sup> Nirez de AZEVEDO. "História do Campeonato Cearense de Futebol". Fortaleza: Equatorial Produções, 2002.

### 3º. Capítulo: Prorrogação: Futebol de Classe, um campo simbólico nos subúrbios.

“Livramento inspirado no *foot-ball association*, a pelada é a matriz do futebol sul-americano e, hoje em dia mais nitidamente, do africano. É praticada, como se sabe, por moleques de pés descalços, no meio da rua, em pirambeiras, na linha de trem, dentro do ônibus, no mangue, na areia fofa, em qualquer terreno pouco confiável. Em suma, a pelada é uma espécie de futebol que se joga apesar do chão.”

(Chico Buarque de Holanda)<sup>210</sup>

Quando se definiu que o *foot-ball* seria um jogo de onze homens, contra outros onze, ficou certo que apenas um deles, de cada lado, teria o privilégio de tocar as bolas com as mãos. Malgrados, esses dois sujeitos impediriam que a bola atravessasse as metas e configurasse, assim, um *goal*. Esse era o objetivo a ser traçado e, para dificultar ou criar um sistema complexo, configuraram-se regras. Nascia assim o futebol moderno, por ventura chamado de *foot-ball association*, devido à compilação de regras ter sido desenvolvida no encontro dos clubes ingleses.

No primeiro capítulo desta dissertação, enunciei que a reunião desses clubes havia formado o futebol como concebemos. O que estava ocorrendo de fato? Dentro dos colégios britânicos a juventude aprimorava práticas desportivas como espécie de passatempo. A concepção do esporte ainda não estava formada. Basta lembrar que nos primeiros jogos olímpicos da era moderna, em 1904, as competições variavam das práticas desportivas aos jogos lúdicos, como, por exemplo, a “corrida de saco”. O *foot-ball* durante o século XIX não estava definido; praticava-se um esporte cheio de variações, como mesmo enuncia Bill Murray:

“Os rapazes da Rugby School, com seus grandes campos gramados e espaços abertos, jogavam uma forma de futebol que permitia agarrar o jogador adversário e correr com a bola na mão. Em Winchester, o campo era estreito, o drible era estimulado e não havia baliza; para marcar pontos os jogadores precisavam levar a bola para o outro lado da linha. Em Harrow, cujos praticantes estavam entre os pioneiros do *foot-ball association*, os times tinham onze jogadores, e

<sup>210</sup> Jair de SOUZA et al (orgs). “Futebol-Arte: A cultura e o jeito brasileiro de jogar”. São Paulo: Empresa de Artes, 1998. p. 92.

uma grande bola era chutada sobre um campo freqüentemente enlameado. Em Westminster e Charterhouse, o jogo era restrito a estabelecimentos fechados, impossibilitando chutes e lançamentos longos”<sup>211</sup>.

Como se vê, a forma não estava pronta: cada região adaptava a prática de acordo com seu ambiente desportivo. Havia dúvidas a respeito de como se deveria jogar futebol, por isso foram marcadas algumas reuniões entre os ex-alunos dos internatos desbravadores da nova modalidade. “Em Freemason, uma taverna londrina, em 26 de outubro de 1863, e em cinco encontros subseqüentes”<sup>212</sup> foram delimitadas as regras do futebol moderno.

Alguns detalhes desses encontros são pertinentes para nosso estudo. Diz Murray a respeito das controvérsias na compilação das regras:

“As principais controvérsias consistiam no toque de mão e no jogo violento. Os representantes de Blackheath desejavam manter a violência, alegando que sua abolição ameaçava a ‘virilidade’ essencial do futebol, e zombaram da sua possível supressão, afirmando que essa mudança — maricas, segundo eles — reduziria o jogo a um esporte mais apropriado aos franceses”.<sup>213</sup>

Logo o uso das mãos foi abolido do *foot-ball association*, um ponto fundamental para a separação e diferenciação do rúgbi, esporte que nasceu (podemos assim dizer) dessa definição de regras. A corrente que preferia a manutenção das corridas longas, do uso das mãos para condução da bola e, em parte, da manutenção da “virilidade” delimitou as regras de um esporte similar: em 1871, nascia o rúgbi.

O esporte que se desenvolveu da fundação da FA (*foot-ball association*) representava o ideal do modelo burguês da Inglaterra do século XIX. “Os ex-alunos dos internatos particulares ingleses deram ao mundo as regras do futebol e também fomentaram o espírito de um esporte não maculado pela recompensa material”<sup>214</sup>. Contudo, foi construído dentro de afirmação masculina de virilidade, favorecendo a violência. Como mesmo nos diz Murray:

“As origens sociais do futebol ainda se verificam no que se considera ‘conduta inadequada’, ou seja, um comportamento que

<sup>211</sup> Bill MURRAY. “Uma História do Futebol”. São Paulo: Hedra, 2000. pp. 21 – 22.

<sup>212</sup> Idem, *Ibidem*, p. 22.

<sup>213</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>214</sup> Idem, *Ibidem*. P. 23.

corresponde a uma grande variedade de ofensas, desde palavrões e cusparadas até práticas antidesportivas, como, por exemplo, enganar o adversário, pedindo o passe da bola”.<sup>215</sup>

O discurso criado pelos *sportsmen* segundo o qual o futebol é um jogo de cavalheiros é um mito construído para separar a prática desportiva da classe trabalhadora, como de qualquer outro segmento social. Não posso inferir que havia um direcionamento a uma divisão classista, todavia havia uma separação social clara. Os *sportsmen* criam um sistema de valores para definir a participação dos jogadores dentro do campo de futebol. Continuando o diálogo inicial com Bill Murray, eis o que ele encontrou no periódico *The Field*, na Inglaterra em abril de 1864:

*“Atualmente, na ética educacional, admite-se universalmente que os livros e o conhecimento teórico estão acima de tudo. Autores contemporâneos, dotados de grande sabedoria sobre o assunto, afirmaram, porém, que esses seriam apenas elementos secundários do grande sistema no qual a juventude da nação é preparada; de maneira que, quando o momento chegar, essa juventude estará pronta para comandar uma divisão, liderar uma carga de cavalaria, suportar o ímpeto da batalha e a provação do campo, ou aceitar as responsabilidades que recaem sobre os homens em cujas mãos está o governo da nação. A educação do playground e as lições ensinadas pelos camaradas e colegas da escola são, além das vantagens físicas ganhas na primeira, do maior valor prático”.*<sup>216</sup>

Conclui Murray a respeito desse artigo, vendo-o como uma questão de classe, profundamente arraigada na formação do esporte inglês:

*“Esse artigo de teor político altamente tendencioso não era considerado como tal pelos homens que pregavam as virtudes do ‘jogo para fins esportivos’ — o ideal amador básico. É um manifesto de classe, pelo qual os líderes autodesignados da nação, os homens da velha guarda, fixavam as regras e a disciplina pelas quais controlariam o Império entregue aos seus cuidados. Portanto, o esporte não era só destinado à diversão e ao passatempo, mas à construção do caráter e da liderança”.*<sup>217</sup>

Basta lembrar que os *sportsmen* cearenses foram os mesmos participantes e construtores da economia local durante o século XX. A família de Meton Pinto, um dos fundadores do Ceará Sporting Club, é uma das principais

---

<sup>215</sup> Idem, Ibidem.

<sup>216</sup> Idem, Ibidem, p. 24.

<sup>217</sup> Idem, Ibidem.



mantenedoras do Ideal Club. João Gentil, um dos fundadores da ADC, era o proprietário das terras do Benfica e do loteamento do atual Porto das Dunas, complexo turístico *Beach Park*. Como vimos na página 87 desta dissertação, a família de Alcides Santos, um dos fundadores do Fortaleza, havia comprado as terras do Campo do Prado da família Boris, grandes comerciantes da cidade de Fortaleza. Posteriormente, essas terras foram doadas por Otávio Frota ao Governo do estado, depois de ter comprado a massa falida das propriedades de Alcides Santos. Os *sportsmen* pertenciam a uma nata da sociedade que comandava os negócios e as riquezas materiais da cidade.

### 3.1. A “Luta” da Classe dentro do *ground*

Havia uma divisão social dentro do *ground*? Os *sportsmen* aceitavam a participação de trabalhadores e negros no seu espaço de lazer?

O campo de futebol era a representatividade de uma simbologia anteposta pelas elites. Nesse espaço predeterminado por um grupo, a heterogeneidade não quis ser percebida entre um determinado grupo de praticantes da pelota, os *sportsmen*. É como se eles tivessem fechados os olhos para as diversificadas formas da praxe do futebol e de seus praticantes. É claro que não credito isso de forma vil e rígida, aparentando que os *sportsmen* eram sujeitos que predeterminavam sempre suas ações sociais e tinham controle total de sua cultura. Eles não podiam perceber tudo isso como nós o fazemos. Por mais distante da análise de Ginzburg, sobre o moleiro Menocchio, está para nós, podemos fazer um paralelo: “Menocchio não deu esse último passo que teria levado a afirmar um ideal de justa convivência humana, totalmente isento de conotações religiosas”<sup>218</sup>, porque o moleiro não podia fugir ao seu tempo e à sua cultura. Esse era o grande entrave da percepção que os *sportsmen* tinham da sociedade em que viviam. A memória que eles deixaram escrita é a percepção deles do seu mundo. A divisão social existe no discurso, e é muito forte, tanto que

---

<sup>218</sup> Carlo GINZBURG. “O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição”. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 87.

eles não permitiam as classes subalternas participarem da construção dessa história. Porém, ao mesmo tempo, a segregação social não é tão rija, pois eles não impediam a participação de elementos de outras classes e de homens negros na formação do futebol. Como podemos observar na foto do Fortaleza Sporting Club de 1924:



O quarto jogador da direita para a esquerda é negro; apesar da baixa qualidade da foto, é possível distingui-lo. Sobre a escalação acima, não afirmo que esteja em ordem, de acordo com a fotografia, da esquerda para a direita, pois, em alguns momentos do livro de Nirez de Azevedo, as escalações postas acima das fotos não conferem em quantidade de jogadores nem em ordem. No livro “Fortaleza: história, tradição e glória” de Airton de Farias e Vagner de Farias, o nome do mesmo jogador em questão aparece como Roque (insider direito – posição tática que ocupava no time do Fortaleza). Airton e Vagner afirmam que a foto foi extraída da mesma fonte, do arquivo de Nirez, pai de Nirez de Azevedo<sup>220</sup>. O mais importante é que o jogador participava do elenco do Fortaleza, um dos times mais tradicionais e elitistas da época, junto com o Maguary. Ambos mantêm a pose de ostentação de um futebol elitista e “livre” das classes subalternas.

<sup>219</sup> Nirez de AZEVEDO, “História do Campeonato Cearense de Futebol”. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. p. 28.

<sup>220</sup> Airton de FARIAS & Vagner de FARIAS. “Fortaleza: história, tradição e glória”. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005. p. 36

Por mais que a década de 1930 ressalte uma preocupação com a profissionalização do futebol, as fotos da época mostram ainda poses clássicas de despojo e elitismo. É o caso do Ceará de 1932, na foto encontrada no livro de Nirez de Azevedo:



Podemos perceber, na foto acima, alguns jogadores dispostos de forma sóbria, contudo não aguerrida como os times profissionais da década 1930 em diante. Outros têm um tom mais ameno, sorridente, diferente do tom de batalha hoje visto nas fotos clássicas dos times ao adentrarem o campo. Dentre os jogadores, é possível identificar alguns negros.

Tal como o time do Fortaleza, a partir da década de 1920 foi possível observar a inserção de jogadores de outras classes na composição dos clubes tradicionais. O sentido do jogo não era mais o mesmo; vencer era o intuito final do esporte bretão. As mudanças que acarretaram a profissionalização definitiva do futebol na cidade de Fortaleza começaram a ser fundamentadas durante os anos 20. Airton de Farias descreve que o Ceará, ansioso pelos títulos de 1922, resolveu trazer “vários jogadores paraenses de fama”.<sup>222</sup> Uma forma de perversão da perspectiva amadora que o *foot-ball* ainda mantinha. O discurso caminhava em

<sup>221</sup> Nirez de AZEVEDO, “História do Campeonato Cearense de Futebol”. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. p. 38.

<sup>222</sup> Airton de FARIAS. “Ceará: uma história de paixão e glória”. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005. p. 36

sentido oposto à prática do futebol; enquanto delineava-se a idéia de um esporte amador com interesses no bem estar social, seus praticantes jogavam como famintos disputando um prato de comida, como mesmo observou Leonardo Pereira sobre a visão do “eterno” goleiro da seleção brasileira:

“Na memória de Marcos, estas transformações teriam acabado com o futebol tal qual como ele o conheceu, marcando o ‘limite do amadorismo puro aqui no Brasil’. A grande popularização do jogo acirrava a disputa entre os diferentes clubes, obrigando-os a abrir lugar para os jogadores que não tinham mais o mesmo perfil econômico, social e até racial dos primeiros anos do jogo da bola no Brasil. Ao invés de associados dos clubes, os campos são tomados de indivíduos de classes pobres que tinham no futebol um meio de sobrevivência e prestígio”.<sup>223</sup>

Esse desejo de dividir temporalmente e criar uma separação entre o futebol jogado naquele momento e a perspectiva de um esporte sem a participação dos pobres nos espaços de sociabilidade das elites é refletido no discurso dos memorialistas do futebol. Um discurso que solidificou a idéia de que o esporte tivesse sido inaugurado em Fortaleza pelos *filhos ilustres* da cidade, negando a existência das demais classes subalternas nessa construção - como visto nos textos de Frederico Maia, Raimundo Girão e Edgar de Alencar e dos “boleiros” Alberto Damasceno e Nirez de Azevedo.

Essa disparidade dentro de campo cria suas divisões sociais, havendo conflitos em torno da cor do indivíduo e de sua posição social. Todavia, não eram apenas esses choques que determinavam as diferenças dentro de campo, ou relacionado ao campo, fora dele.

São esses focos de tensão que inauguram o futebol do subúrbio, inicialmente não documentado pelos memorialistas. Mais tarde, com a formação dos times de empresa e/ou times proletários, sua história passa a fazer parte da construção do futebol profissional da capital cearense.

Nessa distinção criada entre o *foot-ball association* e o “pé-bola”, perguntou-se Leonardo Pereira:

---

<sup>223</sup> Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA. “Pelos Campos da Nação: um *goal-keeper* nos primeiros anos do Futebol Brasileiro”. In: Revista Estudos Históricos nº 19. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1997. p. 34

“Consolidada nos campos cariocas no final da década de 1910, a ‘footballmania’ — expressão cunhada em 1915 pelo jovem Fernando Azevedo — aparecia para contemporâneos como um fenômeno de difícil compreensão. Capaz de entusiasmar grupos diversos e unir em identidade comum sujeitos radicalmente diferentes, o futebol conquistava definitivamente todas as atenções, tornando-se um elemento importante da experiência de inúmeros grupos sociais. Qual seria, no entanto, o sentido deste novo fenômeno para os diversos sujeitos com ele envolvidos?”<sup>224</sup>

Os trabalhadores percebiam essas diferenças de espacialidades e construía suas possibilidades diante do *status quo*?

Das primeiras partidas no terceiro plano do Passeio Público no início do século XX até os times formados por atletas remunerados na década de 1930 e 1940, o futebol tomou proporções e conceitos diferenciados.

As relações sócio-políticas construídas com a fundamentação da república de Vargas afetaram a estrutura social em torno do futebol. Dessas inúmeras transformações, uma das mais significativas, como se viu, foi a aproximação das elites aos trabalhadores e vice-versa. Isso permitiu a solidificação de times de origem humilde e/ou proletária no cenário futebolístico local. Até então os jornais anunciavam com maior vigor as partidas organizadas pela ADC em detrimento do esporte praticado no subúrbio. O que se via até aquele momento era uma aproximação comedida das elites para com as camadas pauperizadas, aproximação que na maior parte do tempo se resumia a um altruísmo. Dentro das sociedades católicas é a prática comum e incentivada da caridade. Essa praxe estava disseminada dentro das relações sociais que constituíam a sociedade fortalezense no início do século. Era comum se criar eventos sociais caridosos no intuito de “ajudar” as classes subalternas. O esporte era um veículo ponderável nessa relação de ajuda das elites para com os pobres, como se pode observar o jornal O Povo de 1930:

“Maguary x Orion”

“Em beneficência da infância do Grupo Norte da Cidade, realizar-se-á, amanhã, as 16h45, no campo do ‘Maguary Sport Club’ um animado jogo de futebol desse club com o aguerrido ‘Orion Sport Club’

<sup>224</sup> Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA. “Foot-ballmania: história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938)”. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000. p. 203.

Para esse jogo, levado a efeito por solicitação do 'Circulo de Paes e Professores' daquele grupo escolar, que ofereceu uma Taça ao club que sair vitorioso, reina grande animação nos circulos desportivos.

É de esperar grande concorrência ao campo do Maguary, dado o fim altruístico desse encontro de amanhã".<sup>225</sup> (sic)

Essa relação de mendicância se perpetuou na sociedade brasileira nas relações de apadrinhamento. Dentro de um Estado paternalista é comum percebemos núcleos sociais menos abastados pedindo ajuda às elites. Essa nota social é importante porque nos revela que dentro das classes subalternas havia organizações sociais que procuravam oferecer a seus pares melhores condições de vida. Aqui, os pais e os professores do grupo escolar do subúrbio local buscavam ajuda dos *sportsmen* do Maguary e do Orion<sup>226</sup> para arrecadar fundos para o colégio de seus filhos.

A década de 1930 fomentou a prática esportiva ligada ao trabalhador cearense. A prova estava nos torneios que surgiram relacionando o esporte ao mundo do trabalho. Vale salientar que o jornal "O Povo" de 12 de maio de 1930 avisa aos seus leitores de um torneio na Praça do Pelotas (praça em frente à Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, próxima às caixas d'água), em que estava sendo disputada a "taça operariado cearense"<sup>227</sup>, em comemoração ao Dia do Trabalhador. Outro fato descrito pelo mesmo jornal, relativo ao esporte ligado às ligas sindicais, está publicado na data 18 de julho de 1930:

"Festival em Pról do Syndacato dos Trabalhadores graphicos  
No próximo dia 27, as 19 ½ horas, effectuar se-á litero-dansante na sede do "Sem Rival Sport Clube", à Rua Barão do Rio Branco, 93, em beneficio do Syndicato dos Trabalhadores Graphicos, constando do programma uma conferencia do apreciado intellectual Eurico Pinto. Ingressos na 'A Razão', com F. Campos Pilcomar, e na "Gazeta", com Vicente Feijão".<sup>228</sup>

O futebol se associou cada vez mais ao mundo do trabalho. Os trabalhadores passavam a ver que esporte, música, dança, literatura, piqueniques

<sup>225</sup> O Povo, Ano III, 10.05.1930. p. 8

<sup>226</sup> Depois de desentendimento dos *sportsmen* do Fortaleza, o time foi dissolvido e a maioria dos seus atletas fundou o Orion Sport Club. Este durou pouco; jogou o campeonato de 1930, 31 e 32. Foi campeão em 1930.

<sup>227</sup> O Povo, Ano III, 12.05.1930. p. 2.

<sup>228</sup> O Povo, Ano III, 18.07.1930. p. 8.

domingueiros eram possibilidades de lazer diante da opressão do sistema de produção ou do rígido controle patronal. Nos primeiros momentos das comemorações do Dia do Trabalhador, era comum os socialistas usarem a música como espaço de sociabilização e lazer, capaz de aglutinar os trabalhadores e seus familiares. Como percebeu Michel Ralle no caso de Bilbao:

“Desde os primeiros 1º de maio, os socialistas locais introduzem a música na manifestação, contratando uma banda musical. A organização de uma fanfarra continuará, imitada mais tarde nas redondezas, notadamente nas comunas mineiras. Grupos musicais e representações teatrais tornam-se bastante habituais nas diversas localidades da zona a partir do início do século [XX]”.<sup>229</sup>

Este fator nos aproxima bastante de desvendar os grupos políticos dos trabalhadores jogadores de futebol na cidade de Fortaleza. Para ficar mais claro, tentarei explicar um dos meus caminhos de pesquisa. Busquei remanências dos primeiros jogadores de futebol operários, acreditando que o primeiro grupo organizado de trabalhadores a instituir seu time de futebol teria sido o Ferroviário. Essa era a hipótese. Então, lendo o livro de memórias de Edgar de Alencar, encontrei o caso do Olímpico F. Club (vide página 67). A partir deste indício, encaminhei-me para a Beneficência dos Ferroviários. Nas atas pesquisadas não descobri nenhuma evidência do Olímpico, contudo encontrei algo corrente que encaixava bem no lazer dos trabalhadores de Bilbao:

“Ao primeiro dia do mês de janeiro de mil novecentos e dezenove, no salão da primeira classe da estação da E. F. Baturité com a presença de extraordinário número de sócios, (...) Couto Fernandes, presidente honorário e efetivo da sociedade, abre a sessão”.<sup>230</sup>

Os trabalhadores utilizavam os poucos dias de folga, como o primeiro dia do ano, para se reunir. A outra sessão atada daquele ano marca o encontro no dia 14 de dezembro. São poucas as atas de reunião, confirmando a idéia de um reduzido número de encontros oficiais dos trabalhadores para pensar, refletir, debater a respeito deles próprios. Todavia, esse encontro deliberava a respeito de

<sup>229</sup> Michel RALLE. “A Festa Militante: o espaço festivo dos operários diante da identidade social (Espanha, 1850 – 1920)”. In: Cláudio BATALHA e Fernando Teixeira da SILVA & Alexandre FORTES (org). *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2004. p. 85.

<sup>230</sup> Livro de Atas de Reunião da Beneficência dos Trabalhadores da Estrada de Ferro de Baturité. Ata da Assembléia Geral da Sociedade Beneficente do Pessoal da Estrada de Ferro de Baturité. 1.01.1919.

saúde, escolaridade, empréstimos, custos de enterro dos funcionários falecidos e lazer dos funcionários e familiares, como mostra o balancete do fim do ano de 1919:

“Saldo que passou de 31 de Dezembro de 1918: 8: 387\$696; Contribuição dos funcionários: 12:336\$900; Juros sobre empréstimos 2:0002\$400; Pecúlios: 5:086\$300; donativos: 192\$400; Caixa da Música: 20\$000; Saldo Geral da Receita em 30 de Novembro de 1919: 28:025\$690. Despesas: - Escolas diurna e noturna: - 1:793\$000; Banda de Música: 3:423\$275; honorário dos médicos: 6:600\$000; pecúlios de 15 sócios falecidos: - 4:522\$500”.<sup>231</sup>

Com um sistema bem organizado, os trabalhadores arrecadavam dinheiro para manutenção dos serviços de auxílio a eles mesmos. O grande fio-condutor da visão de Ralle sobre os socialistas e a organização social dos trabalhadores da estrada de Ferro está, *a priori*, exatamente na questão musical. Havia uma banda sustentada pela beneficência e que era, também, usada como ponto de obtenção de lucro para a sociedade mutualista. E mais tarde, em 1936, a eleição de Valdemar Cabral Caracas como vereador da cidade de Fortaleza pelo Partido Socialista e seu discurso a respeito do fato - “Mas não fui eleito por causa do futebol. Fui eleito porque era um líder para os funcionários da RVC”<sup>232</sup> - fazem-nos acreditar na existência de representações socialistas dentro da Companhia Ferroviária. A participação de Caracas na política cearense era vista por outros que chegaram a cargos políticos pelo mesmo viés, com um direcionamento forte para o esporte. Salienta essa visão o jornalista Rafael Luis ao entrevistar o dirigente que chegou a prefeito:

“Um contemporâneo de Caracas nas décadas de 30 e 40 chegou ao cargo máximo da política fortalezense. Locutor esportivo no início de carreira, o jornalista Paulo Cabral de Araújo virou prefeito, entre 1951 e 1955, além de deputado estadual. ‘Mas não considero que tive uma vida política ligada ao futebol tanto quanto o Caracas’, afirma.”<sup>233</sup>

A provável liderança de Caracas favoreceu a interação entre operários-jogadores e diretores-dirigentes. Em um mundo ainda muito dicotomizado em relação às estruturas de trabalho e ao *status* social, o diálogo de Valdemar

<sup>231</sup> Idem, *Ibidem*, 14.12.1919

<sup>232</sup> O Povo. Revista Fortaleza: Política Futebol Clube. 27.05.2006. in: <http://www.opovo.com.br/opovo/especiais/revistafortaleza8/598501.html>

<sup>233</sup> Idem, *Ibidem*.



Caracas foi benéfico para o estreitamento do *foot-ball* com o pé-bola. Não foi o único que estreito esses laços no âmbito do esporte bretão, o caso acima do jornalista esportivo Paulo Cabral de Araújo é exemplar. Porém Valdermar Caracas é o caso mais expoente; ele foi o ator social da época estudada e que ainda está vivo. Ele viveu no meio dos *sportsmen* das aventuras lúdicas da Rua 24 de Maio, descritas por Raimundo Girão, como também foi o treinador do time do Ferroviário campeão em 1945. Ele esteve nos dois extremos da concepção do futebol. Por isso, posso dizer que ele é um personagem recorrente nos meus diálogos com as fontes escritas.

Se até os anos 1920 o profissionalismo era encarado como um debate longínquo no esporte local, muito mais um discurso admoestativo dos *sportsmen* locais e nacionais (vide pp. 60 e 86), os anos 1930 serão diferenciados. Os jornais passarão a mostrar rotineiramente o debate que aflige o futebol no sudeste do país. A Confederação Brasileira de Desportes (atual CBF – Confederação Brasileira de Futebol) vivia tempos de crises com o antigo discurso e a prática do futebol semi-profissional e profissional de alguns clubes, como mostra o jornal O Povo:

“O Proffisionalismo no Foot-ball

O Sr. Arnaldo Guinie poz à disposição da Liga Carioca de Proffisionais de Foot-ball a importância de 400 contos de réis, mas aquela liga achou necessária somente a importância de 200 contos.

Comunicam de São Paulo que a “Apex” aprovou uma resolução permitindo que os clubs a ela filiados adotem o proffisionalismo”.<sup>234</sup>

É uma ocorrência interessante se lembrarmos que as notas a respeito do profissionalismo começam a enveredar nas páginas do jornal no mesmo ano de fundação do Ferroviário. O ano de 1933 é também um ponto-chave na consolidação dos interesses sócio-políticos de Getúlio Vargas. “À exceção do salário-mínimo que será regulamentado durante o Estado Novo, entre 1931 e 1934 foi promulgada uma série de decretos e leis de proteção ao trabalhador”<sup>235</sup>.

<sup>234</sup> O Povo, Ano V, 9.02.1933. p. 1.

<sup>235</sup> Dulce Chaves PANDOLFI. “Os anos 1930: As incertezas do Regime.” In: Jorge FERREIRA & Lucília de Almeida Neves DELGADO (org). O Brasil Republicano. V.2: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 19.

Esse fato estreitou os laços do governo com as camadas sociais não abastadas. Conseqüentemente, os jogadores “profissionais” que jogavam por um “prato de comida” representavam a parcela da população que começava a ver com bons olhos as interferências do governo provisório na vida da sociedade.

Esse estado em parte repressor, em parte social, construía uma nova ordem dentro da vida das pessoas. A disciplina era uma das ideologias vigentes na política varguista; não era à toa que em 1931, “à exceção de Pernambuco e Paraíba, todos os chefes de estado das regiões Norte e Nordeste eram militares”.<sup>236</sup>

O próprio discurso de Valdemar Caracas ao salientar sua interferência nos jogos da Estação do Urubu, no intuito de organizar a prática desportiva dos funcionários, demonstra esse caráter de disciplinarização militar imposta por Vargas. Disse-me Valdemar que era amante da disciplina<sup>237</sup>. Através dessa crença Valdemar chegou para organizar à sua maneira o time do Ferroviário.

A violência e a deturpação da ordem eram duas práticas mal vistas durante a praxe desportiva na Primeira República, mas que se perpetuaram no pós-1930, mesmo mal vistas e muito coibidas pela polícia e pela imprensa.

#### “DISTURBIOS NUM CAMPO DE FUTEBOL

Esteve hoje nesta redacção o Sr. Lauro Serra, da directoria do ‘Carioca F. C.’, o qual veiu narrar-nos as deploráveis occorrencias verificadas domingo ultimo, no campo do ‘Vingador’, no Alto da Balança, por ocasião de um jogo entre os quadros referidos. Disse nos o nosso informante que, a convite do ‘Vingador’, o ‘team’ do ‘Carioca’ foi realizar uma partida com o mesmo em sua praça de *sports*. O jogo iniciou se sem novidades, reinando a principio relativa cordialidade entre os disputantes. Mais tarde, como evidenciasse a supremacia dos visitantes, os locaes passaram a desenvolver jogo pesado, chegando a agredir os jogadores do ‘Carioca’. Resultou dahi serio conflicto, usando os contendores facas, pedradas, ponta-pés, cacetes... o diabo, em mim.

O sub-delegado local, que estava presente, procurou apasiguar os ânimos, mas nada conseguiu, somente se encerrando o incidente com a retirada do quadro visitante.

Não é a primeira vez que acontecem factos dessa natureza nos campos de futebol dos subúrbios. Mas a policia até agora não conseguiu dar um paradeiro a taes incidentes, coisa que, aliás, não é de

<sup>236</sup> Idem, Ibidem. p. 18.

<sup>237</sup> Entrevista com Valdemar Cabral Caracas, 01.04.2005.

admirar, porque, quando Ela aparece, é para piorar consideravelmente a situação...”<sup>238</sup> (sic)

Essa reportagem visualiza o panorama do futebol local em Fortaleza e suas divisões sociais.

Primeiramente, é possível ver a diferenciação entre o esporte concebido no subúrbio e o inicialmente praticado no Passeio Público no último parágrafo da reportagem. O jornalista refere-se à violência como algo que já ocorria comumente e que a polícia não dava conta de melhorar. O *foot-ball* dos *sportsmen* não era bem visto pelas elites, sendo praticado pelas classes subalternas. No período estudado, essa é a melhor reportagem retirada do periódico “O Povo”, falando a respeito do esporte relacionado ao subúrbio. Sobre essa violência é possível imaginar as mais graves ocorrências possíveis: é noticiado que a briga foi repleta de facadas e pedradas. Toda a violência era resultado da gana pela vitória, ponto condenável na visão dos *sportsmen*.

Num segundo ponto na construção da nota, os conflitos em torno da bola não ficam no campo simbólico da classe. Por mais que eles existam nesse sentido vertical, as divergências horizontais são cabíveis, já que a prática perpassa os planos sociais de acordo com o uso e a espacialidade do jogo. Nesse momento, entre o “Vingador” e o “Carioca” não cabia perceber a exploração da classe ou a necessidade de melhores condições de vida. Estava em jogo a vontade de ganhar contra o rival e/ou amigo de vizinhança. Aqui cabe exatamente a visão sobre o “baralho de Gramsci” (vide p. 75) e a percepção de como a violência é representação de virilidade e manutenção da honra, como mesmo disse Fernando Teixeira (vide citação 137).

Entretanto, essa horizontalização dos conflitos fica restrita ao âmbito dos conflitos internos dos representantes das classes subalternas, pois, se lemos mais uma vez a nota sobre “distúrbio num campo de futebol”, podemos observar que, ao contrário de outras matérias sobre conflitos em torno da bola, existe um tratamento diferenciado do jornal. O que era antes visto como uma reclamação de moradores contra arruaceiros e crianças nas ruas principais da cidade (vide p. 48)

---

<sup>238</sup> O Povo, Ano III, 18.010.1930.

agora é entoado como algo pejorativo, um problema do subúrbio. Por mais que o escritor do jornal fale que o “Sr. Lauro Serra, da diretoria do ‘Carioca F. C.’” tenha chegado à redação no intuito de expor um problema ocorrido, relatando a história para os demais cidadãos, a notícia termina como uma dissertação a respeito da violência do futebol suburbano.

O ocorrido reflete o conflito entre a perspectiva do esporte praticado entre os filhos da elite em relação à perspectiva dos moradores dos moradores do subúrbio e/ou trabalhadores.

O futebol proletário estava deflagrado nos arredores da cidade de Fortaleza, diante da perspectiva de um Estado politicamente engajado em aproximar-se dos trabalhadores. As práticas culturais passaram a diminuir as discrepâncias em torno dos seus usos, essas práticas eram diacrônicas devido a seu caráter social. Tentava-se buscar similitudes para os seus usuários; a profissionalização do esporte é um dos viés encontrados por Vargas para conseguir essa integração, como mesmo observou Heloisa Turini Bruhns:

“A legislação social e trabalhista do governo Vargas iria, de 1930 a 1936, regulamentar não só o futebol, como um número razoável de profissões. Os atletas foram reconhecidos formalmente como empregados, sob a jurisdição do novo Ministério do Trabalho”.<sup>239</sup>

É um dos fatores que favorece a esse movimento de formação da identidade nacional, como de uma nova dinâmica entre o significado do esporte para os trabalhadores e das elites. A partir desse período descrito por Bruhns, a expansão da profissionalização, do centro econômico do país até seus mais distantes estados, é questão de tempo, uma reação que começa a ocorrer nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo e irá atingir Fortaleza. No final de 1938, depois de uma série de jogos amistosos dos times locais contra clubes vindos de outros centros, por exemplo, o Palestra Itália (atual Palmeiras – SP) e o Bahia, os times fortalezenses foram acometidos de derrotas estrondosas. Para memorialistas como Alberto Damasceno e Nirez de Azevedo, esses episódios foram a “gota d’água” para a mudança que já se anunciava. O único time que começou o ano de 1939 com atletas amadores foi o Fortaleza Esporte Clube.

---

<sup>239</sup> Heloisa Turini BRUHNS. “Futebol, Carnaval e Capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro”. Campinas – SP: Editora Papyrus, 2000. p. 65.

Torna-se evidente a mudança de estrutura do futebol quando se observam as fotos dos primeiros momentos da organização dos times da pelota que jogavam no terceiro plano do Passeio Público em relação aos times profissionalizados em 1939. Estas são fotos do Stela Foot-ball Club em 1914:



240

E do Ceará Sporting Club em 1939:



241

A primeira foto faz referência ao time composto por estudantes, filhos da elite local. Eles são vistos na imagem com um sentimento de despojo e *elegance*, típico dos *sportsmen* da época. Seu material esportivo foi produzido por eles mesmos. Sem nenhuma preocupação de uma típica organização fabril e/ou de uma estrutura rígida de produção, seus uniformes foram feitos em casa, selando a Estrela símbolo do time, na camiseta de uso diário. Pode-se observar

<sup>240</sup> Nirez de AZEVEDO, "História do Campeonato Cearense de Futebol". Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. p. 18.

<sup>241</sup> Nirez de AZEVEDO, "História do Campeonato Cearense de Futebol". Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. p. 53.

que não existe métrica pré-estabelecida para os tamanhos das estrelas, muito menos paridade nas camisas utilizadas. Os tamanhos das mangas variam, e a cor do colarinho do jogador à direita da foto no canto superior apresenta um tom escuro.

A segunda foto mostra o time do Ceará Sporting Club, campeão de 1939. O clube inaugurava um time completamente profissional. Como se pode ver, a foto revela um time bem organizado; a relação atleta/sistema de trabalho estava bem estruturada na equipe. Todos os jogadores possuíam uniformes idênticos, com tamanhos ajustados à sua estatura, mas sem perder a coesão de um produto vindo de uma “linha de montagem”. O único a possuir uniforme diferenciado era o treinador, que recebia papel de destaque e mantinha comportamento sério e diferente dos demais.

Os clubes advindos da elite pareavam-se na disputa do *ground* no mesmo patamar dos demais times, fossem eles do subúrbio ou de organizações fabris. Os campeonatos de 1938 e 1939 assimilavam definitivamente os clubes das classes subalternas e, junto com a profissionalização dos times amadores dos *sportsmen*, o futebol perdia sua discrepância classista na sua composição. Todavia, seriam os torcedores que perpetuariam essas diferenças entre a elite e os trabalhadores nas primeiras horas do futebol profissional.

### **3.2. O título de 1945: o final e o começo**

A última parte desta dissertação traz as transformações sociais e do esporte na cidade de Fortaleza, um complemento à primeira parte. Observaremos como o profissionalismo adentrou os clubes e redimensionou o campeonato local. Nesta parte, veremos as nuances da inserção do Ferroviário no primeiro campeonato profissional de futebol local, junto do Carioca, time do subúrbio; o primeiro título de um time oriundo de trabalhadores, conquistado pelo Tramways em 1941; e, finalmente, a vitória do Ferroviário sobre Os Príncipes do Alagadiço, corroborando para o começo de uma nova era nas relações sociais vividas entre jogadores e torcedores de futebol no estado.

O futebol cearense já havia sofrido algumas reviravoltas na sua estrutura organizacional, todavia os times e os “detentores” do esporte local ainda permaneciam mediando a organização dos jogos e disputando os títulos e os jogadores mais expressivos. O profissionalismo apenas alargou o processo de contratações e condicionou uma receita mensal ao time contratante. Até então, era comum ver a movimentação de jogadores de um clube para o outro; os *sportsmen* defendiam inúmeras camisas. Era função do *gentleman* desportivo propiciar a reverberação da prática nos diversos cantos da sociedade em que vivia e receber essa “graça”. Valdemar Caracas reverencia a figura de Humberto Ribeiro como um desses *sportsmen*. Diz o semióforo do Ferroviário:

“Tinha Humberto Ribeiro que era, eu sou do tempo do futebol amador, Ribeiro era rico. O pai dele era rico, tinha a livraria e papelaria Humberto, Major Facundo com São Paulo, onde foi no século passado uma farmácia... Ali era Livraria e Papelaria Humberto. Ele jogou Maranguape e jogou Fortaleza, nesse tempo em Maranguape já se jogava futebol. Humberto Ribeiro, eu me dava muito bem com ele, grande jogador, grande jogador...”<sup>242</sup>

A função do *sportsman* dentro da associação era bastante diversificada, tanto que o próprio Humberto em 1923 tinha o cargo de tesoureiro do Fortaleza Sporting Club<sup>243</sup>. Era comum trafegar de um clube de futebol para outro; Valdemar Caracas era um desses homens que jogavam bola, organizavam os times e participavam das festividades sociais. Ele mesmo me disse:

“Eu fui sócio do Náutico, eu tenho minha carteira aqui. Eu fui sócio do Maguary. (...) Eu jogava Maguary segundo quadro. Naquele tempo era primeiro quadro, primeiro quadro era os titulares, e segundo quadro, era o time reserva, minha posição, half-direito”.<sup>244</sup>

A participação no time era muito mais uma questão colocada em segundo plano do que uma referência para solidificar o status de *sportsman*. Valdemar não era um craque da pelota, apenas o reserva do Maguary, mas não era isso que importava - ele seguia às riscas a concepção do bom desportista.

É durante a década de 1930 em Fortaleza que a figura do *sportsman* vai ficar restrita à manutenção do esporte e à consolidação dos times. O jogador

<sup>242</sup> Entrevista com Valdemar Cabral Caracas, 30.04.2005.

<sup>243</sup> Alberto DAMASCENO. “Futebol Cearense: um século de história (1902 – 2002)”. Fortaleza: edição própria, 2002. p. 76.

<sup>244</sup> Entrevista com Valdemar Cabral Caracas, 30.04.2005.

do clássico futebol amador perdia seu espaço para aqueles que recebiam para jogar. À medida que se proliferava a participação de jogadores remunerados, os *sportsmen* se recolhiam à administração dos clubes em que outrora eles haviam sido grandes ícones. A diferenciação entre os campos do subúrbio e os do centro tendia a se reduzir a uma questão geográfica.

Falamos que a década de 1930 inaugurou mudanças sociais no mundo do trabalho e na forma de conceber o esporte dentro das empresas. Uma categoria interessante foi posta diante dessas novas perspectivas de como se deveria jogar futebol e quem deveria fazê-lo - o jogador profissional oriundo dos times fabris<sup>245</sup>. Esse ator social do mundo fabril, modelado perante a estrutura do *foot-ball* amador, forneceu um espécime de sujeito que ora atendia os interesses do patronato, ora era o ídolo dos trabalhadores. O jogador de futebol da década de 1930 era um empregado respeitado pela empresa, pois fazia com que os outros funcionários buscassem nele como algo em que se espelhar.

De alguma forma o trabalhador que jogava futebol, até a década de 1960, podia ser considerado um aristocrata do trabalho, segundo a conhecida definição de Hobsbawm:

“A expressão ‘aristocracia do trabalho’ parece ter sido usada desde o meio do século dezenove pelo menos para descrever certa camada superior distinta da classe trabalhadora, mais bem paga, mais bem tratada e geralmente considerada como mais ‘respeitável’ e politicamente mais moderada do que a massa do proletariado”.<sup>246</sup>

Espacialidade social bastante abrangente se pensarmos que, dentro desse conceito, podemos levar em conta que os jogadores, por exemplo, do Ferroviário e o seu “chefe” Valdemar Caracas podem ser considerados aristocratas do trabalho. Valdemar se encaixaria numa divisão que Hobsbawm percebeu existir no final do século XIX como

---

<sup>245</sup> Nesse ponto faço questão de categorizar e especificar ao máximo o jogador de futebol de que estou trabalhando, mesmo sabendo que existiam os jogadores profissionais dos clubes de origem não-fabril. Meu intuito é refletir como esse funcionário foi dimensionado dentro da empresa em que trabalhava e utilizado como ícone de uma nova estrutura de trabalho, dentro de um Estado voltado para a classe operária e, ao mesmo tempo, representante de uma elite burguesa.

<sup>246</sup> Eric HOBBSAWM. “A Aristocracia do Trabalho na Inglaterra do Século Dezenove”. In.: Eric HOBBSAWM. Os Trabalhadores: estudos sobre a História do Operariado. 2ª. edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000. p. 319.



“empregados e assemelhados. Assim em Bolton na década de 1890, ela incluía os empregados, guarda-livros, gerentes mais bem pagos e a melhor parte do pessoal trabalhador (...). Em Salford, mais ou menos na mesma época, ela incluía ‘viajantes comerciais, tipógrafos litográficos, marceneiros, assistentes de marceneiros’...”<sup>247</sup>

Podemos incluir aqui o escriturário, encarregado de um serviço burocrático dentro da companhia e que tinha privilégios que os demais não possuíam. Mesmo assim, ainda continuava sendo um subordinado.

Segundo Eric Hobsbawm, os funcionários das ferrovias na Inglaterra (1906) eram um dos grupos mais privilegiados em relação aos mundos do trabalho. Esta é a tabela feita pelo historiador:

Tabela I. Ocupações nas quais mais de 40 por cento dos trabalhadores masculinos ganhavam 40 shillings ou mais em 1906.<sup>248</sup>

<i>Ocupação</i>	<i>40 s. e mais</i>	<i>45 s e mais.</i>
Laminadores (construção naval)	81,7	73,7
Calafates (construção naval)	78,3	61,4
Fiandeiros de algodão (contagem de 80 e acima)	77,6	52,6
Rendeiros (braços de alavanca)	77,4	67,0
Maquinistas (ferrovias)	71,7	54,9
Rebitadores (construção naval)	70,5	60,5
Laminadores (maquinaria, salário por peça)	68,5	50,3
Fiandeiros de Algodão (contagem de 40 – 80)	67,9	48,3
Engrenagens e laminação (aço, salário por peça)	61,5	52,1
Rebitadores, Calafates (maquinaria, por peça)	56,7	38,0
Torneiros (maquinaria, peça)	48,8	30,4
Ajustadores (maquinaria, peça)	47,6	26,6
Fiandeiros de Algodão (contagem abaixo de 40)	44,9	20,4
Laminadores (maquinaria, salário por tempo)	44	16,4
Pudladores (ferro e aço, peça)	39,7	27,2

A tabela nos revela que os indivíduos que trabalhavam com maquinaria e aço pertenciam a um percentual de trabalhadores que ganhavam bem em relação a uma parcela de miseráveis. Desta lista acima, cerca de oito das quinze funções podiam ser incorporadas pelos ferroviários. Aqui se lembra que, no

<sup>247</sup> Idem, Ibidem, p. 321.

<sup>248</sup> Idem, Ibidem, p. 337.

discurso da fundação do Ferroviário encontrado no livro do boleiro Nirez de Azevedo, o “alemão Franz Wirtzbiki entrou com seis tubos de caldeiras de locomotiva”<sup>249</sup>. Franz Wirtzbiki era caldeireiro. As reuniões do time teriam acontecido “na casa do mecânico João Roque, *O Gordo*”<sup>250</sup>. Podemos concluir que os primeiros jogadores do Ferroviário eram representantes dessa “aristocracia do trabalho”. Mais adiante temos o exemplo de Francisco da Silva Lima, o Zimba, contratado por Valdemar Caracas a pedido de um amigo, “pedido de um bacharel, empregado da prefeitura, (...). Doutor Ubirajara Coelho de Negreiros”.<sup>251</sup> O senhor Caracas revela certos privilégios dos jogadores, dizendo sobre a função exercida na companhia por Zimba: “fazia nada, ficava no escritório para ficar comigo. Ele jogava bola, jogava bem, qualquer posição que botava ele jogava”.<sup>252</sup>

Dentro da formação dos times operários é possível imaginar que existiam privilégios em ser jogador de futebol, conseqüentemente, um papel de destaque dentro da companhia. Outro fator interessante dessa “aristocracia” é a manutenção de sindicatos. O time se formou em 1933, atendeu os interesses dos funcionários, alargou sua relação com a diretoria - esse último fator sendo um dos seis pontos-chaves para o que Hobsbawm conceituou como Aristocracia do Trabalho, “suas relações com a camada social acima e abaixo dela”.<sup>253</sup>

O time poderia existir, mas só teria sentido se pudesse aglutinar essas duas camadas que os jogadores permeavam. O Olímpico já havia existido, mas os relatos sobre ele ficam restritos às memórias de Raimundo Girão no ano de 1919. O time não participou de nenhum campeonato naquele ano, sendo assim seu registro foi praticamente apagado. Todavia, o Ferroviário Atlético Clube nasceu nessa relação entre o patronato e o proletário.

Entre 1933 e 1938, não encontrei nenhuma nota sobre jogos do Ferroviário no Jornal O Povo. Não é feita nenhuma alusão sobre sua fundação no

---

<sup>249</sup> AZEVEDO, Nirez de. “História do Campeonato Cearense de Futebol”. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. p. 40.

<sup>250</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>251</sup> Entrevista com Valdemar Cabral Caracas, 30.04.2005.

<sup>252</sup> Idem.

<sup>253</sup> Eric HOBBSAWM. “A Aristocracia do Trabalho na Inglaterra do Século Dezenove”. In.: Eric HOBBSAWM. *Os Trabalhadores: estudos sobre a História do Operariado*. 2ª. edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000. p. 320.

ano de 1933; sua existência será mencionada no mesmo jornal de forma diferenciada das memórias do próprio clube, de Valdemar Caracas e dos outros memorialistas e/ou boleiros. Da forma como segue abaixo encontrei numa fotocópia do jornal O Povo, sem data, na casa do senhor Caracas, a notícia (cópia do original em Anexo):

“O Ferroviário teve a vantagem de logo de saída ser um grande clube do ponto de vista técnico e uma agremiação apoiada por grande torcida desde o seu nascedouro. Fundado em 1938, em 1939 já era uma das principais forças esportivas do Estado e já iniciava a era do profissionalismo”<sup>254</sup>.

Não estou tentando desconstruir ou reconstruir a história da formação do Ferroviário. O intuito é poder observar que a idéia que se concentrou em algum momento entre as décadas de 1930 e 1960, mostrava que a existência do Ferroviário, ou de qualquer outro time, fosse ele suburbano ou da classe, estava ligado à ADC. Sem a filiação, conseqüentemente, a participação efetiva do time no Campeonato de Futebol da Liga e sua existência estavam comprometidas para a memória oficial do futebol.

A nota acima remonta a outro detalhe relacionado ao campeonato local, marcando a suposta fundação do time em 1938. O ano de 1938 é de fato importante na formação do futebol contemporâneo cearense. Processou-se uma mudança na forma de conceber o esporte, relativa ao seu profissionalismo e à inserção dos times de operários e suburbanos no campeonato local.

Em 1938, surgiram sete novos times para disputar o campeonato. Os novatos eram: Estrela do Mar, Ferroviário, Ginásio São João, Carioca, Colégio Militar, Cavalaria e Iracema. Destes, dois eram representantes de operários, o Estrela do Mar (dos marítimos) e o Ferroviário. Outros dois eram do subúrbio local, o Carioca (bairro Otávio Bonfim) e o time do Iracema (Porangaba)<sup>255</sup>.

A história dos times locais está muito ligada a sua perpetuação existencial. Como assim? Muito da história dos times se perde ao longo do tempo, pela falta de uma cultura documental. É comum sabermos de incêndios, ou de

---

<sup>254</sup> Acervo Valdemar Caracas: O Povo, sessão semanal: “Fatos e Fotos que o tempo não apaga”. Documento encontrado na casa de Valdemar Caracas, não possuía datação.

<sup>255</sup> AZEVEDO, Nirez de. “História do Campeonato Cearense de Futebol”. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. p. 49.

sumiços de documentos ao longo do tempo. Pior situação recai para os times que acabaram sucumbindo. Nesse caso, a história restringe-se à perpetuação da memória individual daqueles que viveram na época de um determinado time e, se possível, participaram daquela formação desportiva. Acontece com o Maguary Sport Club que vive através de recortes de jornais e da memória dos *sportsmen* que participaram da sua formação. A conservação dessa história ficaria um tanto abalada se não fosse pela existência de microfilmes que prometem manter intacta a documentação de periódicos. De resto, a memória individual é abalada pelo ciclo da vida. Alguns boleiros poderão contar os ocorridos, pois, em parte, esse é seu ofício, manter a história tradicional do futebol.

O grande problema aqui é desvendar as fontes primárias desses times que desapareceram, já que não se sabe o que aconteceu com as atas de fundação dos clubes que ainda existem<sup>256</sup>.

Por que fiz questão de contar essa história? Para falar a respeito da pesquisa sobre alguns times. Um deles é o “Estrela do Mar”, que aparece em 1938. As informações a respeito desse time são bastante escassas. Nirez afirma: “O Estrela do Mar Foot-ball Club, com as cores verde e amarelo, foi fundado em janeiro [1938]. O Time dos Marítimos, como ficou sendo chamado, teve como presidente Francisco Nunes Carneiro”<sup>257</sup>. Sobre Francisco Nunes Carneiro, não consegui encontrar nenhuma informação. O Estrela do Mar teve vida curta, jogando apenas os campeonatos de 1937, 38, 39<sup>258</sup>.

Nesses primeiros anos de Estado Novo, o futebol tomava um novo rumo, e no campeonato local se solidificavam dois times profissionais com status de “time da classe”: o Ferroviário, que adentrou o campeonato em 1938, e o

---

<sup>256</sup> Perguntei para um dos dirigentes do Ferroviário A. C. e mantenedor do espaço virtual do seu time a respeito dessas atas. O dirigente em questão, Evandro Ferreira Gomes, respondeu: “nenhum dos três grandes times da cidade de Fortaleza tem um acervo de história que possua essa documentação”. Não pude desacreditar a informação, pois não consegui chegar ao caminho desejado: encontrar atas de fundação dos times locais que ainda existem ou não existem mais. Evandro Ferreira Gomes vem tentando catalogar a história oficial do Ferroviário nos últimos quatro anos. Eu o conheci na casa do senhor Valdemar Caracas, onde ele esteve bastante presente catalogando o máximo de informações. Evandro F. Gomes disponibilizou a maioria das informações a respeito de sua pesquisa no sítio eletrônico do clube: <http://www.ferrao.com.br>.

<sup>257</sup> Idem, *Ibidem*, p. 47.

<sup>258</sup> AZEVEDO, Nirez de. “História do Campeonato Cearense de Futebol”. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002.

Tramways, que surgiu no ano posterior. Esses times indubitavelmente eram distintos dos demais, representando simbolicamente os trabalhadores da Ceará Tramways Light Co. (Tramways) e os da Rede de Viação Cearense (Ferroviário). O campeonato de futebol cearense organizado pela elite local aceitava jogadores-operários na divisão A. Uma mudança importante para um campeonato que tinha o Maguary, com seus jogadores apelidados de “Os Príncipes”, o Ceará e o Fortaleza, times compostos por famílias tradicionais e elitistas da cidade.

Os campeonatos de 1938 e 1939, inaugurais do futebol profissional, ainda destacavam a participação dos times “tradicionais” em detrimento dos clubes operários e do subúrbio. Estes faziam papel de coadjuvante em relação a Fortaleza, Maguary e Ceará.

As participações dos times do subúrbio ficaram restritas há anos esporádicos. Todavia, 1938 foi um ano bastante significativo para as alterações do futebol local. Estas alterações ficam claras quando percebemos a participação do governo federal no incentivo da formação da identidade nacional a partir do futebol. Quem bem notou essa transformação foi Fábio Franzini em sua dissertação de mestrado pela USP. Diz Franzini a respeito da participação do Brasil no campeonato mundial de 1938:

“Os jogadores constituíam uma embaixada brasileira, da qual se esperava o mesmo que então se exigia de cada cidadão comum: coragem, disciplina e patriotismo acima de tudo. Eram esses os ingredientes que alimentavam o sonho de fazer do Brasil tanto uma grande nação quanto campeão mundial de futebol”.<sup>259</sup>

O sentimento que se constituiu no Brasil favoreceu uma proliferação do esporte nas demais regiões, alastrando a participação dos times populares nos campeonatos locais. Gostar de futebol era uma questão de ser brasileiro. O então presidente Getúlio Vargas fez questão de associar à nacionalidade as práticas culturais popularizadas durante a República Velha. O Estado conseguiu fazer essa associação com o futebol, assim concluiu Franzini:

“Os reflexos sociais da bela campanha realizada pela seleção na Copa do Mundo de 1938 demonstraram que o futebol

---

<sup>259</sup> Fábio FRANZINI. “Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 – 1938)”. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

alcançara no Brasil seu reconhecimento como esporte nacional, no sentido tanto geográfico quanto simbólico-imaginário do termo”.<sup>260</sup>

Não é de se estranhar essa proliferação de times de vários setores sociais formando o campeonato de 1938. O futebol não era mais restrito àqueles que detinham o livro de regras na virada do século. Jogar futebol era um direito de todos, tanto que, no ano seguinte, alguns times que participaram do campeonato de 1938 não estavam mais presentes, a exemplo do Carioca e do Iracema, ambos do subúrbio fortalezense.

O jornal O Povo de 1977 considerou que o futebol profissional se inaugurou com o time do Ferroviário. Escreveu o jornalista Ronald Proença numa matéria especial de duas páginas, um adendo sobre o profissionalismo no futebol cearense: “em 1939, o doutor Pereira de Menezes assumia a presidência do clube e, com isso, o Ferrim ganhava condições de mudar não apenas a sua estrutura, mas a de todo futebol do Estado.”<sup>261</sup> Logo em seguida, ele faz uma ressalva interessante:

“Não se distorça a história. Antes de 39, já se contratavam jogadores, já se pagava dinheiro a alguém para defender a camisa de um time qualquer. Havia clubes integralmente amadores (o Maguari, o Penarol e o Colégio Militar). Mas o Ceará já atraía valores de outros centros, o Fortaleza ensaiava os primeiros passos no sistema novo, que se implantara no Rio e São Paulo em 1933. Seis anos depois, portanto, chegava ao futebol cearense. Ninguém se dispunha a optar pelo profissionalismo verdadeiro. O Ferroviário se dispôs. E implantou mesmo a profissão de jogador de futebol entre nós”.<sup>262</sup> (sic)

Ronald Proença nos deixa claro que o que ele concebe como futebol profissional é o fato de se pagar um salário mensalmente e se assinar a carteira de trabalho com o ofício de jogador de futebol. Para ele, o Ferroviário foi primeiro a caminhar nessa perspectiva.

O processo de transição que se percebe no discurso do jornalista da década de 1970 nos permite associar os títulos do Maguary em 1937, o bicampeonato do Fortaleza em 1937 e 1938 e o título do Ceará em 1939 como parte dessa mudança. Ao logo dos anos 1930, quanto mais o Estado promovia o

---

<sup>260</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>261</sup> O Povo, Ano XLIX, 28.08.1977.

<sup>262</sup> Idem, *Ibidem*.

esporte, mais os times caminhavam para o profissionalismo. O Maguary, que ganhara seu último título em 1936, ainda amador, só conseguiria triunfar novamente em 1943. O Ceará, o que melhor se preparou para essa nova fase, conseguiu boas vitórias e foi campeão no ano em que se iniciava o futebol profissional, 1939. Enquanto isso o Fortaleza, por mais que fizesse menção de contratar atletas, foi o único a não assumir de fato o novo modelo. Não é à toa que ficou apenas em penúltimo lugar no campeonato de 1939, como se vê na tabela de classificação daquele ano<sup>263</sup>:

Colocação Final	PG	V	E	D	GP	GC	SG
1º Ceará	20	9	2	0	38	16	22
2º Estrela do Mar	12	5	2	4	38	26	12
3º Peñarol	10	4	2	4	28	26	2
4º Maguary	10	4	2	5	31	32	-1
5º Ferroviário	10	5	0	7	41	43	-2
6º Fortaleza	8	3	2	5	22	32	-10
7º Tramways	6	2	2	7	24	47	-13

Na mesma tabela podemos conferir que os resultados do Ferroviário e do Tramways não são expressivos, amargando a antepenúltima e última posições. Contudo, o ano seguinte confirmaria o futebol dos times operários e o modelo profissionalizante do esporte.

O título do campeonato cearense de 1940 ficaria para o Tramways, e o vice-campeonato, para o Ferroviário. Um ano depois de entrar na liga, o time da Tramways Light & Co. se consagrava campeão. O Fortaleza ainda mantinha a perspectiva do amadorismo, fazendo com que os resultados continuassem pífios. Segue a tabela com a posição final de 1940<sup>264</sup>:

Colocação Final	PG	V	E	D	GP	GC	SG
1º Tramways (*)	17	8	1	0	27	9	18
2º Ferroviário (*)	10	4	2	3	26	29	-3
3º Ceará (*)	9	4	1	3	31	15	16

<sup>263</sup> AZEVEDO, Nirez de. "História do Campeonato Cearense de Futebol". Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. p. 52.

<sup>264</sup> Idem, Ibidem. p. 55.

4º Maguary (**)	8	3	2	3	22	18	4
5º América (*)	4	1	2	5	14	33	-19
6º Fortaleza (**)	2	0	2	6	16	29	-13
7º Peñarol – Eliminado no turno classificatório							
(*) faltou cumprir um jogo							
(**) faltou cumprir dois jogos							

O Fortaleza em 1940 não alcançou nenhuma vitória. Se não considerarmos a participação do Peñarol, que nem disputou a fase final, o time do Fortaleza ficou em último lugar, situação que amargaria nos campeonatos de 1942 e 1943.

Ficava claro que, sem jogadores profissionais, obter resultados positivos seria bastante difícil. O Maguary e o Fortaleza, que sempre estiveram no topo das tabelas classificatórias entre 1939 e 1945, não conseguiram a regularidade de vitórias dos anos anteriores. Segue a tabela com a participação e a classificação destes dois times durante esse período.

Ano	No. de participantes no campeonato cearense	Fortaleza E. Clube - posição na tabela	Maguary Foot-ball Club posição na tabela
1939	7 participantes	5º. lugar	4º. lugar
1940	7 participantes	6º. lugar	4º. lugar
1941	7 participantes	2º. lugar	3º. lugar
1942	6 participantes	6º. lugar	3º. lugar
1943	5 participantes	4º. lugar	1º. lugar
1944	6 participantes <sup>265</sup>	3º. lugar	1º. lugar
1945	5 participantes	3º. lugar	2º. lugar

Em 1941, o Fortaleza começou a praticar o profissionalismo, contratando um dos jogadores do Ceará. Tal atitude favoreceu a recuperação de posição na tabela acima, mas sua relutância pelo não profissionalismo fez com que os resultados se mantivessem pífios. Para o campeonato do ano seguinte, o Fortaleza foi buscar seus reforços no subúrbio, uma contradição a sua visão a respeito do profissionalismo, pois o time não aceitava jogadores profissionais, mas pagava a jogadores do subúrbio - uma incoerência. Para Valdemar Caracas, era o chamado “semiprofissionalismo”. Os times amadores pagavam a jogadores de menor condição financeira uma “jóia”, e estes jogavam durante uma temporada a ser combinada.

<sup>265</sup> Dois times (Ceará e Peñarol) abandonaram o campeonato antes da sua conclusão.



Ao analisarmos o histórico de resultados que o Maguary atravessou nessa fase mostrada na tabela, podemos dividi-lo em dois períodos. Na primeira metade do tempo, o time sofreu péssimos resultados, sempre se situando na parte inferior das classificações. Nos últimos três anos apontados, o Maguary se redimiou da situação em que se encontrava dentro do novo modelo esportista, conseguindo driblar o profissionalismo, e chegou a ser campeão estadual por duas vezes seguidas. Seu modelo amador fica visível na postura de seus atletas ainda em 1941, como se vê na foto abaixo, a qual lembra as primeiras fotos do futebol no começo do século encontradas nessa dissertação.



266

O novo futebol cearense, inaugurado em 1939 com o profissionalismo, ainda sofreria algumas mudanças importantes na sua configuração. No início da década seguinte, em 1941, a então ADC (Associação Desportiva Cearense) mudaria de nome para FCD (Federação Cearense de Desportes). No ano posterior, seguindo-se recomendação da entidade maior, a CBD (Confederação Brasileira de Desportes), foi feita uma lista dos times associados com seus patrimônios. “Os times eram apenas uma junção de atletas, não existindo uma só equipe possuidora de sede própria, um campo ou uma propriedade qualquer”.<sup>267</sup> Motivo justo para acreditar que a história dos times locais estava fadada a existir graças à memória dos seus *sportsmen* ou àquilo que estava escrito nos jornais que se mantêm conservados. As poucas coisas levantadas como patrimônio foram

<sup>266</sup> Jornal O Povo, Ano XIV, 20.05.1941. nº 4696. p. 01

<sup>267</sup> AZEVEDO, Nirez de. “História do Campeonato Cearense de Futebol”. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. p. 62.

“cadeiras, mesas e taças”.<sup>268</sup> Não é de estranhar a dificuldade de se encontrar informações que não sejam de jornais a respeito, por exemplo, do Maguary Football Club, que existiu com sede recreativa até a década de 1970. Nesse ano tentou voltar aos gramados, mas em 1976 sua sede foi vendida para a COELCE (Companhia Energética do Ceará)<sup>269</sup>. Estava encerrada a história do Maguary, e seu acervo pode ter seguido inúmeros caminhos. O mais provável é que os troféus tenham sido divididos entre os antigos sócio-fundadores e familiares, e os “papéis velhos” ou tenham ido para a lata do lixo ou tenham sido queimados.

Chegamos à parte final da dissertação: os últimos momentos do futebol amador e a tomada do campeonato pelos jogadores oriundos das classes subalternas.

As equipes de cunho operário que inauguraram o futebol profissional, como já visto, foram o Ferroviário, Estrela do Mar e o Tramways. Os dois últimos tiveram vida curta, aparecendo em 1938, por causa da avalanche de filiações de times do ano de 1938, e morrendo alguns anos depois com os maus resultados obtidos nos campeonatos subseqüentes a seu apogeu. O time do Tramways entrou no campeonato de 1939, mas foi no ano seguinte que conseguiu seu melhor resultado, campeão estadual da liga promovida pela ADC.

Nasceu o ano de 1941, mas ainda se jogava a temporada de 1940. Essa frase ainda hoje soa esquisita para qualquer brasileiro, pois nos acostumamos a ver o campeonato nacional de futebol começar e terminar no ano corrente ao jogado o campeonato. Mesmo não sendo uma regra, tornou-se hábito. O “Estatuto do Torcedor” somente informa que o calendário de esportes nacional é anual, não impondo o início e o fim num mesmo ano, apenas correspondendo a um período de 12 meses em que as entidades desportivas têm o direito de participar de torneios e jogos por pelo menos dez meses, como consta no artigo oitavo do estatuto:

Art. 8o As competições de atletas profissionais de que participem entidades integrantes da organização desportiva do País deverão ser promovidas de acordo com calendário anual de eventos oficiais que:

---

<sup>268</sup> Idem, Ibidem.

<sup>269</sup> AZEVEDO, Nirez de. “História do Campeonato Cearense de Futebol”. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002.

- I - garanta às entidades de prática desportiva participação em competições durante pelo menos dez meses do ano;
- II - adote, em pelo menos uma competição de âmbito nacional, sistema de disputa em que as equipes participantes conheçam, previamente ao seu início, a quantidade de partidas que disputarão, bem como seus adversários.<sup>270</sup>

Contudo, naquele período de Estado Novo observa-se que os campeonatos de futebol cearense não obedeciam ao hábito atual. As disputas do campeonato cearense iniciavam normalmente em abril de um ano, terminando em fevereiro do ano seguinte. Era comum que esses campeonatos se prolongassem porque os times normalmente viajavam para outros estados para realizar “temporadas”. Diz Valdemar Caracas que as “temporadas” eram “quando um time viajava para outro estado para jogar amistosos e passava uma temporada fora de casa”.<sup>271</sup> No filme biográfico de Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido por Pelé, o narrador conclui que o time do Santos Futebol Clube só conseguiu manter o maior jogador de futebol de todos os tempos devido às temporadas internacionais. Arrecadava-se dinheiro para pagar as “estrelas” daquele time. Esse fato era corrente como mostra o jornal O Povo de 1941:

“Está quase certa a temporada do América. A vinda do time de Tadeu ao norte do país já está sendo anunciada da imprensa do Rio e entre as capitais incluídas na relação publicada nos jornais cariocas figura Fortaleza.

(...)

Nestas condições, se de fato o América vier a exhibir-se (sic) em Fortaleza, quais serão os times que enfrentarão?”<sup>272</sup>

Essa estrutura de arrecadação de dinheiro para manutenção dos times foi uma prática corrente, não só para os times do Sul, mas também para os do Norte do país. Contudo, também a vinda de times mais qualificados profissionalmente permitia aos clubes aprenderem novas estruturas de treinamento e de organização administrativa, uma realidade inspiradora para as demais equipes.

Sobre o título de 1940, conquistado pelo Tramways, pode-se dizer que sua campanha foi espetacular. Os jogadores da companhia de Luz e Bondes da

<sup>270</sup> Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003. Estatuto do Torcedor. Capítulo 2

<sup>271</sup> Entrevista com Valdemar Cabral Caracas. 30.04.2005.

<sup>272</sup> Jornal O Povo, ano XIV, 10.01.1941. nº 4589. p. 1.

cidade desfizeram a má impressão da primeira temporada, na qual amargaram sete derrotas em 11 jogos. Já 1940 foi o ano da grande conquista. O time foi campeão invicto: “faltando cumprir três jogos o Tramways já era campeão, razão pela qual o término do campeonato foi antecipado”.<sup>273</sup> Pode-se observar essa trajetória pela tabela das páginas 132/133.

O apogeu do Tramways está relacionado ao profissionalismo. O time podia contratar e manter jogadores filiando-os à folha de pagamentos da companhia. O jogador era contratado para trabalhar na Tramways Light & Co. e treinava durante a semana, folgando o trabalho, tática devidamente aceita pelo patronato para obtenção de bons resultados.

O Ferroviário seguia o mesmo padrão, obedecendo a uma ordem de treinamentos que até então os outros times não possuíam. As equipes amadoras apenas praticavam o *match* sem nenhuma preparação anterior. Diz Valdemar Caracas sobre a preparação do seu time:

“Dois meio-dias, a gente só tinha dois dias por semana (...). O treino eram dois treino. O primeiro era o treino físico, do preparo físico, era uma corrida lá pela praia. Eu consegui do Zé Vilela que era colega meu da estrada de Ferro, escriturário como eu era. O Vilela entendia de educação física e ia dar os treinos da praia. Na volta da praia eles passavam na estação central e eu pagava um leite, um copo de leite para cada jogador, isso era de manhã. Uma vez por semana. Naturalmente, num era nunca segunda-feira, era quarta-feira mais ou menos, depende se eu ia jogar, ou terça.

Tinha o treino de apronto, que era o treino em conjunto. Num podia ser sábado, se eu ia jogar domingo, tinha que ser quinta-feira, quarta-feira, quinta-feira. Em geral, terça-feira era o treino físico e quinta, o treino coletivo.

Não dava para pagar concentração, então eu tinha o roupeiro Lauro Correia Nobre. Eu mandava o roupeiro visitar os jogadores de noite na casa antes do jogo para ver se eles tavam dormindo. Mas ninguém sabia, ele fazia uma visita de cortesia, todo mundo gostava dele e tal, mas ele ia incumbido por mim. Nunca teve um dia que um jogador não tivesse em casa”.<sup>274</sup>

A estrutura descrita por Valdemar nos permite visualizar uma estrutura desportiva diferenciada dos times amadores que preferiam jogar apenas nos finais de semana, no dia do jogo. O time do Ferroviário possuía um treinador que

<sup>273</sup> Idem, Ibidem. p. 55.

<sup>274</sup> Entrevista Valdemar Cabral Caracas. 22.04.2005.

controlava toda uma equipe técnica, de preparador físico a roupeiro, todos funcionários da Rede de Viação Cearense. Os jogadores tinham privilégios, não se enquadravam no funcionalismo comum; estavam na companhia para obter vitórias em campo, não precisando ser nenhum especialista na sua função. Valdemar deixou escapar esse detalhe quando perguntei das faltas ao trabalho na segunda-feira depois dos jogos:

“— Havia faltas na segunda por conta de contusão ou outro motivo qualquer?

Valdemar respondeu:

Não, jogador não faltava não, mas se tivesse contusão eu mandava abonar. O jogador tinha que trabalhar. Eu arrumava um emprego, era 10 mil réis por dia. Eu empregava o jogador e ele ia trabalhar. O Pipi era torneiro, mas num sabia nem o que era torno. O Benedito, eu trouxe ele do Piauí, torneiro. O Chinês era marceneiro. Cada um tinha sua função”.<sup>275</sup>

O time campeão de 1945 tinha jogadores profissionais que trabalhavam na companhia e que não compreendiam a funcionalidade do seu cargo, exemplo do atacante Pipi. Cada um tinha uma função específica na empresa, todavia suas melhores atuações ficavam no campo de futebol, nunca na estrada de ferro.

Esse time que foi vice-campeão em 1940 começava a década como uma sensação para os amantes de futebol e possuía o respeito que anteriormente não lhe foi dado. Não foi noticiada sua composição/fundação no início da década de 1930 pelos jornais. Foi desconsiderado pela ADC no ato de filiação “pelo seu ímpeto”<sup>276</sup> agressivo de disputar uma partida de futebol, conforme afirmou Valdemar Caracas ao informar que, no pedido em 1938, o Ferroviário foi visto com maus olhos, por sua indisciplina diante do juiz e pela concepção do *foot-ball* para os *sportsmen*<sup>277</sup>.

Seu vice-campeonato, junto com o título do Tramways, permitiu que os times locais ponderassem sua posição diante do futebol e considerassem uma nova meta para os aspectos pertinentes à prática desportiva. O Ceará, por exemplo, que já partira na frente dos times tradicionais, acirrou mais o seu profissionalismo. Discordo dos boleiros que dizem que o Ceará se transformou

---

<sup>275</sup> Idem.

<sup>276</sup> Idem.

<sup>277</sup> Idem.

num time popular porque foi a primeira equipe tradicional a aceitar negros, parecendo até reprodução do pensamento de Mario Filho<sup>278</sup>. Até aquele momento, segundo Nirez de Azevedo e Valdemar Caracas, os times que dividiam a torcida do fortalezense eram o Fortaleza e o Maguary, sendo o segundo o que tinha maior torcida. Dos times tradicionais foi o Ceará que primeiro se profissionalizou e pagou jogadores para disputar o campeonato cearense. A profissionalização não abarcava apenas uma folha corrida, mas uma estrutura de trabalho. Essa estrutura permitiu ao time alvinegro disputar de igual para igual contra Ferroviário e Tramways, conseguindo dois títulos seguidos em 1941 e 42.

O Ferroviário cercou a conquista da taça em disputa, da sua inserção no campeonato local até o ano do título. Foi vice-campeão em 1940 e 42 e terceiro lugar em 1943 e 44. O título de 1945 é uma consagração indubitável para o time da classe. O alvoroço da vitória do Tramways foi apagado por seus maus resultados posteriores e por sua deserção dos campos de futebol. O Ferroviário, ao contrário, perdura como time de futebol até os dias atuais. Sua vitória é significativa. Com o campeonato disputado em dois turnos, o primeiro foi vencido pelo Ferroviário e o segundo pelo Maguary. Nirez de Azevedo conta: “Na melhor de três jogos, só houve um jogo: Ferroviário 3 x 1 Maguary, com o time da estrada de ferro sagrando-se campeão. O Maguary desistiu do segundo jogo”.<sup>279</sup>

No ano seguinte o Maguary fechava o departamento de futebol, “alegando dificuldades financeiras”.<sup>280</sup> O time vinha de dois títulos seguidos, e acabar o departamento de futebol era um grande contra-senso para quem acumulava inúmeras vitórias desde 1942. Para o boleiro Nirez de Azevedo, o título poderia ter mantido o time do Maguary por mais um ano na competição. Para mim, a derrota contra o time dos operários da Estrada de Ferro foi vital para a decisão de fechar as portas para a prática desportiva do futebol. Os *sportsmen* do Maguary perceberam que o mundo do profissionalismo de fato tinha chegado. Perder para o Ferroviário os empurrava para duas fatídicas escolhas: ou render-se

---

<sup>278</sup> Mario FILHO. “O Negro no Futebol Brasileiro”. 4ª. edição. Rio de Janeiro: Editora MAUAD, 2003.

<sup>279</sup> AZEVEDO, Nirez de. “História do Campeonato Cearense de Futebol”. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. p. 70.

<sup>280</sup> Idem, *Ibidem*. p. 72

ao profissionalismo, ou fechar o departamento de futebol. Para os *gentlemen* do esporte, que ainda acreditavam na pureza do jogo como da concepção deste no Brasil, seguir o caminho de Marcos Mendonça era a opção mais viável<sup>281</sup>.

No dia 17 de fevereiro de 1946, quando se realizou a última partida do campeonato do ano anterior, finalmente o Ferroviário Atlético Clube triunfava no campeonato dos *sportsmen*. Viu seu rival antagônico fechar suas portas e, como time da classe e campeão, inaugurava uma nova era para o futebol cearense.

---

<sup>281</sup> Ver na página 103 dessa dissertação.

## **Conclusão: Resenha Desportiva: todos descem as arquibancadas e voltam para casa...**

Futebol – a partida de futebol é mais disputada por torcedores do que por atletas no campo.

Por Aí – No futebol, cada clube não tem uma torcida, tem um partido organizado, e eles se aliam ou se separam conforme os azares do campeonato.

(Carlos Drummond de Andrade – Correio da Manhã 24/07/66)

O futebol não pode ser mais considerado simplesmente como esporte. De fato, não é. Em nenhum lugar do mundo existe algo tão ecumênico, político e social, com exceção das religiões, para movimentar a sociedade como o futebol.

Por mais que se odeie esse esporte, a realidade do ódio pelo futebol é apenas uma representação de seu “poder” perante os demais. Você não odeia badminton! Você apenas não dá atenção a algo considerado tão insignificante para o brasileiro. Odiar já é perceber a existência do algo, sentir-se incomodado a ponto de ele interferir tanto na sua vida que você o odeie. Normalmente, são mulheres que perdem seus homens para as peladas de fim de semana ou atletas de alto nível que praticam esportes ignorados pela mídia.

Aqueles que amam o futebol sabem que ele faz parte de sua vida. O futebol na verdade é mais importante do que o que está acontecendo no mundo político nacional. Para dar um exemplo da magnitude do esporte em questão, basta lembrar que a torcida do Bahia organizou uma passeata contra sua diretoria depois de perder por sete a dois para o Ferroviário Atlético Clube, num jogo da terceira divisão do Campeonato Brasileiro de 2006. A passeata foi organizada por uma torcida organizada do clube baiano. O sítio eletrônico Terra entrevistou o organizador da manifestação que dizia:

“Segundo o diretor da torcida organizada, Cristóvão Contreiras, o protesto será pacífico e tem como principal objetivo exigir a renúncia do presidente do clube, Petrônio Barradas.

‘O Bahia não é dele, é da torcida, de uma nação e essa nação quer que ele saia. É preciso ter uma mudança radical. Queremos



uma limpeza e que pessoas competentes passem a estar à frente do Bahia’, disparou.

‘A situação é a pior possível, está falido e esse grupo fica jogando poeira nos olhos do torcedor. Os outros clubes estão evoluindo e o Bahia não, por isso queremos que haja uma modernização’, afirmou Contreiras”.<sup>282</sup>

Essa passeata é reflexo de uma estrutura social que privilegia o futebol e põe em segundo plano as necessidades básicas da sociedade brasileira. Se não contarmos com a movimentação dos “caras-pintadas” em 1992 - em parte uma movimentação estudantil, em parte uma manipulação midiática - a última manifestação popular forte e de impacto foram as “Diretas Já” em 1984.

O futebol foi sempre bem utilizado pelos políticos como ponte para sua relação de benefícios com a massa. Carlos Drummond de Andrade foi um dos primeiros intelectuais a perceber esse artefato das elites. O literato publicou alguns artigos no *Correio da Manhã* fazendo menção clara a essa utilização inadequada do esporte:

“No palanque armado para receber os campeões do mundo, nosso atual presidente [Juscelino Kubistchek], visivelmente satisfeito, mostrava, sem embargo disso, uma ponta de inquietação, que me intrigou. Parecia estar e não estar ali, com um olho na multidão e o outro na reforma do Ministério. Dirigia a vista para um e para outro lado, à procura do homem ou dos homens providenciais que lhe formassem uma grande equipe, do valor daquela que vencera o futebol, (...) Garrincha e Vavá para a Agricultura e o Trabalho, isso não havia”.<sup>283</sup>

Sugeriu ironicamente Drummond que JK pensava em utilizar o *scratch* para abafar ou desviar as vistas da reforma ministerial. Mais é o próprio poeta que nos faz menção da importância do futebol para o mundo do trabalho, dizendo: “O futebol trouxe ao proletário urbano e rural a chave ao autoconhecimento, habilitando-o a uma ascensão a que o simples trabalho não dera ensejo”.<sup>284</sup> Se em determinado período da história recente do Brasil o futebol foi usado de forma dissimulada, e nos anos da Ditadura Militar era representação da “política do pão e circo”, ele também fez parte da construção social e política dos trabalhadores.

<sup>282</sup> Sítio Eletrônico Terra Esportes 17/11/2006 In: <http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro2006/interna/0,,OI1255835-EI6570,00.html>

<sup>283</sup> Carlos Drummond de ANDRADE. “Quando é dia de Futebol?” Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record, 2002. p. 41.

<sup>284</sup> Idem, *Ibidem*. p. 38.

O grande problema que enfrentamos como historiadores é que a História resolveu deixar esse objeto social de lado até a alvorada do século XXI<sup>285</sup>. Se não fossem os trabalhos recentes de Eric Hobsbawm, citando inúmeras vezes em seus artigos a importância do futebol para a formação da classe operária, assim como a escrita fervorosa de José Sérgio Leite Lopes ou o trabalho inefável de Leonardo Affonso de Miranda Pereira, eu provavelmente não teria visto o futebol como esse espaço de conflito.

O futebol torna-se parte das relações de trabalho, é aspecto de lazer e descanso dos trabalhadores, tanto nos finais de semana quanto nas folgas da jornada de trabalho. Observei que o uso do esporte produz uma relação de aglutinação dos trabalhadores; ele é favorável à formação da classe, mas não é um aspecto único dentro dessa complexidade de fatores organizativos da classe obreira.

Os ferroviários foram utilizados como objeto primário na minha dissertação devido a alguns fatores motivadores. Primeiro, por sua classificação e organização no mundo do trabalho. Segundo, por terem ainda hoje um dos times de origem operária de maior força e maior expressão no âmbito do futebol nacional. E terceiro, por terem praticamente inaugurado o futebol profissional na cidade de Fortaleza.

Vimos que o esporte em Fortaleza se iniciou na dualidade entre um futebol elitista e um futebol praticado pelos trabalhadores do cais do porto. Os “*players*” disputavam a pelota entre um espaço de sociabilidade das elites e a área de trabalho dos estivadores. Os trabalhadores do cais foram nomeados de ingleses, em parte por algum deles ter descendência inglesa, e por outro lado, porque era uma forma de associação com a burguesia capitalista mundial que ditava as regras sociais daquele mundo. Compreendemos que o ocorrido descrito favoreceu para que as memórias dos primeiros trabalhadores jogando futebol fossem negadas. Quando se jogaram as primeiras partidas viviam os

---

<sup>285</sup> Considero que as relações que constroem o século XXI se iniciam com a queda do Muro de Berlim e o final da bipolarização do mundo, seguindo de perto a periodização construída por Eric Hobsbawm a respeito do longo século XIX, o breve século XX e o novo século.

fortalezenses um mundo em prol da *elegance* da *belle époque*; não foi à toa que as falas dos trabalhadores foram negadas, e sua participação, camuflada.

A inserção do futebol ocorreu através dos trabalhadores do cais e da instigação dos filhos da elite local. Os garotos voltavam fervorosos dos seus estudos e do contato com o novo esporte, na Europa ou no sul do Brasil. Não podemos afirmar quem primeiro chutou uma bola em Fortaleza. Mesmo não tendo sentido discutir isso, o fato é que esses dois vieses foram de vital importância para a solidificação do esporte na cidade.

A década de 1930 confirmou a solidificação dos trabalhadores em torno da bola e a decadência do futebol amador elitista. Um dos fatores que levou à derrocada dos times elitistas foi a falta de patrimônio de seus times. Sem patrimônio, conseqüentemente sem condições de capitalizar recursos no final dos anos 30 e início da década seguinte, os times do Fortaleza, Ceará e Maguary viram as equipes de origem classista passear nos gramados locais. Apoiados pelo governo federal, os times operários ganharam corpo e campeonatos.

Para mim, o grande legado desse trabalho é perceber que os trabalhadores mantinham seus espaços de lazer, e era nesses espaços que eles podiam discutir seus problemas cotidianos. Não acredito que as sessões, por exemplo, da beneficência dos ferroviários pudessem dar conta de toda a problemática, haja vista sua periodicidade ser bastante espaçada. Era no lazer que as famílias dos trabalhadores se reuniam, podiam comparar realidades, discutir seus problemas e, também, se divertir, esquecendo o mundo do trabalho.

O trabalho *Do Passeio Público à Ferrovia* tentou dar conta da participação dos trabalhadores fortalezenses na construção de seu lazer desportivo, um espaço de aglutinação e associação da classe operária. Esta não era homogênea, tinha bastantes diferenças sociais, e dentro dela havia privilegiados. A luta dos trabalhadores não era tão clara quanto num jogo de tênis em que cada oponente sabe em que lado da quadra deve estar. No futebol, todos percorrem o mesmo espaço. Os objetivos antagônicos permitem criar as diferenças, mas dentro do próprio time não há harmonia. Uns se fazem mais

importantes, outros querem mais atenção e respeito, apenas o goleiro tem seu espaço limitado, mas também ele é diferente!

Através do futebol também podemos observar o mundo moderno. Ele é uma lupa que favorece ao observador perceber nuances que no dia a dia foram deixadas de lado.

Agradeço a todos que chegaram até aqui, “numa jogada emocionante, nosso time venceu por um a zero e a torcida gritou”.<sup>286</sup>

---

<sup>286</sup> Trecho da música 1x0, Letra: Nelson Ângelo, Música: Pixinguinha.

## FONTES

### FONTES ESCRITAS

#### Relatos de memorialistas:

ALENCAR, Edgar de. **Fortaleza de Ontem e Anteontem**. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1972.

AZEVEDO, Nirez de. **História do Campeonato Cearense de Futebol**. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002.

CARACAS, Valdemar Cabral. **Alguma Memória**. Fortaleza: Edição Própria, 2002.

DAMASCENO, Alberto. **Futebol Cearense: Um século de História**. Fortaleza, 2002.

GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a Crônica Histórica**. Fortaleza: Editora UFC, 2000.

GIRÃO, Raimundo. **Palestina: uma agulha e as saudades**. Fortaleza: Editora UFC, 1972.

MAIA, Frederico. **A Verdadeira História do Futebol Cearense**. Fortaleza: Edição Própria, 1955.

#### Jornais e Periódicos:

Biblioteca Menezes Pimentel: Setor de Microfilmagem e Periódicos

- *Jornal O Povo* (1928 – 1945)
- *Jornal O Povo* (22/08/1977)
- *Jornal Gazeta de Notícias* (1928 – 1945)
- *Jornal A Razão* (1930 – 1937)

#### Internet:

Sítio eletrônico: <http://www.crl.edu/content/brazil/cea.htm>

- Relatórios do Presidente de Estado (1930 – 1945)

Sítio eletrônico: <http://paginas.terra.com.br/esporte/rsssfbrazil/historicne.htm#ce>

- Resultados Históricos do Campeonato Cearense

### **Registros Cartoriais:**

Acervo do Cartório Pergentino Maia:

Ata de fundação da Associação Desportiva Cearense (ADC)

### **Registros da Beneficência dos Ferroviários:**

Acervo da Sociedade Beneficente dos Ferroviários:

Atas de Reunião (1919 – 1939)

## **FONTES VISUAIS**

### **Fontes Iconográficas**

\* Acervo de Nirez de Azevedo:

Nirez de Azevedo é um memorialista e colecionador, possui um arquivo iconográfico vasto das fotos dos clubes e jogadores da cidade de Fortaleza, dos primeiros momentos da década de 1900 até os dias atuais. Mora na rua Jaime Benévolo, nº 757.

\* Acervo Valdemar Caracas:

Fundador oficial do Ferroviário Atlético Clube, disponibiliza em sua casa algumas fotos do clube que ajudou a legalizar. São marcantes as primeiras fotos tiradas do Ferroviário, em 1939, ano da ascensão do Ferroviário a liga cearense promovida pela, até então, ADC (Associação Desportiva Cearense). Mora na rua Soriano Albuquerque, próximo à avenida Rui Barbosa.

## **FONTES ORAIS**

### \* Entrevista com Alberto Damasceno:

Ex-radialista e atual presidente do América, ele mora atualmente no Lago Jacarey. No final da década de 1930 e começou a carreira de jornalista na cidade de Fortaleza e foi um dos primeiros jornalistas esportivos da cidade.

Faixa etária: cerca de 75 anos

Duração das entrevistas: duas fitas / 4 horas de gravação.

### \* Entrevista com Valdemar Caracas:

Ex-funcionário da RVC (Rede de Viação Cearense), trabalhou como escriturário. Ponto de intermédio entre a Classe e o Patronato, um moderado, assim como ele próprio se via. Ele foi, também, o fundador oficial do Ferroviário Atlético Clube.

Idade: 99 anos.

Duração das entrevistas: quatro fitas / 7 horas de gravação

### \* Entrevista com Manoelzinho:

Ex-funcionário da RVC (Rede de Viação Cearense), trabalhou como soldador da oficina do Urubu e jogou futebol pelo time do Ferroviário Atlético Clube. Jogou profissionalmente entre 1946 e 1961 pelo time da Estrada de Ferro.

Idade: 80 anos.

Duração das entrevistas: uma fita / 2 horas de gravação.

### \* Entrevista com José Cândido:

Ex- jogador profissional durante as décadas de 1930 e 1940. Jogou pelo Ceará Sporting Club, América Futebol Clube e Maguary Foot-ball Club.

Duração da entrevista: uma fita / 20 minutos

## Bibliografia

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Editora Maliad, 2002.

BATALHA, Cláudio & SILVA, Fernando Teixeira da & FORTES, Alexandre (org), **Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2004.

BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, Carnaval e Capoeira: Entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas: Papyrus, 2000

CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados: Rio de Janeiro a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 2ª. Edição. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. **Visões da Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.13-28.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.

DESAN, Suzanne. **Massas, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis**. In: HUNT, L. A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JORGE, Ferreira & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo, do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. v.2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FARIAS, Airton de. **Ferrovário: Nos trilhos da Vitória**. Fortaleza: Ed. Livro Técnico, 2005

FERREIRA, Marieta de Moraes. **“História, tempo presente e história oral”**. In: Revista TOPOI nº 05. História Social, Rio de Janeiro: UFRJ, Set/2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.



FICO, Carlos. **O Brasil no contexto da Guerra Fria: democracia, subdesenvolvimento e ideologia do planejamento (1946 – 1964)**. In: MOTA, Carlos Guilherme. Viagem Incompleta. A experiência Brasileira (1500 – 2000): a grande transação. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 4ª. Edição. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003

FRANZINI, Fábio. **Corações na Ponta da Chuteira: Capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 – 1938)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2004

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.15-34.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: Dimensões Históricas e Socioculturais do Esporte das Multidões**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2002.

GOMES, Angela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. 3ª. edição. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2005.

GONDIM, Linda. **Os “Governos das Mudanças” (1987 – 1994)** In: SOUZA, Simone de. Uma Nova História do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

GRAMSCI, Antônio. **Escritos Políticos (1910 – 1920), volume 1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004

HOBSBAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho: Novos Estudos Sobre a História Operária**. 3ª. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os Trabalhadores: estudos sobre a História do Operariado**. 2ª. edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas – SP: Editora Unicamp, 1996.

LEVI, Giovanni. **Usos da Biografia**. FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

LOVE, Joseph L. **A república brasileira: federalismo e regionalismo (1889 – 1937)**. In: MOTA, Carlos Guilherme. Viagem Incompleta. A experiência Brasileira (1500 – 2000): a grande transação. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

MURRAY, Bill. **Uma História do Futebol**. São Paulo: HEDRA, 2000.

NEGRO, Antonio Luigi & SILVA, Sergio. **E. P. Thompson: a peculiaridade dos ingleses e outros artigos**. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2001.

NEVES, Frederico de Castro. **Para Futuros Historiadores: Teoria e História na Música de Chico Buarque de Holanda**. In: Antônio Germano Magalhães Júnior; José Gerardo Vasconcelos. (Org.). Linguagens da História. Fortaleza: imprece, 2003.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PANDOLFI, Dulce. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PAULA, Jeziel de. **1932: Imagens construindo a História**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1998

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PINTO, Rodrigo M. S.. **Fortaleza da Pelota: do *Foot-ball high-society* ao Futebol Proletário (1904 – 1934)**. Fortaleza: Monografia de Bacharelado em História – UFC, 2004.

\_\_\_\_\_. **Memórias de um boleiro: dos olhos do mito-fundador à experiência do futebol ferroviário**. São Luís: Anais do V Encontro de História Oral do Nordeste, 2005.

PONTE, Sebastião Rogério. **A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle**. In: SOUZA, Simone de. Uma Nova História do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

RALLE, Michel. **A Festa Militante: o espaço festivo dos operários diante da identidade social (Espanha, 1850 – 1920)**. In: BATALHA, Cláudio e SILVA, Fernando Teixeira da & FORTES, Alexandre (org), Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2004.

REVISTA USP nº 22. **Dossiê Futebol**. São Paulo: USP, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade**. In: Fernando NOVAIS & Lilia Moritz SCHWARCZ. História da Vida Privada no Brasil v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

SKIDMORE, Thomas. **Brasil – De Getulio a Castelo (1930-1964)**. São Paulo: Paz e Terra, 2003

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa I, A Árvore da Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: A Questão do Outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 3–16.

VAINFAS, Ronaldo. **Micro-História: Os Protagonistas Anônimos da História**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamoforse**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História: Foucault revoluciona a História**. Brasília: UNB, 1998.

## Anexo

O Ferroviário teve a vantagem de logo de saída ser um grande clube do ponto de vista técnico e uma agremiação apoiada por grande torcida desde o seu nascedouro. Fundado em 1938, em 1939 já era uma das principais forças esportivas do Estado e já iniciava a era do profissionalismo, de que foi o precursor no futebol cearense, revelando, assim, a sua força de comando entre os demais participantes do campeonato da cidade. Na sua equipe de 1939 (foto) já figurava o médio Popó, contratado do América do Recife, e o piauiense Boinha. Era o início do profissionalismo que hoje vivemos com atletas custando enormes somas, acompanhando o ritmo de outros centros adiantados do país em matéria de futebol.

O. QUADRO DE 1939

Embora já reforçada, a equipe do Ferrim em 1939 era ainda composta de atletas locais, alguns dos quais figuras de projeção na vida social desta capital como Dudu Eduardo Brígido Monteiro, chefe do departamento de publicidade dos Diários Associados; Carioca, dr. Oscar Carioca de Alencar, dentista e oficial da Polícia Militar. Outros que mais tarde se popularizaram: o médio Zimba, que nunca sabia após cada partida qual tinha sido o resultado; Zefélix e Baiano, uma zaga duríssima; o goleiro Puxa-Faca; Zecapinto, que depois se sagraria campeão pelo Transways; o qual mais tarde desapareceria, e outros que depois abandonariam o futebol. O técnico desta equipe era, em 39, o conhecido desportista de ainda hoje, Valdemar Cabral Caracas.

### DEPOIS O PROFISSIONALISMO

No ano seguinte, foi a época das grandes equipes que popularizaram até hoje o simpático clube da RVC. Nem a prolongada fase má por que vem atravessando nos últimos anos conseguiram minar a popularidade do Ferrim. Animados com a vinda de Popó e Boinha, foi implantado o profissionalismo com as contratações de grandes astros do pebol como o "mestre" Zuza, o clássico Lourival, o inimitável Pepê, o excelente goleiro Dias, o famoso centro médio Miro e o admirável atacante Chinês.

Hoje, o Ferroviário se não tem levantado títulos, é ainda um dos três "grandes" do futebol cearense, arrastando atrás de si uma das maiores torcidas do Estado.

NOTA DA REDAÇÃO. — Solicitamos aos desportistas que possuam velhas fotos e conheçam fatos relacionados com o futebol do passado trazerem ao Departamento de Esportes de O POVO, para figurarem na série de reportagens que publicaremos semanalmente sobre o título: "FATOS E FOTOS QUE O TEMPO NÃO APAGA".



Com esta equipe formada de autênticos valores da época, o Ferroviário disputou o campeonato de 1939, iniciando a era do profissionalismo no futebol cearense. Nesta equipe já figuravam o pernambucano Popó, sua primeira contratação e o piauiense Boinha. Nesta foto, cedida pelo sr. Lauro Brígido Garcia, aparecem jogadores como Carioca, Dudu, Baiano, Zefélix, Puxa-Faca, Gumerindo, Zecapinto e outros.